

L.  
2  
L.

9<sup>a</sup>  
C.Y.  
8862  
1

OBRA'S  
ESPIRITUAES  
POSTHUMAS  
do Veneravel Padre  
FRANCISCO DAS CHAGAS,  
Missionario Apostolico, da Ordem do  
Graphico Padre Sam Francisco,  
da Provincia dos Algarves.  
... dedicadas ás Chagas de  
JESU CHRISTO  
NOSSO REDEMPTOR



EM COIMBRA: Com as licenças necessarias,  
Na Officina de JOSEPH FERREYRA  
Imperissor da Uniuersidade, Anno 1685.  
Acusta de Sebastião Rodrigues, & Iohão Antunes,

AGE  
AUTRIE

卷之三

ASIAH D. X. COLE

Chancery Office, 1616.

1940-1941

1. *Leucostethus* *leucostethus* (Linné)

~~880.2~~

1500.00

220 RIBBERG

卷之三

卷之三

卷之三

卷之三

1972-1973 BRITISH

280. *Opuntia* *versicolor* (L.)

17. សេរីសេរីសេរី

**SANTISSIMAS  
GHAGAS  
DE NOSSO SENHOR  
JESU CHRISTO  
DEDICATORIA.**



AM sey (Soberano Senhor) aquê melhor se dedicarem os affeçōes de hūa Alma tam abrazada em vosso amor, como a do vosso Servo Fr. Antonio das Chagas, sendo a vossas Divinas Chagas; para que servindolhe de Escudo contra a sem razam do Mundo, pudearem sahir a luz a pregar de novo a vossa doutrina: justa he a razão de minha offerta, que a

nam ser assim, errara, pois por divida a  
vós se deve esta Dedicatoria, já que vos-  
sa he tambem a empreza. De vossas Di-  
vinas Chagas sabiraõ estes Discípulos, co-  
mo rios desse mar de misericordias. E se  
o Sabio Rey disse, que se recolhiaõ ouira  
vez os rios para onde sabiraõ: Fluminas  
unde exeunt revertútur; quem duvida se-  
rem divida a vossa Sagrado Peito os af-  
fectos daquella Alma? Em vossas Divi-  
nas Chagas aprendeu o vosso Servo esta  
doutrina, quando pregado em vossa Sagra-  
da Cruz fostes Divino Mestre, que de  
Cadeyra ensinastes, segundo disse S. A-  
gostinho: Crux Christi non solum lectus  
est morientis, sed & Cathedra docentis. E  
assim a vós mesmo dedica outro mais in-  
digno servo este Volume. Por duas razoēs  
o deveis (Senhor) de patrocinar, sendo o  
melhor escudo cõtra a censura. A primei-  
ra, pela materia; a segunda, por seu Au-  
tor.

Pela materia, por serem Meditaçōes  
do Espírito, aquem servis de objecto, que  
dando vozes vosso precioso Sangue ness  
Di-

Divino Lado, està clamando cõtra a sem  
razam de ingratos. Sincor forão as Divi-  
nas Chagas, que vos abrio o odio, encra-  
vando os ossos Sagrados Pés, & Maõs cõ  
duros cõ vos, que entam ficaram mais  
doces, quando vos uniram à Arvore da  
Cruz, donde emanou nossa Redempçam,  
sendo a quinta a lãçada, entaõ mais cruel  
porque ferio o Peito, onde residiao Amor.

E se nam faltou quem dissesse, que foram  
Bocas por onde clamaveis Divino Abel,  
o perdam de nossas culpas; estas sam as  
Vozes, que hoje dam esses duros golpes, q  
vos abrio o odio. E se o Coraçam aberto  
publicou com finezas o Amor, com que  
nos amastes, agora desta fragoa os incê-  
dios lançam em vosso obsequio amorosas  
Faiscas. E se vós todo fostes o Espelho  
mais cristalino de nossa Alma, como  
notou o Veneravel Dromo Hostiense. Fe-  
cisti Domine de Corpore tuo speculum  
animæ meæ: Aqui fez o Author neste  
seu Volume hum Retrato daquelle Espe-  
lho, em que vißemos todos o nosso Espiri-  
to: Com razam digo logo (meu Deus, &

meu Senhor) que o deveis amparar, pois  
sois o Original desta Copia. E quando não  
retrate bem o Prototype, vós o emenday,  
Senhor, dandolhe methores sombras de  
vossa amparo, & tirandolhe as máculas  
de nossos vicios.

Pelo Author tambem vos occorría o  
patrocinio: foi elle tão zeloso de vossa glo-  
ria, que desejou reduzir o Mundo a vossa  
Amor, nas continuas Missões em que an-  
dava, tomando para sy por glorioso timbre  
as Cinco Chagas, que então lhe deram o  
melhor nome, quando amorosamente em  
Espírito se crucificou com vosco, bem imi-  
tando ao Pay Seraphico, aquem destes por  
Armas o melhor Escudo. Ià vinha muito  
de longe a obrigaçam de servir vos cõ tam  
heroico zelo, pois se via prendado cõ tam  
illustre Brazaõ. Foram pois as Chagas  
o Escudo, com que pelejou contra os inimi-  
gos da Alma, Mundo, Diabo, & Carne,  
alcançando com vossa Divina Graça tâ-  
os triunfos, quantos foram os combates.  
E se entam fostes vigilante Argos de  
Jua consciencia, servindolhe de muralha

contr

contra o Inferno; certo he (Senhor) que  
nam faltareis agora a vossos devotos, il-  
lustrando-lhe o entendimento com vossos  
auxilios, para que seguindo os passos des-  
te Espírito, abracem as doutrinas deste  
Volume; & abrazados em Divina Cha-  
ridade, só a Vós suspirem, com vossa Servo  
& Martyr Ignacio, com aquelle mesmo af-  
fecto, com que por vós suspirou: Amor  
meus Crucifixus est.



# PROLOGO.

**F**oi estylo muito observado dos Antigos, aos Varoens Illustres, que lhes roubava a morte, levantar lhes Estatuas, eternizando suas memorias, para que como em sumptuoso throno ficassem nas azas da Fama renascidos Phenizes das pyras de seu amor mais immortais; des pertando com a presençā destas imagens aos vindouros, que segundo o exemplo de seus prototypos, tresladassēm muito ao vivo em sy mesmos o Exemplar, que lhes propunha o affecto dos que os retratavam. Bem o testemunhão os Athenienses, no obsequio com que ao seu Demetrio levantara em candidos Iaspes trezentas, & sessenta Estatuas, repetindo nas figuras o exemplar para a imitaçām; os Lacedemonios com Pausanias, cuja imagem collocaram publicamente em duros Marmores; os Sicilianos cō Opião, de quē delinearam multiplicadas copias em incorruptos Bronzes restituindo vivos à lembrança dos que

os veneravão, aquelles Heroes, que iam  
tavão defuntos.

Seguindo pois (devoto Leytor) este  
tam digno estylo, como piadosa venera-  
ção dos Sabios, julguei acertado offerecer-  
te (por Copia do Varão Apostolico, &  
insigne Mestre de Espírito Frey Antonio  
das Chagas, cujas memorias residem ain-  
da vivas para o sentimento) este breve  
Volume, que a penas de scus escritos pude  
colher, tam digno pella materia que trata,  
como pelo Author que a compoz, onde  
vejas tresladado seu Espírito, neste Com-  
pendio, & admires, como ainda vivo, a  
quelle zello, com que sempre te exhortou,  
qual o Espírito, nam digo de hum Elias, q  
a hum 16 Elizeu se communicou, mas de  
hū Moysés, de quem Deos Senhor Noso  
repartio com muitos, aquem o deu: *Aufe-  
ram de spiritu suo, tradamque eis;* porq o  
ardéte affecto; cō q amava seu Senhor, naó  
se exhaurio na cōmunicāção de muitos, fi-  
cando mais vigoroso, quanto mais com-  
municado.

**Nam de outra sorte, deste Servo de**  
**Deos**

Deos o Espírito, então mais se augmenta nestes ardores do Divino Amor, quando o seu desvello melhor se communica; por isso se divide este Volume em quatro Tratados, para q servindote de despertadores à Alma, dirijas os passos de tua vida para o summo bem. No primeiro verás húa *Semanas Espiritual*, onde te dicta seu Autor húa lição de Prima para a Meditaçam, para q estudando nella os pontos de tua salvaçam, te graduas com a laureola do conhecimento de Deos. No segundo, huma lição de Vespura nas *Vozes do Céo*, com q te falla, em que conheças que tens muito aos ouvidos de tua consciencia as inspirações Celestes, que te admoestão à emenda de tua vida, para q no discurso desta, te levantes do lethargo da culpa, & desprezes aos auxílios da Graça. E porque, se seguindo os documentos santos que te ensina, achares abrazado o coração em afectos, te offerece desta divina fragoa as *Faiscas do Divino Amor*, em q te acendas. E se ainda como escrupuloso de tuas imperfeições temeres aparecer diante sua Divina Majestade,

gestade, vete, & revete no *Espelho do Espírito*, onde comporás os defeitos que se os Philosophos dispuzeram, q trouxessem todos nas mãos, como espelhos em que se vissem, aquellas letras, onde lia cada hum o conhecimento proprio de sua natureza; *Nosce te ipsum*; nas mãos, & ante os olhos te importa (ó prudente Leitor) ter este Livro, q he o mais cristalino Espelho, a q se ha de compor tua consciencia.

Se em vida de seu Author tanto te desvellavas por ouvir sua doutrina, dálhe agora tambem atenção, pois te vem pregá a tua casa: nam imagines, que a morte lhe suspendeo a voz, com q pregava, pois ainda lhe reservou o Espírito, com q te exhorts; que se São Paulo dizia aos Hebreos, q Abel defunto ainda fallava: *Abel defunctus adhuc loquitur*, só porque o sangue clamou; deste Servo de Deos, o Espírito ainda não sossega, pois ainda te clama: tirou a morte à lingoa o vital alento, com q pregava, mas inventou seu Espírito outra melhor eloquencia nas vozes do Céo, com que te exhorts.

Este

Este Volume (Leytor amigo) sahe ho-  
je a luz, fiado no puro de sua materia, & no  
qualificado de seu Author, nam incorrerá  
a censura, que os mais incorrem, & quando  
aches q̄ notar nos quilates deste ouro al-  
gumas fezes, seja contra qué to offerece a  
censura; q̄ como obra post huma, não du-  
vido lhe falte a perfeiçam, com que nasceu  
das mãos de seu Author, & que como taó  
exemplar, seria erro da ingenuidade dei-  
xar entre as cinzas frias do sepulchro tam  
vivos incendios daquelle Espírito. E as-  
sim para mayor gloria de Deos, não passes  
só pelos olhos de tua curiosidade este Li-  
vro, sem q̄ a consciencia o medite, mas an-  
tes com repetidos affectos louva o Sobera-  
no Senhor, q̄ assim te falla por seus Iustos,  
dandolhe aquelle louvor, com q̄ São Boa-  
ventura engrandece aquella Lingua do  
nosso Portuguez em Padua: *O lingua be-  
nedicta, que Dominū semper benedixis-  
ti, & alios benedicere docuisti: nunc perfe-  
ciu è cernitur, quanti meriti fueris apud  
Deum.* Vale.

# LICENÇAS.

*Censura do R. P. M. Fr. Bento de Santo Thomás, da Ordem de S. Domingos.*

**L**I este Livro, & nelle as Obras Espirituais posthumas do Venerael Padre Fr. Antonio das Chagas. Colheite das flores, quando seccas a seminal virtude, que já incluia em animadas; encobrião esta virtude humildes, q̄ de outro modo deixarião de ser flores. Pagou o Veneravel Author desta Obra Posthuma o tributo cōmum: flor fecunda o graduou o Amor de Deos, que em seu coraçam recolheo, nam só para singularizada em hum cubiculo, mas para communicada no pulpito: agora, depois de seca a flor, huma louvavel providencia propoem a todos nesta saudavel doutrina, arte para se colher depois da morte esta virtude, q̄ a humildade recolheo na vida, & agora ferá de outras flores propagadora. Cō a lição della as almas poderão no Amor do Senhor Jesvs abraçadas florecer a elle para igual sorte unidas. Pello q̄ sobre não conter esta Obra coufa algúia q̄ encontre nosla Santa Fè, ou bons costumes, me pareceo muito digna de toda a luz. S. Domingos de Lisboa 27. de Agosto de 1683.

*Fr. Bento de Santo Thomás.*

*Censura do R. P. M. Fr. Manoel da Graça, da  
Ordem de N. S. do Carmo.*

**V**este Livro, intitulado, *Obras Espirituais posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*: & não só não achei nelle cousa dissonante à nossa Santa Fé, ou opposta aos bons costumes; mas me pareceo mui côducente para toda a pia, & perfeita devoçāo; porque tudo o que nelle ha, excita as Almas dos Fieis ao desprezo do mundo, ao Amor de Deos, & ao melhor augmento das mais necessarias virtudes. Convēto do Carmo de Lisboa, 9. de Setembro de 1683.

*Fr. Manoel da Graça.*

*Censura do R. P. Fr. Ioam da Apresentaçām, da  
Ordem de Sam Francisco.*

**SENHOR.**

**P**or mandado de Vossa Magestade li este Livro, intitulado, *Obras Espirituais posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Missionario Apostolico, & Filho da Santa Província dos Algarves*. E nelle se deixa bem ver, que passou o fervor do seu espirito, onde nam pôde chegar algum encarecimento; porque aqui acharām os tibios devoçāo, os cegos claridade, os ignorantes documento, os relaxados reforma, & os grossieiros díscricām. A obra sobre fer heroica, he santa, & onde não ha palavra, que

*nam*

nâm seja húa joya, para tem lugar a censura.  
Quot verba inuenio, tol gemmea munera nosco. Antes porqué merece todo o applauso, pelo devo-  
o, & agudo do estylo, sou de parecer que de-  
ve darle à estampa, para q' veja o mundo nestes  
seus charácteres, que ainda depois de sua mor-  
te, nos intima o zelo que teve da salvação das  
almas, & reformação dos costumes, no tempo  
de sua vida. Vossa Magestade fará o que mais  
conveniente for a seu Real serviço. São Fran-  
cisco de Lisboa 22. de Outubro de 1683.

Fr. João da Apresentação.

**P**odem se tornar a imprimir as Obras pos-  
thumas do P. Fr. Antonio das Chagas, de  
que nesta petição se faz menção, & depois de  
impressas, tornarão pera se conferir, & dar li-  
cença que corram, & sem ella nam correrão.  
Lisboa 10. de Julho de 1685.

Manoel de Moura Manoel. Ieronymo Soares.

João da Costa Pimenta.

**P**odem se tornar a imprimir estas obras de  
que faz menção a petição, & depois tor-  
narão pera se conferir, & dar licença pera cor-  
rer, & sem ella nam correrão. Lisboa 25. de  
Julho de 1685.

Serrão.

**Q**ue se possam imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & despois de impressão tornar à meza pera se taxar, & conferir, & sem isso nam correrá. Lisboa 27. de Julho de 1685.

*Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo.*

**V**isto estarem conforme com o seu original, pôdem correr estas Obras Espirituais posthumas de Fr. Antonio das Chagas. Lisboa 11. de Setembro de 1685.

*Manoel de Moura Manoel. Jeronymo Soares.*

*João da Costa Pimenta.*

**T**áxão este Livro em sete vintens, & meyo. Lisboa 14. de Setembro de 1685.

*Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo.*



# SEMANA ESPIRITUAL, PELO VENERAVEL PADRE FR. ANTONIO DAS CHAGAS.



Horto de Gethsemani he  
figura da perfeita Ora-  
ção: Gethsemani quer  
dizer Valle de abundan-  
cia, porque pelo valle da  
humildade, & pela abun-  
dancia da Cherdade morreo o Senhor  
por nós; desceo dos Ceos à terra pela  
humildade, com que se unio à nossa natu-  
reza, & depois de unirse comnosco, su-

A

bio

bio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessário entrar no Horto da Oração, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas façamos por meditar, & dispor-nos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Prestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oração, assim como fazia o Senhor, para que este costume se faça natureza, & a natureza se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oração (que he subida mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a oração, quanto for possível, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois não só bus-

buscou o Senhor a solidão , mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discípulos, que consigo tinha levado. Deve ser devota , isto he, huma promptidão, & não aquelle gosto sensivel, có que havemos de louvar a Deos, ainda que ( como diz Sam Pedro de Alcantara ) com as consolaçoens do Senhor creíce a devoção, em que consistem as azas, com q voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes que se poz à Oração; isto he ( como diz a Glosa ) Princípio, Meyo, & Fim. Princípio, na fé có que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nos. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negação de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo

esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norte, a Estrada que seguramente nós leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeição quanto fugirmos da mentira das falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Glória, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada húa destas acçoens, que elle obrou em sua Payxão, nos ha de ocupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se se não esmeução bem, não lhe damos bem na sustancia. Necessario he cavar bem a terra, para que se ache a mina; & porque à flor da terra só, quando muito se achão flores; a comida, que não vay bem mastigada, não pôde ser bem digerida, nem proueitosa à natureza: as perolas no fundo do mar se pelcão, & não em sima da agua; por isso nos não cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxão junta. Toda húa noite gastou meu Padre Sam Francisco, sem cuydar mais que em duas palauras: *Meu Deus*

Deos, & todas minhas cousas. Santo Agustinho passou muito tempo sem formar mais que douz conceytos: *Senhor, conheçavos eu a vós, & conheçame a mim.* Gregorio Lopez passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, façase em mim vossa vontade.* O nosso Sam Díogo quasi toda a vida não teve outra Oração, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo. *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra coufa, mais que estas breves palauras: *Dios mio, si hubieras ganado, yo te lo guardara de gracia.* E esta he a altissima Oração, estar sempre em continuo acto de amor de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demasiados, que às vezes dey-  
xando vaidade gastaõ o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuydados de pouco fruto. Serve se Deos dos coraçoens, muito mais que das imaginaçoens: quer as viçtimas abrazadas, ainda que com menos enfeite se apresentem

nos seus altares; toda a maquina de discursus só então ferá proveitosa, quando sirva de nos mover, ou por vernos em sequidão, ou qualquer outra enfermidade que padece às vezes o elpirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada húa aprendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de sinco effeitos, ou por todos: Ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormentos; ou para admirarnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descançar nelle o elpirito suavemente: Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrera outra vez se acaso fora necessario, & pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nós, não nos admiremos de

de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em união mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espírito. Somos já filhos de Deos, & húa mesma coufa com elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos à quella Benaventurança, que pode darse nesta vida, norando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as coufas nelle, & a elle em todas as criaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua união; querendo por sua vontade, & entendendo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a podem ter, & meditar todas esths Horas, & tal vez nem huma só até os que tem algum espírito, se observando as virtudes, que contém cada hum dos dias, ou cada húa das horas, nos guardarmos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçam, & será muito mais util, que outras muitas meditaçōens. Tamben bastará para nos desculpar com Deos, quando não possamos

orar, dizer dentro de nós, em qualquer  
occupação que tenhamos: *O meu Iesus  
está no Horto, ou Coluna, ou no Calvario,  
& eu estou jugando, comendo, rindo, paſſe-  
ando, ou peccando, &c.* conforme o que  
estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da  
Oração, onde os que tem verdadeyro  
espírito oraó, & se resignáona vontade  
de Deos, como Christo: os descuydados  
vão a durmir como os Aposlo's: os que  
tem o coraçam nos interesses do mundo,  
vão a vender a Christo, como Iudas; os  
que nam entram na casa de Deos, mais q  
a offendello, vão a butallo como a co-  
horte. Esta he a figura dos seculares, que  
quando vão à casa da Oração, parece que  
vão armados, & aparelhados só para fa-  
zer desacatos a Deos. Iudas he figura  
dos maos Sacerdotes, que pondose Deos  
nas suas maós, elles com falsos osculos de  
paz dão final ao Demônio, de que o mes-  
mo Deos anda com elles vendido. Os  
Apostolos, figura dos homens espirituales,  
que por descuydos, & omissoens não fa-

zem de todo a v̄ontade a Deos no mayor  
grao da perfeyçāo E Christo verdadeyro  
Original dos perfeitos filhos de Deos, q̄  
a pezar das tribulaçōens, & miseras da  
natureza, sempre estão promptos com o  
espirito para a vontade do Senhor. Quem  
pois quizer aproveitarse destes exépios,  
saberà, se na Oraçāo serve ao corpo, se ao  
espirito, à natureza, ou à graça, ao mun-  
do, ou a Deos.

## SFGVNDA FEYRA.

### MATINAS.

**C**Uydarey q̄ o meu coração he Hor-  
to, aonde o meu Senhor vem a o-  
rar, & chamando a minha Vontade, Me-  
moria, & Entendimento, para que apar-  
tados dos mais sentidos, como S. Pedro,  
Sam Diogo, & Sam Ioaó, dos outros  
Discípulos de Christo, me manda o Se-  
nhor

nhor vigiar, & ter oraçāo, & pedindome  
que o acompanhe na agonia, & tristeza  
que o afflige, & melanconiza, parecer-  
me ha que todo angustiado, & cheyo de  
lagrimas, & penas, tomandome nos bra-  
ços da alma, me diz estas palavras bran-  
damente: Filho, eu aqui estou só, &  
dezemparado, & posto nesta solidão, sem  
haver quem falle comigo, nem quem me  
queira pōr os olhos, peçote pelo meu  
amor, que vires para mim o teu rosto, &  
o teu coração, & que pois te chamo, & te  
busco, me não dezempares tambem, dey-  
xandome nesta tristeza, nesta afflicção,  
nesta agonia, com que vejo perder o mū-  
do por não querer estar comigo, fugin-  
do da minha presença, como da do De-  
monio: mas como tu tambem, meu filho,  
te não atreves a aturarme, & estás morré-  
do por fugirme, por ventura aborrecete  
de que eu te chame, & pesate de eu estar  
contigo? Enfastiate o meu amor? En-  
fadaste de minha vista? Pois sabe de cer-  
to, que menos quero estar no Ceo, q no  
teu coração, & que me agrada muito me-  
nos

nos à companhia dos Anjos, que verme  
em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com  
huma ancia muito de coração, com hum  
amor muito entranhavel, posto a seus  
pés, ou nos seus braços, farey por gastar  
todo o tépo, q̄ destinar para esta hora, em  
hum vivo movimento da alma, & em q̄  
a memoria se perca por sua vista, o enten-  
dimento se pasme em seus beneficios, &  
a vontade arda em seu amor, dandolhe as  
graças de chamarme, & pedindolhe, que  
me não deixe, nem largue da sua mão.

O fruto desta hora ferà, conhecer a  
vocação, com que o Senhor me trouxe à  
sua casa, & escolha, que fez de mim para  
andar em sua presença pela virtude da  
Oração, contra quem (mais que em ou-  
tra parte) mostrando no Horto os inimi-  
gos do Senhor, que se armavão para o ti-  
rar della, & saberem que este he o meyo  
mais efficaz da salvação, & de quem mais  
se teme o Demonio: fazendo pois conta  
que me não convem deyxar só ao meu  
Deos, nem dezemparar ao meu Senhor,  
que

que gosta de que eu o acompanhe, farey muito por ter grande amor ao silencio, & solidão, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome não só dos homens, mas até dos meus proprios sentidos, não durmirey (sobre a vigia que me convem ter na Oraçāo) por não arriscar-me a que me prendão o Mundo, o Diabo, ou a Carne, que no Horto da Alma me cercão, nam querendo por hum alivio, q os sentidos me pòdem dar, pòrme em perigo de cahir, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deyxo a olhos vistos. E com isto exercito a abnegacāo de mim proprio, que he húa das maiores virtudes, que andão na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

### LAUDES.

*vigilate, & orate, ut non intretis intentionem.*

**C** Vydarey como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Horto,

to, elle os vejo a despertar, avisandoos, que vigiasssem, porque não entrassem em tentação; & isto não húa, mas muitas vezes.

Considerarey os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentação toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuydos, & lhe vay muyto em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto: tantas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de sua Payxão, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fruto desta hora o conhecer, que o ter Oração he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidão, que subir ao Horto he favor seu, que durmir nelle he obra minha. E por isto considerarey, que nem por verme na com-

panhia de Deos, que he só de quem me  
vem o amparo, a sufficiencia, & remedio;  
& finalmente pedirlhehey, que pois hum  
Sam pedro, fundamento da sua Igreja, se  
descuydou; que pois hum Sam Ioão em-  
prego de seu amor se esqueceo; que pois  
hum San. Tiago escolha de sua vontade  
se divertio, que isto em todos foi o dur-  
mir, & todos houverão mister que o Se-  
nhor viesse acordallos; que me perdoe os  
meus descuydos, & que esperte os meus  
esquecimentos, & me acorde com seus  
auxilios, pois parece que me desculpa ter-  
rido o homem mais perverso, ser hoje o  
filho mais ingrato, & sempre o servo mais  
inutil.

## PRIMA.

*Avulsus est ab eis.*

**C**Uydarey, que o Senhor logo q̄ poz  
no Horto seus Discipulos, & lhes  
encomendou que orassem, se afastou del-  
les, metendose pelo mais interior do Hor-  
to.

Con-

Considerarey, que quando Deos nos traz mais consigo, & nos sobe a mayor Oração, ou porque fia mais de nós, ou porque de nós não fia muito; se afasta de nós muitas vezes, apartando a confolação, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como então, & só se conhece quem he seu verdadeyro Discipulo, necessario he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que com qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos não move o ar da vaidade, conhecendo que està Deos tam longe de nos deyxar, quando se afasta, q então metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Serà o fruto desta hora a vigilancia sobre nós com a mortificação dos sentidos, pois podemos nesta afflicção, que he prova mais que dezemparo, perderem hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desabrir a mão.

*Et factus in agonia prolixius orabat*

**C**Uydarey como representandose ao Senhor, tudo o que havia de padecer pellos homens, quantos hauião de condenarse ao Inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveytarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarey, que nos males, & tribulaçoes, não se há de perder o ânimo, ainda que se perca o alento, nem se ha de desmayar o espirito, ainda q̄ se desmaye a Alma: antes então com mayor causa chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da sua mão recebemos as obras, os males porque os não receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, & por tudo deve ser benmido, & não nos faz nisto semrezão, pois elle he Senhor de tudo.

Serà

Serà o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, assim no mal, como no bem, pois nós não temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçõens, para que vendo nossa miseria, o engano dos bens do mundo, não queyramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, até que o orvalho do Cèo desça a fecundar a terra, & as sequidoens sejão suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regallo, & não merecimento, mais he nis por elpinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

## SEXTA.

*Non mea, sed tua voluntas fiat.*

**C**Ydarey como o Senhor nesta aflicção dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, se não he possível, que se escuse este Caliz de minha

morte, aqui estou, façase a vossa vontade,  
& não a minha.

Considerarey, que se o Filho de Deos, o Morgado do Céo, o Senhor do Mundo, & o Príncipe da Gloria, só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no Mundo, & nelle foi angustiado, crucificado, & afrontado, que fará hum bichinho da terra, que hontem foi nada, hoje he tam pouco, à manhaã menos, & só pôde ser alguma cousa, quando pondo-se nas maôs de Deos, se resigne na sua vontade.

O fruto desta hora será a Resignação, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se acquire a perfeição de todas; pois se nella não declinarmos, ainda nesta vida com ella gozaremos aquella paz do Espírito, & aquella Bemaventurança da Alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

## NÓ A.

*Apparuit autem illi Angelus de Cælo, cō-  
fortans eum.*

**C**Uydarey, como estando o Senhor suando gotas de sangue, naquelle penoza afflicção lhe apareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Cèo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos Homens, & em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarey quanto devo suar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos verse o suor do coração, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Glória, nas tribulaçõens do mundo, de todos seus poros fez olhos para fazer de todo seu Sangue lagrimas, tendo B ij por

por certo, que não ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda que goste às vezes de os dilatar na tribulação, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quando isto não fora assim, ainda assim não forão dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promete no Cèo.

Serà o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos darà gosto o fim da vida.

## VESPORAS.

*Amice, ad quid venisti.*

**C**vidarey em como o Senhor, sabendo que Iudas o vinha entregar, o foi esperar, & lhe chamou Amigo, perguntádolhe a que vinha, para que confessando elle, & arrependido, ficasse logo perdoad. Nesta

Nesta consideraçā se nos rasgarā m  
logo as entranhas com amor, & admira-  
ção ver qual he a bondade daquelle Di-  
vinissimo Pay; & se verá cō quanto amor  
abraçarā aos que o buscarem, se busca aos  
que o entregão, & chama amigo aos que  
o vendem; que chamarā aos que o ado-  
rāo; pois parece que as entranhas de Iu-  
das se derramarão pela terra, em castigo  
de lhe não verterem pelos olhos em lagri-  
mas, à vista de hum amor, que lhe mo-  
strarão húas entranhas de misericordia.  
Considerarey tambem, que o Senhor me  
pergunta a que vim ao mundo? a que vim  
à Religião? aos officios? às dignidades?  
às fortunas? aos infortunios? à graça, & à  
natureza?

Será o fruto desta hora, ter hūm grā-  
dissimo amor a Deos, cuja bondade in-  
comparavel mais aborrecivel fez a nova  
culpa, pois atē no tempo das offensas nos  
poém diante o seu amor, para envergo-  
nhar nossa ingratidão, & confundir nossa  
maldade. Por isto em tudo o que fizer,  
cuidado que vim só a mallo, & servillo,

& a obedecello, ay darey sempre dizendo:  
 Meu Pay, meu Igeos, & meu Amigo, vós  
 meu amigo, & eu fugindo de vós? vós  
 meu amigo, & eu vendendovos? vós meu  
 amigo, & eu afrontandovos? Eu ao mun-  
 do vim a servirvos; à Religião a obede-  
 cervos; & em fim a adorarvos: isto só  
 quero, & só procuro; nem vós queirais,  
 meu Senhor, que outra coufa queira nun-  
 ca, mais que fazer vossa vontade.

## COMPLETAS.

*Hæc est hora vestra, & potestas te-  
 nebrarum.*

**C**Uy darey como os Soldados, que as  
 companhavão a Iudas, prenderão  
 ao Senhor, & elle se deyxou maniatar, &  
 arrastar atè casa de Anás, com aquella  
 mansidão, & humildade de que tanto se  
 prezou sempre.

Considerarey quantas vezes o Senhor  
 ainda hoje se deyxa atar as maós a sua Iu-  
 stiça, & a sua Omnipotencia; deyxan-  
 dose levar na noite de nossa cegueyra do

po-

poder das trevas da cegueira, que se oppoem à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na rezão (que isto foi o fazer cahir por terra a cohorte) nos levantemos contra elle, não só tomindo o Céo com as maós, mas pondoas sacrilegamente no Cordeyro do Senhor, de que se segue endurecer nos o coração, como a Pharaó no Egypto; & não reparar, nem ver com esta cegueyra, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas acçãoens, donde o levamos arrastado, maniatado, sacrificado, até que chegando ao Tribunal da Divina Iustiça, nos desterra da luz eterna, pondonos para os semprez dos sempres nas eternas trevas dos Infernos.

Serão o fruto desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do Demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos

atar as maós, pois illas nos fizerão, & delas esperamos, que se abrão cada dia para deytarnos sua benção, & enhernos de misericordias, para nos ter da sua mão, & para que pondonos nas suas maós, nellas se entregue o nosso Espírito.

## TERC, A FEYRA.

*COLVNA.*

~~MATTINAS.~~

*A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.*

**F**echadas as portas dos sentidos, me temehey todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos segredos do meu coração, verey que elle he a Coluna, em que o Senhor està atado com asperas, & duras cordas; & chegandome maviosa-

samente a elle, olharey com olhos da alma, o estado em que o puzerão minhas maldades; & vendoo cuberto de sangue, & feito húa chaga viva, morto de frio, & cheio de afrontas, para ver este espectaculo admiravel, & lastimoso, me assentarey muy perto delle, & lhe direy estas palavras, ou as que me ensinar o Espírito.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pôr neste estado, que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vós assim? A vós imensa ferro osura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demônio teve tamanho atrevimento, que em vós chegasse a pôr as mãos? Se deslas mãos, meu Senhor, & Criador, que fizerão o Céo, & a Terra, qualquer que fosse feitura; pondeme, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres com vosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindolhe estas palavras, me deyxar, o amor,

o amor, ou as lagrimas escutar lhe o mais que me diz; parecerme ha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizerão os meus peccados, antes de o atar à Coluna, em serem as pessoas, que o despirão, & o deyxarão nù, fazendolhe mil desfatos, & zombarias  
 Serà o fruto desta hora, que o cometer eu neste mundo tantas lascivas, descomposturas, & todas as maldades, que cōtra a honestidade se cometem, nenhā outra couisa he mais q̄ deixar nù ao meu Senhor, para escarnecello, & açoutallo, & que isto farey sempre que aquillo faça.

### L A V D E S.

**C** Vydarey, q̄ tornando a ver o meu Senhor, & achandoo no mesmo estado, elle mesmo me vay contando como meus peccados, & maldades do meu coração de pedra endurecido na culpa, fizzerão a Coluna, onde o atarão.

Parecerme ha que elle me diz com grande mágoa, que havendo feito o meu

cora-

coração para Coluna de sua Igreja, dezen-  
jando darlhe valor para vencer seus ini-  
migos, fortaleza para resistir às tenta-  
çoens, & guardar os seus mandamentos,  
& para que sobre esta Coluna se susten-  
tasse o Templo da Oração, que he a casa  
onde elle mora, & os muros de Ierufa-  
lem que elle edifica nas Almas, eu o fiz  
Coluna tam abominavel da casa dos vi-  
cios, em que os mesmos tentidos morão,  
q̄ como finaes de não poder haver mais  
vicios, a culpa o fez non plus ultra, dizen-  
do, que não ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, não querer  
ser como Pharaõ, que resistindo sempre  
a Deos, se lhe endurecia o coração, de  
que se seguiu, que no mesmo Mar Ver-  
melho, onde os bons, como Moysés, a-  
chàrão estrada para a terra da Promissão,  
achou Pharaõ sepulchro para a morte da  
eternidade.

PRI-

## P R I M A.

**C**uidarey anciosamente, tornando à  
companhia de meu Senhor, que el-  
le me conta, como dos laços das minhas  
culpas, com que a Alma deu tantos nós  
cegos, fez cordas a minha liberdade para  
atar afrontosamente ao Senhor à Coluna  
do meu coração, quando elle com braços  
abertos queria fazerlhe com seus abraços  
outros mais apertados laços.

Parecermeia, 'que o meu Senhor me  
diz a grande dor que teve, de que fendo  
hum dos maiores gostos seus, unirse ao  
meu coração, não ouve coufa, que mais  
o atormentasse, que verse entam com elle  
unido, pois esta união era sól para o ferir  
quem elle amava.

Serà o fruto desta hora conhecer, que  
todos os embaraços, com q' nós empece  
o Mundo, com que nos prende a Carne,  
saó laços, com que nos arma, para que  
delles façamos cordas, com que atemos a  
Deos afrontosamente, para que elle com-

as mãos atadas por tão grande culpa, nos não possa livrar dos laços, em que cahimos, & em que a cada ponto nos vemos.

**T E R C, A.**

**A**qui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarey que elle assim atado prosegue a historia começada com muita mágoa, & mansidão, & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizerão meus pecados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coração, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecerme ha, que se não queixa tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hú tormento tam vil, que só se dà ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verduro, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de

vicios tam torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltratârão; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foi hospede do meu coração, por querer deitar fóra della os meus maiores inimigos, a quem eu o entreguey como ingrato, & depois cego me entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & não querer enxovalhalla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu, não he contra o meu Senhor hum açoute, q̄ lhe dou, mas húa afronta, que lhe faço.

## SEXTA.

**T** Ornando ao pés do meu Senhor, cuydarey que có muitas lagrimas, & com muy grande sentimento me diz, como depois de o açoutarem por detrás, para lhe fazerem o mesmo por diante, o dezataram, & viraram, & em seu rosto, & por toda a parte o fizerão húa chaga viva.

Pa-

Parecerme ha, que o Senhor me conta, que neste passo differe a minha alma, & sentidos, que se ate entao o tinhão offendido, que não era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se pôde cuydar o tépo que elle nos tinha dado as costas, foy todo aquele que vivemos sem memoria de sua Payxão, & sem desejo efficaz de servillo, entregues ao mundo, & ao Demonio, que era o mesmo que não darlhe auxilios efficazes. Mas que agora que se virava para elles, & que pondolhe os olhos, já se lhe não dava das culpas, pois as deiava para trás das costas, como encobrindoas, que por seu amor o nam aggravasem mais, & não quizessem ao seu rosto fazer húa tamanha maldade, como erão os açoutes, & afronta, que elle tão mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas não bastando esta brádura, esta piedade, & este amor, lhe fizerão mayor aggravo, & lhe derão mayor tormento.

Serà o fruto desta hora, abominara in-

ingratidão com q̄ze offendemos a Deos, depois que se virá para n̄os com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuria qualquer peccado nosso por mais occulto que se faça, não tendo menos testemunhas que todos os Santos do Céo, que nem sempre haó de interceder, & que todos os Demônios do Inferno, que sempre nos haó de accusar,

Atreverse hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de seu Senhor & vista da Virgem Santíssima, & de seus maiores inimigos, o que não fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais dezaforada, q̄ cometem os peccadores, sendo certo, que ou sejamos bons, ou más, todos andamos na presença de Deos, & diante delle se faz tudo, & de o não trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos, que nos está vendo, procede todo o mal.

NOA

## NÓA

**P**ondome apar do meu Senhor, logo que tornar à Oraçāo, cuidarey, que elle me havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começārāo a escarnecello, de que se lhe seguió o tormento de nam ouzar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra, com a màgoa que o atraveslava.

Parecermeha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de fiendello, rindome de havello afrontado, & de o deyxar escarnecido; pois a troco de que eu o não offendesse mais, receava pōrme os olhos, que atraveslāo húa pedra, quanto mais hum coração humano: & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isso me desse mayor Inferno, nam abria aquella boca santissima, de quem o Céo, & os Anjos pendem, & cuja voz com húa palavra fez todo o mundo, & criaturas.

Serà o fruto de hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar quâdo o offendemos do muito a que nos arriscamos, por nam cuydar quando o devemos temer (que isto vem a ser o zombar) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em húa escaça vista dos olhos, ou em húa voz ao coração, nos nam avise, ou visite com sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & abracemos na nossa Alma, seguindo se desta ouzadia ternos o Ceo tammanho odio, & o mesmo Senhor tam mà vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a falla, & já nos não pôde ver dos olhos.

## VESPORAS.

**T**ornando à Oração, & chegando-me ao meu Senhor, o verey estar chorando lagrimas de sangue. E perguntolhe porque causa? me dirá có muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo q̄ o açoutarão, não houve

nenhum, que se fosse sem offendello; porém acabadas as offensas, nam houve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolallo, todos o dezemparáráo, & deixáráo só.

Aqui me parecerá que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dà de mim: todos me deixáo, todos me fogem, & eu de todos dezemparado; nam choro a minha solidão, choro a perdição de todos, vejo que vão abraçar o Demonio, & que se vão meter no Inferno, & nam pode do ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixam levar de húa vida, que vay a dar na eterna morte por caminhos sempre difficeis, & por caminhos sempre alperos. Nam sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direyta, chegate muito para mim, poemte muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coração, saybas que es o meu thesouro, pois eu o ponho agora em ti, chegate,

& chegate mais, pois eu te chamo, não te recees, pois eu te quero, • não me fujas, pois eu te busco.

Serà o fruto desta hora, considerar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos não siga, o dey- xamos para que nos não veja, buscando só aquelles gostos que delle nos apartam mais, por não ter cousa que nos não doa, ou à vista nos possa dar pena; de que se segue, q ou metendonos de todo no mū- do, que he o Inferno, totalmente nos a- partamos de Deos, sem mais nos querer- mos lembrar de seu amor, & Payxão. E aqui se pôde cósiderar o mal que faz dey- xár a Oraçam, depois de conhecer a utili- dade que ella tem.

## COMPLETAS.

**T**ornando para o meu Senhor, cui- darey que o acho tremendo, agoni- zado, & desmayado, & vendo que entra em sy, logo que eu me chego a elle, lhê direy, tomandoq nos braços: Meu Se- nhor

nhor da minha alma, amor do meu coração, ancia dos meus suspiros, meu adorado, & meu bem todo, quem vos poze em tamanha pena, quem vos causou tamanha dor, que já me nam fallais, meu Rey, que já me nam olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vós sem alento, & eu com animo? vós tam defunto, & eu com vida? vós desmayado, & eu com alma? E dizen tolhe tudo o mais que o coração quizer, farey por me unir muito com elle, por dezatarlhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecer-lhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerà, que deitandome aos seus braços me agradece que assim o solte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado, não me pedisse o coração titarlhe aquellas prizoés; & que vendoo morrer de frio (que isto fam as friezas do amor de Deos) me não dèsse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino

Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o dezatar, & azas para o acolher.

Serà o fruto desta hora, entender que todas minhas friezas de Espirito saõ o frio, que o Senhor padece, os descuydos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os descuidos se percão, se me ascenderà o coração de maneira, que pon-do em Deos todo o cuidado, trazendoo sempre no sentido, que não serà difficultoso sentir na Alma aquelles fogos do Espírito Santo, por cujos incendios suspira.

*Summa.*

**M**elhor que tudo serà a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, não dey xallo só nem hum istante, ou escutandoo, ou respondendolhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amandoo, & abraçandoo, & se não puder dar a Deos mais que huma hora, cuidarey o seguinte.

Con-

Considerarey, que sendo o coraçam fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treyçao à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atarão ao meu coração, cuja dureza impedernida o tinha convertido em Coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde fendo meus peccados azorragues, & minha liberdade verduzo, foy acoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do Mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bem-aventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdia nas maós do Mundo, & do Demonio, romando ao meu Senhor, & tirandoo daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando em fim muitas lagrimas, lhe torney a dar o dominio de suas fortalezas, dey xando fóra teus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defensa tudo o mais por onde possa dar-

me assalto, lhe pedirey posto a seus pés, que para poder resistir, & defenderme em seu nome, me não falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley, se ponhão nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a centinella da Oraçam, na homenagem da Alma as bandeyras de sua Fè, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de seu Amor, para que com o fogo do Espírito Santo, que elle pôde mandar, abrazados os inimigos, & eu acezo em Divinas chamas, não só mortifique a carne, mas fazendo fugir o Demonio, ponha por terra todo o Mundo com as cargas da Penitencia, que he para o Inferno ruína, para mim defensa, para o Ceo salvas se repetê muitas vezes, não só nas trincheiras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

# QVARTA FEYRA.

*ECCE HOMO.*

*M A T I N A S.*

**R**ecolhido o meu coração, me parecerá, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Ierusalém, coroada a cabeça de espinhos, com húa purpura ridícula, & com hum scetro vâo de cana, atadas as mãos, o corpo cheio de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspido, & disfigurado: Assim o Eterno Pay mostrado dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potências, & tentidos; diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem ferirão, & maltratarão meus pensamétos com espinhos,

mi-

minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ouzadìa com salivas, minhas solturas com baracos, & minhas ostentaçoes cõ purpuras.

Parecerme ha depois disto, que pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusará a morte, escusando elles a culpa, E todos responderão: Crucificao, Crucificao. Cõ o q̄ entristecido o Senhor, assombrado o Geo, pasmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Creaturas, ficarão suspensas naquella maldade minha.

Serà o fruto desta hora, crúcificarmos ao Mundo, nossos sentidos, & poténcias, pois se atrevérão impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificação não andamos seguros na Terra, & que he necessário trazermos na cabeça pensamentos, que nos fação dor, andarem as nossas maos atadas como quē vaȳ ao sacrificio, & vestirmos de paciencia contra as zombarias do Mundo, fazendo nos com a paciencia huma imita-

tação do Corpo de Christo, que todo estará em chaga .

## L A V D E S.

**T**ornando a ver ao meu Senhor, me parecerà que me diz o Eterno Pay: Eis aqui tens a quem condennas, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; & me repete, esse he o Homem que persegues, porque tam outro o deixarão os açoutes, & feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, & as minhas culpas conhecessem, que era quē eu, & ellas acusavão.

Aqui considerarey, que se o Filho de Deos por amor de mim chegou a parecer tam outro, que parecia peccador, pois em hum castigo tão cruel mostrava que tinha culpas, que me he necessario tomar a sua innocencia, & parecer Filho de Deos, para que cō esta troca, fendo muy outro do que fui, nada me fique do que sou.

Serà

Serà o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com Sam Paulo possa dizer, que já não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda é Christo, & o morrer é toda minha gloria.

### PRIMA.

**M**Etendome no meu coração, me parecerá que acho nelle o meu Iesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus mãos pésfamentos; se depois de meter debaixo dos pés a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleites, ainda me queres pôr na Cruz, & me nam perdoas a morte, eis me aqui, faz o que quizeres, eis me aqui tens, não me perdoes; eis me aqui tens, afrontame, & crucificame; porque aparelhado estou para entregarm

me em tuas maós, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarey, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que já de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pôrse diante de mim, & dizerme: Filho, cisme aqui, se sobre o que te he sofrido me queres crucificar agora, eis aqui me tens, pom-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Serà o fruto desta hora, ficar cõ húa perpetua memorja destas palavras, que para toda a tenção saõ utilissimas, aprendendo tambem aquella mansidão, & brâdura, com que parece que aos meismos aggravos se entrega, & não se escandaliza.

### TERC, A,

**T**ornando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarey com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus

meus sentidos, & sempre gloria de minha Alma, quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que já não acho em vossos olhos a graça com q̄ me vião.

Parecerme ha, que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravão hoje os m̄aos, que os que devião ser bons, pois acho mayor pidade nos meus dey-  
xados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso não cessa por me tirar a vida. Vê tu, se as entrâncias de hú Deos, que saõ tudo misericordia, deyxa-  
rám de se despedaçar, metendo no cora-  
ção estas viboras.

Será o fruto desta hora, considerar que as offensas que Deos sente, saõ mais as dos seus escolhidos, pois não he muito q̄ não corra ao mar quem nasceo lagôa, mas que contra a ordem natural, não corrão a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinaçāo, & a natureza; este he o mayor espanto.

## S E X T A.

*Regnum meum non est de hoc mundo.*

**E**ntrarey no meu coração, & vendo  
o meu Senhor coroado de espinhos,  
com hum scetro de cana, & com huma  
purpura de escarnio, lhe direy: Meu  
Deos, meu Rey, & meu Senhor, que in-  
signias saõ estas tam estranhas de vosso  
Imperio, & Magestade? Não sois vós o  
Senhor do Mundo? Não sois vós o Prin-  
cipe da Gloria? Pois como he isto, meu  
Senhor, que não entendo esta figura em  
que vos vejo tam mudado?

Parecermeha, que me responde: Fi-  
lho, o meu Reyno não he como os do  
mundo; nem quem quizer reynar comi-  
go ha de querer os Reynos da terra; quem  
nella me imitar para reynar no Ceo, ha de  
ter Coroa de Martyrio; o seu scetro ha  
de ser zombaria do mundo, a sua pur-  
pura desprezo; tam prouca cousa saõ estes  
thronos, de que o mundo faz pertençao,  
que

que quem os não tem por mais ocos que a cana, por mais desprezíveis que a purpura, por mais asperos que as espinhas, de Rey se fará escravo, & não menos que do Demonio, & será atormentado no Inferno para toda a eternidade.

Será o fruto desta hora, hum efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & dezen-gano, com que zombemos da mentira, com que nos dourão suas quimeras, & não entremos na farça, cō que passão suas figuras.

## NOA.

**T**ornando à vista do meu Dcos, me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imagina-rey que me diz: que não sente tanto a dor que lhe fizerão as espinhas, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha q̄ lhe causou a purpura, como a que elles significão.

Para o saber, considerarey, que os

espinhos erão de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, a planta q̄ deita mais raizes na terra, amaldiçoada pela culpa: a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que não tem memoria: & apartarse tanto do lugar da Graça, quem offende o seu Senhor, deitar tātas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & não ter memoria da morte, quem dos seus despojos faz gala; isto he que Deos mais sente, pois por não haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida, figurada no sangue da purpura, por se meter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no sceptro da cana: & por se pôr muy longe da Graça, se culpa a maldade do Mundo.

Será o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hum leve descuido da Payxão de Christo nos arrisca a vida do Espírito, huma vaia presumção do mundo nos faz perder o Ceo, meredonos por dentro do Inferno, aonde se prende

raizes da vangloria, luxuria, &c de toda a  
vaidade humana.

## VESPORAS.

**M** Andando a todos meus sentidos,  
que dentro na minha alma vão  
fallar com o meu Senhor, me parecerà q  
o acho chorando naquellea figura lasti-  
mosa, com que a qualquer memoria mi-  
nha diz: Eisme aqui; & perguntando-  
lhe com muito amor, porque chora com  
tanta magoa, imaginarey que me diz: Fi-  
lho, tu es a causa de meu pranto, porque  
tu es como Pilatos, que depois de não a-  
char rezão para offendarme; depois de  
querer que outros muitos me não aggra-  
vem fazendo muito por servirme, depois  
de perguntarlhe muitas yezes que mal  
lhe fiz, & em que pekey, perdes quan-  
to me obrigaste por respeito dos homens,  
bastando hum medo vil de perder os bés  
da terra, & de faltar às rezoens de estado  
do mundo, temendo mais aos homens, q  
a Deos, para perderes o animo, com que  
po-

poderás agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para quē só faltava hum passo, te precipitas ao Inferno, onde não ha remedio, & em fim vens a perder tudo por huns nadas, que faltão, & que deygas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que nam ha causa algúia.

Serà o fruto desta hora, conhecer quātas vezes pelas amizades dos homens, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quātas vezes por não perder as Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeição, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servirnoshia esta consideração, que he utilissima de espertar a razão, & resolução para exercitar o valor do Espírito, com que sem medo de noslos inimigos devemos servir fielmēte ao Senhor.

## COMPLETAS.

**R**estituindome ao meu Deus, para acabar com elle o dia, me parecerà que o yejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imagina-rey que me diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atègora, não tem comparação com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Iudeos, conhecendq̄ não tinha causa, não he; mas era barba-ro. Entregar-me contra sua vontade aos Iudeos, não he bom, mas era homem. Entregar o seu Deus ao Demonio, peior era, mas era Idolatria. Porém fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me agrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo não era muito, se eras nescio, que contra teu gosto outras vezes seguisses a rezão do mundo, não to estra-nhey, porque eras homem. Que idola-trasfes loucamente a minha offensa, &

teu

teu engano, eu to sofrì, que andavas cego; mas que pond̄me em huma Cruz, ou consentindoo, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para não peccar, que entregandome a meus inimigos (isto he aos vicios, & peccados) que assim me afrontão, & atormentão, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muyto inocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coração, isto me atravessa as entradas.

Serà o fruto desta hora, ternos sempre por peccadores, & não por justificados, pois em huma breve complacencia com que nos entregamos aos vicios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo, em nós o mesmo qualquer payxão mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; já faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & desejando sumamente não impedir o mal, lhe faz perder

todo o bem, & cometer este peccado; tirarey daqui, que não he menor mal o bē que deyxo de fazer, que o mal que faço.

## Summa.

**M**elhor que tudo serà a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallarlhe com o coração, & responderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, com lançar fóra os māos pensamentos, tirarlhe a cana da mão com pizar a nossa vaidade, despindo lhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fazemos gala; dezatandolhe as māos com dezembaraçarnos do mundo, pāra pōr nas suas māos a nossa vontade; faremos por gastar todo o tempo em hū ardente fervor de Espírito, em huma paſmada admiraçāo, em huma perpetua acção de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doermos com elle de suas chagas, & feridas,

das, & depois de apertar lhas com a Alma, sendo os seus braços ataduras, & curar lhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroação, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na Alma esta insignia como coroa de victoria, & como final de triunfo contra todas nossas tentaçoens.

Quem não tiver mais que huma honra, cuy dará que a nossa Alma he Corte, o coração Paço, a memoria Throno, a vóltade Valido, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellá-dome contra elle, por entregar ao Demônio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coração, onde o Senhor sempre morava, estimandoo como seu Paço, conjurándome com todos os vicios, o prendi, atey, & afrontey, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, sce-  
tro de zombaria, & purpura de escarnio;

& mostrando de dentro de meu coração  
a todas as culpas, & vícios, que o cerca-  
vão por toda a parte, lhe direy o estado,  
em que o puz, & se querem que o cruci-  
fique. Mas tornando em sy a razão, &  
dizédone o entendimēto a grande trey-  
ção, que fazia a hum Senhor, que me a-  
maya tanto, quam ingrato correspondia  
a quem me tratou tam benigno, & em  
quanta afronta tinha posto o Senhor dos  
Ceos, & da Terra; mais com o pezar de  
offender tamanha Bondade, que com mé-  
do dos castigos q̄ merecia, estalando me  
o coração, & fazendose me em pedaços,  
cahia sobre todos meus vícios, que enter-  
rados nesta ruina, & afogados em hum  
mar de lagrimas, ac,bem subitamente, si-  
cando eu aos pés do meu Senhor, pedin-  
do lhe muitos perdoés, & restituindo me  
elle aos sobreditos ministerios, tornarey  
mais efficazmente a servillo, como a meu  
Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

QUIN-

# QVINTA FEYRA.

**COM A CRVZ AS COSTAS.**

**M A T I N A S.**

*Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum,  
qui dicitur Calvariae locum.*

**P**arecermeha, que acordando a minha Alma do sono do descuido aos gritos do coração, que fendo para o Senhor rua de Amargura, o vè passar com a Cruz às costas, vay tambem ver este espectaculo, & a poucos passos com que o busca, o acha dentro em sy, mudada a cor, perdida a forma, cheyo de sangue, & feridas, com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimosa figura que he possivel imaginarse, & virandose para mim, cuidarey que me diz estas palavras-

&

& feram a meditaçam desta hora.

Filho: todos no mundo, ou me seguem, ou me perseguem, seguem-me os que imitandom, não só tomão, mas abração a sua Cruz, conhecendo que sem ella se não pôde chegar ao Monte da Oraçao, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não se atrevendo a sofrella, passão leve, & go佐zamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pôis eu, que sou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo sem Cruz, como tu, sendo peccador, cuydas q entraras sem ella no Ceo? Se te prezás de meu discípulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atrás de mim, & não busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonhate Peccador, de que havendo tantos que me sigão com Cruzes tam pezadas, receas tu húa tam leve, que só peza o que te pesa de verte o mundo atrás de mim. Tiveste

vàlor

valor lá no seculo para arrastar briozamente o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coração para levar sobre teus hombros húa tam leve Cruz de cana. Envergonhate servo inutil, de que servissem ao Demônio cõ mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, q̄ sofrão mais por Satanás, do q̄ tu pelo teu Senhor. Segueme, segueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pôdes ter nesta jornada, & não cuydes de mim tam pouco, que sobre tuas forças te darey Cruz com que me sigas.

Serà o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se derão para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos, que guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra coula, com que o Senhor mandà claramente, poderey crer que a tenho, como Sam Paulo, em toda a grande tenta-

tação que tenha; & quando estas me faltarem pela misericordia de Deos; a poderey fazer na navegação das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espírito.

## L A U D E S.

**D**Esejando seguir ao meu Senhor, ainda q̄ me seja pezado entrar em Oração, disto farey Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha Alma, o verey acompanhado de dous Ladroens, que tambem levão suas Cruzes. Aqui me parecerà, que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os maos tambem té Cruz, & muitos destes mostrão ao mundo, que me seguem, mas com muito grande diferença, que estes vem comigo para me afrontar, & para se perder, se algúa rara contrição não faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu

reparto com meus amigos. Vê tu agora se te convém ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te có-vem tella para fazer della escada para o Céo, ou para delcér por ella para o Inferno? Olha também não te enganes com a tua Cruz, porque em te fendo pezada, he final que não he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que não basta ter Cruz, se a Cruz não he boa, pois também as Cruzes dos Ladroés erão Cruzes, mas não erão como as de Christo; & para o saber, examinarey se me deu o mundo, ou a culpa, ou se atomo eu. A primeira he Cruz do Demônio, a segunda de Christo; porque nisto se declarão as palavras, com que o Senhor quer q alevem: *Tollat, &c.* Tomando cada hum Cruz, que seja sua, & não dada por outro; & porq também esta devase por força, aquella por vontade. **PRI-**

## PRIMA.

**T**omando pois a minha Cruz, & seguindo a meu Senhor de todo o meu coração, o verey cahir muitas vezes, lastimandose magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandose logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, & de me seguires, cahires, trata de levantarte depressa, & de hir a diante; porque se assim o não fizeres, tornando para trás, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegarás tarde, & não poderás subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhuma maneira desconfies, quando cahires, entende que te atrazaste muito, & que já nam poderás alcançarme; porque se a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sey, q se tu me amas, nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & có que apres-

apresses mais o passo. E se vés, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cahirá em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muitas vezes, quanto mais os que são peccadores, & ha nisto só a natureza, que os bons cahem de inadvertencia, & os proverbos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes, & se sobes, que muito he que cances; cōtudo o que mais te importa, he levantarte, & hir adiante, que aqui estou para darte a mão, & para levarte nos meus hóbros, quando não poderem os teus.

Será o fruto desta hora, conhecer, inda que me veja cahir, que o que convé, he não parar: & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedir-lhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe a minha fragilidade, & conhece qual sempre fui, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em mim ha mão; porque de outro modo, afastando-me da Oração, & da conversação do Senhor,

nhior, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho delle tam longe, quanto elle vay para diante, & quanto eu torño para trás.

### TERC, A.

*Filiae Hierusalem, nolite flere super me:  
sed super vos ipsas flete, & super  
filios vestros.*

**T**ornando aos passos amargozos cõ que sigo a meu Senhor, me parecerá, que virandose o Senhor para todos os devotos de sua Igreja (que dislo he figura Ierusalem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque querem, senão por obrigação que era devida.

Considerarey, que bastão às vezes duas lagrimas, & qualquer devocão, com que sigamos ao Senhor, para q vire para nós os olhos de misericordia, & nos ensine com as palavras, assim como com as obras. E nos advirta o melhor modo, cõ que

que o podemos servir. Aqui veremos também como não falla, com outros, mais q̄ com as filhas d̄ Ierusalem, sendo que (como diz Caietano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavão tambem. E a razão he, porque a turba, q̄ pedio q̄ o crucificassem, era indigna de fallarlhe Deos, & às mulheres de Galiléa não tocavão os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas que cometia. Isto finalmente vem a ser, que chorasssem por seus pecados, porque parece que não quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meyos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor saó perolas, se do fundo do amargozo do mar da penitencia se tirão das conchas do coração.

Serà o fruto desta hora chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & pecados, não lagrimas, que por compayxão tenhão nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nação do coração as raizes amargozas da contri-

ção, & da penitencia, onde ellas tẽ a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro, por ellas se não soverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena, & as mais conversoens das Almas começärão nesta agua mysteriosa, onde se temperão as armas da Iustiça Divina, & se forjão os rayos de seu Divino Amor.

## SEXTA.

**E**ntrando na Oraçāo, me parecerá q̄ vejo o Senhor na mesma figura hirnos continuando os avisos, quando nos faz ameaçōs, dizendo; que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justiças no Innocente, que se fará no Peceador, quando no dia do Iuizo apparecer no Tribunal da Divina Iustiça.

Aqui considerarey, que devo não ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor, que assim o veria no dia do Iuizo, não se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que então se lhe repre-  
sen-

sentavão feitas a Deos, rasgou os vestidos, & não o coração, mostrando q lhe não passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espêdaçaram as entradas, vendo a grande conta, que darão neste terrível dia aquelles que tam pouca fazem no mundo da muita que hão de dar em o Juizo, lançando os mais delles ratos temerários sobre o viver dos outros homens; & tal vez mais justificados. E aqui farey porque se me represente qual será o fogo do Inferno nos madeyros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verey tambem como este dia será tam horrendo, & terrível, o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista que os tormentos, pedirão aos montes que os cubrão, & aos outeyros que os escondão, sem que lhe vallia sentão o medo, pois lhe não val agora o Juizo. Serão o fruto desta hora, a consideração do dia do Juizo, & daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das

nuvés ha de appaecer o Senhor, por cu-  
ja causa todos os culpados do mundo fa-  
remos por esconder os olhos, & não lan-  
çar os olhos, nem juizos temerarios, nem  
meternos nas vidas dos outros, julgando-  
nos sempre a nós mesmos nos exames da  
consciencia, que devem ser a cada hora,  
& quando menos cada dia; & cada ho-  
ra pôde chegar a derradeira; onde o  
nosso dia do Iuizo he o nosso ultimo dia,  
que não só podera ser o de à manhãa, po-  
rém tambem o dia de hoje, daqui a pou-  
co, logo, ou já, & não convem que viva-  
mos em estado, em que nos pese de mor-  
rer.

### N O A.

**T**ornando a ver o meu Senhor na  
amargura do meu coração, & nos  
pastos da minha Alma; se me representa-  
rà aquella Mulher devota, que com húa  
toalha branca alimpou seu santissimo ro-  
sto, cuja figura lastimosa lhe ficou im-  
pressa na toalha.

Considerarey; que assim deve fazer a  
mi-

minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & limpando-lhe seu santissimo rosto com huma purissima intenção, onde me fique o seu retrato; envergonhando-me muito, de que na lamina de huma Alma se não pinte tam vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coração; & entendendo que à falta de pureza, que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos, farey muito por lavar com lagrimas as manchas, que os afearem, esmerandose a consciencia em toda a limpeza de Espírito.

Serà o fruto desta hora, o conhecer quam util me he a memo ia da Payxão de Christo, pois he certo, que esta se não imprime senão em almas muito puras, onde já fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos, & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

E iij VES-

## VESPERAS.

**L**evandome a memoria do meu Senhor a ver os passos, que dà na minha Alma, & vendoo hir tam magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de tristeza, o cabello cheyo de sangue, a boca toda denegrida, a feição toda demudada, a respiração afogandose, os pés cortandose, & trocandose, me chegarey a elle com grande amor, & mágoa do meu coração, & lhe direy: Meu Criador, meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros essa Cruz, descançay aqui nos meus braços, que tempo tendes para os passos, a que meus erros vos obrigão, sinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti comigo essas dores, pois tam benigno, & amoro-so me dais vossos merecimentos, não venha eu aqui só a vervos, venha tambem para livrarvos; não seja isto só a olhar, seja tambem a sentir; & parecerme ha que me responde.

Fi-

Filhò, todos os meus passos saõ para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em mie deter, & ajudando-me, não te convém em que pare em remediar, nem que tu pares em servirme; importa que te não detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de hir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se não devem temer, porque todos saõ transitorios, assim os bens se não devem estimar, pois não saõ permanentes. Não tens grâde amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim deseja o teu Espírito, saõ fraquezas do coração, que não atura os seus rigores; trata agora de padecer, que he o q' mais te importa, & não duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dentro de teu coração, faze

por não desfalecer, porque ainda não chegaste a subir o que te falta para a morte. Vem, que então quero que me ajudes, & ao menos que não deimayes, pois não sobem a estar comigo, senão os que tem muy grande animo, huns coraçoens tamnhos, que não cabem em todo o mundo, que passsem da Terra, & do Ceo, & em quem ao menos cayba tudo quanto eu desejo meter nelles, saó os que eu sómente estimo, para depositar meus thesouros, & para ocupar meu amor; agora segueme, conhecendote por inutil, louvandome por misericordioso, amando-me por minha bondade, & pedindome o que te convem.

Será o fruto desta hora, conhecer q toda a vida he hum passo, & se o Senhor sem parar na Encarnação os deu do Ceo à Terra; no Nascimento do ventre ao Mundo; na Redempção do Horto à Cruz; na consumação da Cruz à morte, não devemos nos de parar detendo nas penas ao Senhor, & detendonos na consolaçao; antes preparar as consolaçoens para

para toda a guerra do Espírito, conhecendo em suas batalhas, q' vidas se se vencem, nos dão coroas, que o Senhor não se comunica às Almas muy magnanimas.

## COMPLETAS.

**P**arecermeha, seguindo na Oração a meu Deos, que o vejo subir ao Monte Calvario, onde no ultimo passo não para para descansar, senão para mais padecer, pois tirandolhe a Cruz para o crucificar, arrancandolhe com a tunica a carne que se lhe pegarà, não só com o sangue das feridas, com hum mar de suor de sangue; depois de a darem aos soldados, onde ao peior cahio em forte, o mandarão deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Considerarey neste passo que succede aos perfeitos, a quē o Senhor subiu a mayor grao da Oração, pois não havendo mais que subir, não parão para descansar, senão para mais padecer, nem chegão à cōtemplação, senão para mais sentir; sendo o menos que fazem entam-  
det-

despirse nam só de tudo o que levão do mundo, mas juntamente de sy mesmos, sentindo então a mayor Cruz, atè se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos, & o testemunhão outros Santos.

Serà o fruto desta hora, não desejar chegar ao alto da Oraçao, & ao vltimo passo da perfeição pelo premio que se nos promete, senão por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, & por todos os māos do mundo, a troco de que a sua bôdade tenha misericordia delles, & veja em nós, que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

*Summa.*

**M**elhor que tudo isto serà em hum vivo movimēto de amor de Deos, hir seguindo suas pizadas, & gastar todo o tempo fallandolhe com o coração, sem parar nas grandes amarguras que tem os passos deste Mundo, fazendo com grande fervor do Espírito, porque a Alma se não des-

desmaye até chegar som o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado a que se chega nesta vida, pedindolhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusalém assolada, não ficando pedra sobre pedra, assim permita, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & o povo de minhas culpas, não fiquem dellas mais que as memorias para chorar, & as ruínas, não para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oração, onde só morem as virtudes, & hum grande desejo de emenda.

*Quem não tiver mais que húa hora, poderá, se quizer, ter a Oração seguinte.*

**C** Vidarey, que levantandose a minha Alma do leyto da culpa, pelos passos da penitencia vay buscar o seu Esposo pelas ruas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feito Babilonia mais que terra de Jerusalém; & ouyindo as lagrimas, & os ays com que

se lamenta o meu amor, que vay pelas minhas entranhas, ruas para elle de amargura com a Cruz de meus peccados, voltando para ver se o figo, detendose para ver se o olho, & cahindo para ver se o alcaço, deixando, só por moverme, em suas pégadas o sangue, em seus eccos os meus avisos, & até em hum lenço o seu retrato; o busco no Monte Calvario, aonde o acho pondoo na Cruz, & onde ainda as minhas offensas lhe estão tirando as vestiduras, ao mesmo passo em que se queixa, que assim lhe queira tirar a tunica, quem lhe não quer tirar os espinhos. Aqui vendoo banhado em sangue, cheio de mágoas, & de afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicçoens, me parecerá, q doendose a Alma do muito que o magou a vontade do que o offendeu, & os sentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os sentidos em suspiros, o arrebatão aos meus braços, & livrando das minhas culpas, que confundidas se apartão de mim, fazendolhe Ieyto do

coração, o deita nelle o minha eméda entre os lançoes da castigade, correndo logo as cortinas ao segredo do meu amor, me ponho a seus pés com mil lagrimas, pedindo-lhe muitos perdoens, & prometendo eternamente de antes perder a vida, que a Fè, de antes querer a morte, lhe a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver se com o fogo do Espírito Santo se purificação minhas maculas, ou se com suas lavaredas se acende, & arde o meu Espírito.

## SESTA FEYRA.

### CRUCIFICADO.

### MATINAS.

**E**M acordando á esta hora, entrey no meu coração, que me parecerá

Mon-

Monte Calvario, onde a minha Alma he  
Cruz, em que ~~meus~~ peccados crucificão  
a meu Senhor, pondolhe por pregos nas  
mãos toda a crueldade das más obras, &  
por cravos nos pés toda a detenção nos  
mãos pastos; dando he por vinho mirra-  
do a corrupção de minhas palavras, que  
para o meu Senhor forão o peior fel, & vi-  
nagre. Aqui consideratey, que em quan-  
to o crucificáráo, lhe passaráo muitas ve-  
zes com os pés por simado rosto, & fa-  
zendolhe mil afrontas, & a nenhúa mo-  
strou irarse, antes a todas sobmeterse.

Serà a minha meditação, nam só a  
paciencia do meu Senhor em tormentos  
tam infofriveis, mas aquella humildade  
admiravel com que debaixo dos pés dos  
homens, & dos homens mais vis, & bai-  
xos, pois erão verdugos, & algozes, se  
poz o Principe dos Ceos, a Magestade  
Divina, & o Senhor universal do Mudo.  
Aqui cuidarey, que olhando para mim,  
& fallandome com o seu silencio, me diz  
ao entendimento: Filho, muito, muito  
à minha custa te ensino, mas se ainda nam  
-no M aca-

acabo contigo quanto quero, que muito  
he que faça quanto ~~no~~ só? E ainda que  
tam cruelmente me ates as maós para te  
nam fazer beneficios, quando ellas estam  
mais prezas com este meu sangue, mais  
solto a teu remedio, & teu aviso. Olha,  
& adverte este espectaculo, que para os  
Anjos he assombro, para os Elementos  
pasma, & para teus enganos rizo; apren-  
de delle esta humildade, em que ves ao  
Senhor do Mundo, & a Divindade de  
Deos, nam só aos pés dos peccadores, mas  
pizada dos mais preversos, feita despre-  
zo das infamias, & zombaria das inju-  
rias. E ferá bem que vendo isto, te prezess  
de soberanias, altivezas te desvaneçam, &  
honras, & aplausos te dêm gosto; tu que  
es sómente hum pò unido, huma vivente  
corrupçam, & hum ponco de lodo, ani-  
mado; tu cujos antes foram riada, cujos  
agora saõ hum ponto, cujos depois ham  
de ser cinza? Tu em sim hum bichinho  
vil, te queres ensoberbecer, sem ver que  
todas as criaturas devem armarse contra  
ti, por quantas vezes te atreveste contra o  
teu

teu proprio Criador? Hora, Filho do meu coração, tu não te queiras castigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que nam sey parecer Deos, & que queres emendar isto com ensinarme a Divindade: esta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no Inferno; por querer erguerse a maiores com a minha Cadeira no Céo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pretendes ser meu Discípulo. O A. B. C. he a humildade, & por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por Mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde nam poderás passar mais que à tua condenação, & aos castigos de minha ira.

Será o fruto desta hora, conhecer,  
que

que sem humildade ninguem edifica no Mundo, nem funda b[ea]m para Deos a causa da Oração; & que deve ser verdadeira, & não de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia dão muitas vezes costas a Deos, & vestidas de hipocresias, se vê que saó refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortesia, & descobrem o que saó, logo que a contrariedade as prova.

## LAUDES.

*Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.*

**T**ornando a pôr os olhos da Alma no meu Senhor posto na Cruz, considerarey a mansidão com que entregandose aos algozes, obedeceu aos Decretos de seu Eterno Pai, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse húa repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Serà a minha Meditação neste discurso, ver que obedecer, & queixar não se

disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoay estes, que me offendê, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendê, & affligem pedis perdão entre os tormétoes, que fareis com a penitencia, a quem postrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravão, achão desculpa em vossa queixa, os que vos chorão compungidos, que acharão na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que fereis com os agradecidos? Se com húmas Almas de marmore, se com huns coraçoens de pedra tendes entradas de Cordeiro, com húa condição de cera, com huns olhos cheios de lagrimas que vfarão as vossas branduras? Acabadas estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabem dizer melhor com Espírito.

Será a Meditação a ardentissima caridade q o Senhor nos ensinou na Cruz, não só sofrendo, & amando seus inimigos,

gos, mas desculpando com seu Pay, & pedindo perdão para ~~os~~ & sendo esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foi a primeira que exerceceu o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quem se crucifica ao mundo, & o crucifica em sy, ha de ser aos vicios, & não às pessoas; porque de outro modo não levará bem a Cruz, nem mostrará que ao seu coração se derramou o fogo do Espírito Santo. Este he o modo com que o Senhor tinha dito, que traria a sy todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, atrahindo & atando a todos com a união da charidade: quem a tiver terá a Deos, & ao contrario nada terá de Deos, quem nada tiver de charidade; com esta se encobrem os delictos dos proximos, como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deos, andar dizendo co as obras, & com o exemplo de Sam Paulo: Quem nos poderá apartar da charidade do Senhor.

## Tercia, A.

**C**uidarey a esta hora, que vejo per-  
der da Cruz ao meu Senhor, tam  
nù dos alivios da alma, como dos abrigos  
do corpo, sem que lhe deixaslem seus  
inimigos, nem aquelles leves reparos, cò  
que se perdoa à modestia, & se cobre a  
honestidade.

Considerarey, que o Senhor não so-  
freu o tormento de verse nù, por restituir-  
nos por este modo, ou deste modo ao  
estado da innocencia, que perdendose cò  
a culpa, se envergonhou da desnudez, &  
se cobrio com o vestido; mas porque  
havendo de vello o mundo, a quem em  
tudo foi exemplo, visse a pobreza nunca  
vista, com que ao poremno na Cruz, ao  
levantaremno no ar não levava nada do  
Mundo, nem queria nada da terra; para  
ensinarnos, que então he a Cruz para os  
Ceos escada, não só quando da terra  
nos tira, mas quando nos tira tam pobres,  
que não levamos mais thesouro que a  
chari-

charidade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Serà o fruto desta hora, desejar vivermos tam pobres na imitação de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, não queiramos nada delle mais que a Cruz, vivendo nelle de maneira que estando com os pés no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as penas dos Serafins, que tanto seriam mais leves, quanto menos for o pezo que levamos das couças da Terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre São Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrando elle a pobreza muito fermosa, ainda que em trajos despresiveis, lhe disia com todo o coração, abraçandoa suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

## S E X T A.

**C**uidarey entrando na Oração, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciencia, & mais virtudes, porém também có as palavras.

Considerarey, que as palavras de Christo não só saó de fruto que as de suas obras, antes saó verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulação, mostrando em tudo o que dizemos, que perdoamos aos inimigos, que desejamos meter no Paraíso a todos, que pedimos a Deos que nos nam desempare, nomeando por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, q tomamos por Máy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consumandose nossas obras, com abay-

abayxar a cabeça tudo o que for sua vontade, que he final ~~ma~~ evidente de lhe entregarmos o nosso Espírito.

Será o fruto desta hora ( & será hum dos mais importantes ) conhecer depois de crucificarmos ao mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificação, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das eleganças jaçtanciosas, com que na pompa da eloquencia florece a discrição humana, fugindo daquelles enfeites, de que fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação poem no concerto, & no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras ham de ser castas, o modo humilde, as vozes bradas, sahidas do coraçam, que se forjem dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, fação o tiro sem sentirse, penetrando dentro nas Almas, & não ficando nos ouvidos, & sobre tudo palavras que digam com o que se faz, para que nam zombem de que não frizem com o que se diz.

NOA.

## P. O. A.

**A**qui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se vestio de noites, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindo-se as sepulturas, sahirão os mortos a cõfessar estas maravilhas, quebrando-se as pedras, reprehenderão a nossa dureza, rasgando-se o Veo do Templo, se descobrirão os segredos da Divindade; & só os coraçõens humanos parece que se empedernirão, pois tam poucos houve que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tam-nho terremoto.

Serà a Meditação desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz tão eclipsado, não só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrar-se coraçõens de pedra, pois se quebrão as pedras: o coração, mostrando que ellas tiverão a razão, que nos faltava, & nós a dureza que nelas

lás se não via: a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando os mortos da culpa pela confissão dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de aparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pò unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tam grande: a cujo exemplo rasgandose o Veo da modestia, que escóde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista pòde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Serà o frnto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo a Alma pela morte de seu Senhor aquellos lutos de tristeza com que arrastram os coraçoens o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito, de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores finaes de amor, & mayores mostras

istras de pezar, quin húa alma que tem vó-  
tade, & hum j<sup>o</sup>rn<sup>o</sup>ge tem discurso, &  
que hum sentimento que tem rezão.

## VE SPORAS.

**C**onsiderarey, como estando o Se-  
nhor na Cruz, a cabeça cheia de es-  
pinhos, os olhos cheios de afrontas, lagri-  
mas, & sangue, os ouvidos de blasfemias,  
o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de  
fél, & vinagre, as barbas, & cabellos san-  
tissimos de dezacatos, & desprezos, & a  
garganta de cordas, & bacaços: os hom-  
bros pizados da Cruz; estirados os ner-  
vos; os ossos desconjuntados; as maões  
abertas, & feridas com tanta crueldade  
nas quinas dos pregos, & no entalado dos  
búracos; o corpo todo rasgado com cha-  
gas, os joelhos com quedas; os pés de  
parte a parte atra<sup>ve</sup>ssados; as costas aber-  
tas de golpes; & todo em fim hum mar  
de sangue, morto, afeado, & denegrido;  
não contente a maldade humana, lhe pas-  
sou o peito com huma lança, querendo  
passar

passar com morte àlem da morte. Porém mostrando o Senhor quanto eram maiores as suas misericordias que as nossas maiores maldades, donde havia de sahir hú diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, não só nos olhos do corpo, mas nos do Espírito, de que se seguiu, que confessando sua culpa, & a bôdade de Deos, não só alli, mas por todo o mundo vejo fielmente a ser triunfo cõ a coroa de martyrio.

• Serà a Meditação desta hora, ver quam cegos fomos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvar-nos, sem ver o que fazemos sobre as ofensas cometidas; quasi queremos mostrarlhe que hão de sobrevir nossas ofensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempção. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, não consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, dezen-  
tra-

tranha a misericórdia do mesmo lugar, em que puderes trazer a peitos a justiça, & vingandose de nós, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos benefícios, ou em vernos convencidos com a multidão dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offendêr, ainda que para elle sejão lançadas, q̄ nos cheguemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que acquirio tal remedio.

Serà o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucaristia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissões, & não chegando a elle para lhe ferir o coração às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de águas vivas, onde se lavão nossas culpas, & se recreão nossas Almas, para que com nova luz da graça, & novo espirito de Deos, possámos também no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu amor; pedindolhe ultimamente, que se os cegos,

se aquelles q̄ o offend̄ tirão do seu peito  
esta mina, nós que ~~se~~ ~~viejos~~ buscamos a  
fonte da Graça, não alcancemos menos.

## COMPLETAS.

**C** Vidarey, como Ioseph, & Nicodemus, tirando as espinhas com que estava o Senhor na Cruz, o descerão dela, & o puzerão nos braços da Virgem, cujo coração depois de trespassado com a lançada, que derão ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foi novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe titarão cheios de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe deram, renovando a dor com a memoria das que tambem lhe derão para o pregar na Cruz.

Considerarey, que todas as vezes que tiro de mim mãos pensamentos, que deixo de fazer más obras, & de dar mãos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondço nos

nos braços da minha alma, para onde, não  
só da Cruz, mas dos Ceos, parece que  
desce o Senhor por me agradecer este ser-  
viço, & toda a dor que tive de sua Pay-  
xam.

Será o fruto desta hora, húa grande  
dor de peccados, que tam cruelmente  
tratárão a meu Deos, entrando com gran-  
de ancia de coraçam por toda a ferida a  
ver as entranhas de seu amor, que parece  
que todas estas portas me abrio, para que  
entrasse no seu coraçam, dizendo por  
todas as bocas cõ que me fallão suas cha-  
gas, que mais quer que nellas eu me se-  
pulte, & me esconda de tua ira, que nam  
que lhe dè sepultura no tumulo de pe-  
dra, ou em hum coraçam de marmore.

### Summa.

**M**elhor ferá a toda a hora estar abra-  
çando na Cruz ao meu Senhor,  
como a Magdalena, ou assistindolhe co-  
mo a Virgem Santissima, & como S. Ioaó  
com o coração de amor, mais que de dis-  
cur-

curso, sem largar já mais seus pés, salvo se for para lhe tirar os ~~cravos~~ & espinhos, como a sima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, cõ que o abrace o coração. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Dezejo dos Sacramentos, & huma perpetua Contrição. E quem contra isto não cometer nada neste dia, terá verdadeira Oração, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tençoés, se considerão os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que huma hora, poderá, se quizer, considerar, que a Alma he Não, que lutando com as ondas dos vícios, & cõ o temporal do seculo, não pode buscar o porto da salvação, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Céo contra sy escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos baixos, & riscos, a Carne he

Serèa, que nos atrahe, o nosso amor próprio, a Rèmora que nos detem, os gostos enyeja dos que nos enganão: & finalmente o Demonio, tormenta que nos contra-  
sta. Porém parecerme ha, que quando as vellas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameação com diluvios, & quando os perigos do mar nos soçobrão com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vellas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Nào, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noite dia, & a sombra luz, & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde só promete que chegue cedo a salvamento, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.

SAB-

# SABBADO.

NO SEPVLCHRO.

MATINAS.

**C** Vidarey como Ioseph de Ari-mathia, Discípulo oculto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, & antes que o sepultasse, o ungio com preciosíssimos unguentos, & o envolveu em hum lançol limpo.

Considerarey, que os que occultamente tem Oração, não tem o fervor do Espírito para publicamente buscar a Deos, senão depois de cuidar na sua morte, & Payxão, onde vendo que nos braços de sua Alma descem ao Senhor da Gij Cruz,

Cruz, para fazerlhe altar, ou sepulchro do coração, o traxem no seu peito, o enchem de suaves ungüentos, & isto he o cheiro das virtudes, & suavidade da Oração, & o apertão ultimamente com lançol da castidade.

Serà o fruto desta hora, não se nos dar do que dirão os que não vierão a buscar a Deos com mayor fervor, vendose morto por nós, afrontado por nossa causa, por nosso amor crucificado. E em fim considerando que fomos o fim de suas obras, nos resolvemos a que todas as nossas o tenhão por fim, fazendo muito não só por trazello na Alma como de passagē, mas por lhe dar muito de assento ao coração onde repouze, pois tâbem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a sy mesmo, sem querer de nós outra causa, mostrou que não teve onde reclinasse a cabeça no Mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, & onde não quer mais de nós, q darmos lhe o peito por ninho, & o coração por cova, que para elle he leyto sua-  
vif-

vissimo, quando húa grande castidade he  
lançol em que se deita. Pois não ha virtu-  
de que mais chegada ande a Deos, nem  
mais necessaria para quem ha de tomar  
corpo de seu Eterno Filho.

## L A U D E S.



*Monumentum novum in quo nondum  
quisquam positus erat.*

**C**uidarey, como depois de ungirem  
ao Senhor com preciosos unguen-  
tos, & de o involyerem em hum lançol  
puro, o puzerão em hum sepulchro no-  
vo, onde ninguem se tinha enterrado.

Considerarey, que o sepulchro he  
altar do Sacramento, onde se encerra o  
Misterio da Eucaristia, & mais princi-  
palmente figura de quem ha de chegar  
ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar  
do coração: & assim deve entender que  
o Senhor se não mete por dentro, senão  
em almas muito novas pela penitencia;  
que isto significão os golpes, com que a

pedra estava lavrada; ou onde outro a morte não pôs, que isto vem a ser a novidade do Sepulchro, que se deu a Christo, onde outro se não havia posto. E isto será quem pela castidade o meter no seu coração, ou quem despindose do homem velho cõ novo espirito de Deos, para fazer huma nova vida, se lhe meta húa Alma nova.

Será o fruto desta hora, o exercicio de comungar a Christo em Sacramento, ou em Espírito, entendendo que só então se meterá muy por dentro de nós, quando com o cheyro das virtudes, quâdo com a suavidade da Oraçāo, cõ lançol de castidade ungido, & amortalhando em nós, o recebermos com hum tam novo Espírito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do Mundo, húa grande negação de nós mesmos, & huma grande resignação a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que não querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento)

quiz

quiz ter as pôpas de hys sepulchro grâde, não por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Matieolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque tendo figura do Altar, onde está o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representaçõens de morto lhe fizemos sempre obsequios, com as exequias da lembrança, pois estas erão as honras, que nós lhe podíamos fazer.

## P R I M A.

*Erat autem in loco ubi crucifixus est Iesus, hortus, & in horto monumen-  
tum novum.*

**C**uidarey, que não só o Horto foi o lugar onde começou a Payxão do Senhor, mas tambem onde o crucificáram, & onde ultimamente o sepultaram.

Será a Meditação desta hora, ver que a Oração figura da no Horto ( como já

dissemos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, ~~á~~ <sup>l</sup>im na vida, como na morte nos acompanha, & por isso nós depois de começar nella à imitação de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nós sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nós descânço; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos só se acharão dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeições se achão todas na Oração; mas com húa particularidade, que ella he como o primeiro móvel, a cujo movimento andão as mais esferas, ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma se move, sem que a mayor comece. E tam costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, até na morte, & no sepulchro nos mostrou, q não deve húa Alma de Deos sahir nunca do bom costume da Oração.

— Será o fruto desta hora, gostar de ma-

maneira da Meditaçāo, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditaçāo nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sombra vivendo a Alma, deve não deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçōens, que a cada hora da Oraçāo neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Espousa alentarse com estas flores, vivendo em sua fragancia, & fugindo do mão cheyro da culpa, correndonos de ser tam ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvāra Sidonia.

TER.

**T E R C, A.**

*In monumentum exciso.*

**C** Vidarey, que o Senhor foi posto  
em hum Tumulo de pedra, & de  
huma só pedra.

Será a Meditação desta hora, entender, que para sermos huma só coufa no mundo, quer o Senhor que sejamos sempre huns, & cada qual huma coufa só. Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre somos huns, & quenada do mundo nos fez outros. São inimigos da divisaó, que por não tella cõ ningué, cõ todos pareçamos huns, & nós o sejamos até nos meter em húa cova, & tam sós, pois nos prezamos de huns, q̄ até de nós nos apartamos, quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça não parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que à semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo; & trábalhando mais por

por vestir o coração de pedra, onde imóvel ao bem, & ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulações, para que esta pedra que ha de ser Christo, seja de atrair a todos os meus sentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento às humildades, & de preço ao amor de Deos, de quem como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que se lavem minhas culpas, ou verta chamas, & faias, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, huma total deixaçāo de mim mesmo, & huma tam constante deixaçāo, que vasandome totalmente do mundo, me encha de Deos, com tanta perseverança, que sem tornar a ser outro, & prezandome sempre de hum, para Deos possa ser altar, & para mim solidão, para o mundo dezerto, conhecendo, que só assim poderey ser qual Deos me quer, & que me ha de tirar de o ser, quanto fugir de verme só, quanto me fizer de estar comigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ser só ainda

da dentro de mim he o que me está me-  
lhor a mim, ~~fazendo~~ muito por não ter  
de mim nada, mais que o nada que fui,  
& sou, & que serey, se estiver sem o meu  
Deos.

## SEXTA.

**C** Vidarey, como o meu Senhor quiz  
que o sepultassem dentro em huma  
pedra, & para este sim moveo efficazmē-  
te a seu Discípulo Ioseph.

Serà a Meditaçam desta hora, que  
nos nam ha de desconfiar a dureza de co-  
raçao, parecendonos, que nas sequidoens  
para Deos temos coração de pedra, pois  
por húa só hora, que na Payxão de Chri-  
sto as pedras se quebrarão, por hum dia  
que no Dezerto com a vara de Moysés,  
figura da sua Cruz, se enter necerão, dei-  
tando de sy fontes de agua, não só nas  
pedras nos deixa sua Ley escrita com sua  
mão, não só fez a pedra, pedra funda-  
mental de sua Igreja, mas fazendose pe-  
dra angular, em que todos edificamos,  
buscou nas pedras seu abrigo, dellas la-

vrou

vrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petições, quando nos parecesse que as pedras se levátião contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendoas a nossa culpa pedra de escandalo.

Serà o fruto desta hora; exercitando-nos nas sequidoens com húa grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senão quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condição, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tosco de nossa rudeza, pôdose dentro de nossas Almas, escrever à sua Ley, edificarà sua Igreja, procurará o sepulchro, farà a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroas para os seus titulos; tendo por cer-

certeza infallivel, que qualquer de nos-  
sos coraçoens por mais de marmore que  
sejão, se for pedra de tocar a Christo, ao  
menor toque de sua graça ha de verter  
rios de pranto, com que se fecunde, & re-  
gue a terra seca de nossa Alma, passando  
os torrentes da Graça até as entradas da  
terra.

## NO A.

*Posuit eum in monumento, & advolvit  
lapidem ad ostium monumenti.*

**C** Vidarey, como pondo Iosephe de  
Arimathia o Senhor no Sepulchro,  
o escondeo aos olhos do mundo.

Serà a minha Meditação, conhecer  
que quando mais serviços fizer a Deos,  
quando o sentir dentro de mim mais,hey  
de fazer muito por esconder do mundo  
o que tenho no coração, para que tendo  
posto huma pedra sobre minha devoçāo,  
ao parecer da gente, não possa algum ar-  
de vaidade entrar dentro de meus silen-  
cios, & do segredo de minha Alma, fe-  
chan-

chando com esta cautella a porta por onde pôde a presunção, ou a soberba humana entrar a roubarme o thelouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente à estrada, & ao menos se tira delle o coração, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Serà o fruto desta hora, saber pôr pedra sobre o thesouro de meu coração, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar cõ o mais que fiar de mim, pois não quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentilos no gosto, no sossego, & serenidade, que o mais sobre ser dezafogo da natureza, & não sobegidão de graça, he final que vivemos dentro de nós por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, não poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da consciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo o que

o que se nos vay pelos ares, se se levanta o  
pò da terra.

## VESPORAS.

**V**estindo meus olhos de lagrimas  
( que estas saõ o luto dos olhos ) o  
coraçao de tristeza ( que este he o capuz  
do coraçao ) os sentidos de sentimento  
( que este he o nojo dos sentidos ) hey de  
hir por dentro de minha Alma para o Se-  
pulchro do Senhor; & fazendolhe com  
a minha ancia o Enterro de meu alivio, a  
celebrar com o meu pranto as Exequias  
de meu amor, a repetir com a minha pe-  
na os Officios de minha saudade, onde  
assistindo interiormente a màgoa de mi-  
nha lembrança, verey, que alli do meu  
Senhor me não fica mais q o Sepulchro,  
pois a Alma foi para o Limbo, o Corpo  
se escondeu na terra, a Tunica levàrão os  
Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio,  
a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos ti-  
rou o escandalo.

Serà a minha Meditação, ver que  
para

para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, ~~he~~ ~~necessario~~ meterme em huma cova, fazer casa da sepultura, & não só enterrarme em vida, mas sepultar-me dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem não deve já pôr os olhos quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos coraçoens, quiz assim estar no coração da terra, quē quer sahir tanto de sy, quem tem coração para deixallo, podendo meter no coração, quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a sepultura, & quando os Iustos nos avisão, que do ser que tem nesta vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Serà o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com verse com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que entrandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Se-

nhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tiramos a vida; seguindo-se desse discurso a dor das culpas, & peccados, pois morrernos o coração có o que se doe destas offensas, descobrirse-nos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dò que ha nos corações, & saó os finaes mais sentidos, que faz por elle nosso amor, quando o pesar nos dobra na Alma.

## COMPLETAS.

**C** Vidarey, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor até o Sepulchro, com Sam Ioão, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendo-se ao seu cantinho, teve aquelle admiravel trespassso, em que por espaço de tres dias, o seu viver foi sentir, o seu dormir foi orár, o seu fallar forão suspiros, o seu silencio, & a sua bebeda lagrimas.

Considerarey as grandes virtudes, q traz consigo o Iejum, quando se junta có a Ora-

a Oração, pois não só se sente o q̄ se vive, & se vigia o que se dorme, mas suspirase o que se falla, soluçase o que se come, & chorase o que se vê: acçoens que no sentido mystico incluem virtudes mysteriosas para a perfeição de huma Alma, que não segue estes exercicios, senão depois que tendo a devoção, que se representa nas Marias, a penitencia que se figura na Magdalena, o amor que se significa em S. Ioão, & a pureza que se entende na Virgem, segue com todas o estado da mortificação, q̄ se declara no Corpo de Christo, quando hia para o Sepulchro.

Serà o fruto desta hora, a observancia do Iejum, com mortificação, & Oração; & este não só ha de ser o Iejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abstinença contra os vicios no jejum espiritual; por isto jejuem os olhos, pois por elles, como portas da Alma, nos entrou a morte, & a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando à voz do seculo, lhe Será que nos encanta: jejue tambem a discricão, pois tudo o que lhe

cahe em ar, se lhe levanta em vento, de que se segue ~~tristes~~ mundo, que todo o mal do entendimento consiste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebendose no gosto que os atrahe, o seu engano não advertem bê os sabores, com que se adoção seus venenos: jejuem em fim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do apetite, & nas provas atè do licito, não só a consciencia se arrisca, não só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

### Summa.

**A** Melhor Oração, que se poderá ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitandoa pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, communigar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na prima, costu-

costumar o entendimēto Na terça, dē todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, observar a cautella Nas Vesporas, o recolhimento interior E finalmente nas Completas, o jejum espiritual, & juntamente corporal, & sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Propheta a quem medita no Senhor, não só no dia, mas na noite. Esta forma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de nosso coração hūm sepulchro, em que todo o dia arda a cera de nosso coração em obsequio de nosso Deos. Quem não tiver mais que huma hora, faça, se quizer, a Oração seguinte.

Cuidarey, que o coração he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a festa com minha Alma, a quem queria para Eposa; ou abrigarse com o rigor do tempo, até que as sombras se inclinassem; o acolhimento, que lhe fiz, foi tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, não ficando parte em seu corpo, que eu não desunisse com feridas, & não dezatá-

ra a crueldades; porém vendo enternecer com seu sangue, não só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, & magoado do que olho, não podendo apartalho ainda, depois da morte, dentro do meu coração me parecerá que lhe ouço dizer: Filho, deste coração, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulto, & considera o que te quereria vivendo em ti quem morto não pôde apartarse. Essa crueldade tua, q̄ para mim foi morte, não pôde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he essa, faz-me estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, comearão os golpes da penitencia a lavrar este penhasco duro, até que deixandose cortar da màgoa, & amolecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, donde metendo as minhas entradas com grande pena de minha alma, ella te meterá dentro com elle, desejando sepultarse em vida, & meter os olhos consigo, para que sepultados

tados nesta cova, & não só nas covas dos olhos, fação chorar as suas mininas, em cujas capellas fechadas, se não apagarà o lume dos olhos, atè que se não apague a vista, & se chegue a noite da morte, sem fazer dentro coufa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.

## DOMINGO.

*RESURRETC, AMDE*

*Christo.*

## MATINAS.

**C**VIDAREY, como a Magdalena com outras devotas Mulheres forão a manhãa da Resurreyçao ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromas, que tinhão preparado para o Senhor.

A Meditação desta hora serà , não só quanto devemos madrugar para buscar a Deos, ~~summo~~ ~~bem~~ ~~nono~~, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade que isto se figura no secxo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adverfidades do seculo, que tudo isto se representa na noite, com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entende pelos Apostolos, o devemos buscar , & recorrer a elle com os aromas de hum santo desejo de lhe fazer algum serviço, não pondo por diante o medo do que nos pôde succeder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que se não deixe achar de nós, que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem , que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foi a primeira que se afastou de Deos pela culpa , agora pela luz da Graça, cõ que se vão desfazendo as sombras do crepusculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvelle por chegar a Deos.

Serà o fruto desta hora , exercitar-  
monos

monos com grande desvello em buscar pela Oraçāo a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & sossego do sono, que sempre suppoem perguiça, & mostra descuido em h̄ua Alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando cō o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na perguiça do leyto furta a Alma à satisfaçāo, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para que, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dà pouco do seu amor, não correr quem ianda muito de vagar.

## L A V D E S.

**C** Vidarey, como as Santas Mulheres acharão virada a pedra do Sepulchro.

Será a Meditaçāo desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espírito do Senhor onde chega: pois logo sua

Alma

Alma Santissima se revestio ao corpo no Sepulchro, obedecendolhe o pezo da quelle marmore durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se virou para nos mover a nos com o exemplo de que ate huma alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hum para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podera o Senhor sahir do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao Mundo, que onde elle està, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheçao, que só elle as obra. Se pois huma pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que rezão tem hum coração humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Espirito do Senhor, para não dar huma volta grande, obedecendolhe pelos ares, & publicando suas obras?

Serão o fruto desta hora, não resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos, que aos seus impulsos seremos mais duros que as pedras, se com elle nos não mo-

movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainda que o pezo dos peccados não carrega muito a consciéncia, tudo com a pena, que disso podemos ter, se tivermos pezar para o sentir, ficará leve como huma penna, & desta se farão as azas, cõ que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

## PRIMA.

**C** Vidarey, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, que a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, que estava no Sepulchro, deixandoo não só mais resplandecente que a neve, porém mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrenda para as guardas, que lhe tinhão feito, foi suavissima visão para os olhos da Virgem MÁY, a quem ( como affirmão muitos Padres) apareceu primeiro que a todos, mostrandolhe não só a sua Glória, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de crer,

crer, que todos os Santos lhe darião as graças de ser Medianeyra da Redempção, & da Glória que gozava na vista de Christo.

Aqui não só considerarey os abraços exteriores, que a Virgē daria ao Senhor, & os que delle receberia; mas hey de meditar interiormente na rezão que houve para este favor; pois parece que este se concedeu à Virgem, por haver tres dias, que em huma continua Oração estava vencendo os tormétos, que lhe offendião a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Sinagoga condenada, afrontada a Misericordia, & exasperada a Iuſtiça, alegre a culpa dos preverlos, froxa a fé dos Apostolos, Ierusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempção, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & magoas.

Ou

Ou poderei meditar na Resurreição universal, de quem ~~este~~ foi exemplo, onde o Senhor para confusaõ, & medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virà na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triunfar dos māos, & dar triunfo aos bons, que vencendo as contrariedades do Mundo, da Natureza, ou do Demonio, firmes se conservão em seu amor, a pesar das tribulaçōens, das angustias, & dos tormentos.

Serà o fruto desla hora, exercitarmos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolaçōens, & cobrando nós as penas, sequidoēs, & adversidades, nos não venção o anmio, ainda q nos tirrem o alento, que nos não tirem o Espírito, ainda que nos desmayem o animo; pois he certo, que quem firme se sustentar contra esta guerra da natureza, não menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noite o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem à tristeza os gostos, às tribulaçōes as felicidades.

TER.

## TERC, A.

**C**uidarey, como o Senhor appareceu à Magdalena, mas não lhe consentio, que o tocasse.

Serà a minha Meditação ver os termos com que o Senhor pagou à Magdalena as màgoas, & lagrimas, que chorou, a màgoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarey, que nem tudo isto he bastante, que mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nós que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o havemos nós de tocar a elle, devendo só desejar q̄ o Senhor nos toque a nós, pois se nos busca, he por sua misericordia, não por nossos merecimentos, & se muito o ammos, he por influxu de sua Graça, & não por acção de total sufficiencia.

Serà o fruto desta hora, a prudencia espiritual, com que nos havemos de hir à mão no desejo de mais favores, contentandonos com o que Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dà muito, governar

nar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ternos por tam indignos de todo o auxilio, que nos dà, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento, pois isto nos não tira de levantarnos na sua Graça, antes então parece que só o obrigamos, quādo, se nos dà favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dà tentaçoens, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dà males, o bendizemos com paciencia, conformandonos cqm a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, & não navegar com mais vellas, que as que pedem os sopros do Espírito Santo, & pequenhez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar cō cautela, porque o temporal nos não fosobre, sem querer de hum folego, ou de huma sangradura chegar à India Espiritual, não nos contentando sem as

visoens, & apparecimentos, que hão de ser mais que de desejos das Almas, que estão neste Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se poem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto, em que subimos, que aquelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

## SEXTA.

**C** Vidarey, como o Senhor se fez en-contradisso com os Apostolos, que hião para Emaús, mostrandose em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogassem que ficasse com elles; como comendo com elles o conhacerão no partir do pão, abrindoselhe os olhos da Alma: Como logo lhes desapareceo: como depois lhes tornou a aparecer, dandolhes paz.

Serà a Meditação desta hora, ver como o Senhor se não aparta dos que vê tristes por sua causa, & como vendoos tibios, & froxos, se chega a elles para os con-

confortar. Considerarey, que esta froxi-  
dão he quem nos cega os olhos à rezam;  
porque atè o Senhor anda em nossa com-  
panhia, & tenhamos por estrâgeiro: por  
cuja causa fingindo as suas contranhas de  
misericordia, que nos quer deixar ( que  
estes saó os fingimentos) nos dà a enten-  
der, que se quer pôr muito longe de nós,  
por se mostrar tam frio na presença com-  
nosco, como nós entremos no Espírito;  
sendo tanto ao contrario, que só faz isto  
a fim de que o roguemos, & lhe peça-  
mos, que nos não dezempare; pois he cer-  
to, que em elle querendo hir, vem sobre  
nós a noite das adversidades, mostrando  
qualquer demonstração de amor, para  
que não se aparte de nós, persuadindo-nos  
a que comamos, isto he, que nos chegue-  
mos ao Sacramento. E buscando, elle  
abre os olhos d'Alma, & distribue entre  
os seus escolhidos o Pão Sacramentado,  
com a virtude do qual se aparta de nós o  
impedimento, com que os olhos do Espí-  
rito o desconhecem. E conhecemos, que  
para tudo o que convém saber de Deos,

só elle nos abre os olhos, & logo nos des-  
zaparece para exercitarnos a Fé, ou mo-  
strarnos os dotes dos Bemaventurados na  
agilidade, & sutileza. E depois tornou a  
apparecer, dando paz a seus Discipulos;  
para ensinalhes quanto amava a paz; &  
que só os que fossem pacificos, seriam  
Discipulos, & seriam Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande  
fervor que inflame nossas Almas, & as  
nossas froxidoens, para que não desco-  
nheçamos os favores, que Deos nos faz,  
arriscandonos com elles a que o Senhor  
nos deixe. Ou huma continua petiçam  
de que nos não dezempare. Ou huma  
grande fé có que o vejamos com o Espi-  
rito, pois só o vê resuscitado quē medita  
na sua Gloria. Ou grande desejo de paz  
interior, que he a coufa que Deos mais  
ama; pois ao nascer publicou paz aos  
homens, em quanto viveo a deu a toda a  
casa, onde entrou; & quando morreu, fez  
paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos  
amigos de Deos, de quem eramos inimi-  
gos.

NOA.

## NO A.

**C**uidarey, como o Senhor apareceu terceira vez aos Discípulos nas prayas do Mar de Tibiriades, onde elles toda a noite não poderao tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foi lançar as redes para a mão direita, foi tanto o peixe que tirarão, que encherão os barcos, & as redes.

Aqui considerarey, que neste Mar se figurava o Múdo, & nos peixes os homés, nas redes a Prègação, nos Discípulos os Prègadores; os quaes trabalhando, isto he, o tempo errado de sua prefunção, na parte da mão esquerda, isto he, entre os reprobos, & preceitos, ou nos erros de sua Igreja; não poderão colher nem hum fruto de suas vaás fadigas, mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos; & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègação, confiados em a palavra

de Deos, para a mão direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prègão, não só encheram as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja de muitos, & muy grandes Santos, que troxerão da Igreja para o Ceo, que isto he, do Navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Serà o fruto desta hora, exercitarnos na recta intençam, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & nam alguma nescia vaidade, com que no mar do Mundo nam colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o não fazermos muito fruto, nasce de nam inclinarmos para boa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noite que nos cega, & erro que nos engana; ate que desenganados disto, logo q ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conhecamos a vista de scus

seus influxus, & por experientia de seus  
beneficios, que somos servos sem provei-  
to, que com elle fazemos tudo, & sem  
elle nam obrámos nada.

**V E S P O R A S.**

**C**uidarey, como o Senhor levado ao  
Monte Olivete os Discipulos, a  
Magdalena, & sua M<sup>aria</sup> Santissima, de-  
pois de despedirse de todos com suavissi-  
mos abraços, pondo os pés sobre húa pe-  
dra, onde ficaram impressas suas pégas-  
das, subio aos Ceos, q<sup>u</sup> abrindose chejos  
de luz, & claridade, c<sup>o</sup> admiravel triun-  
fo, com ionôras consonancias, com sua-  
vissimas melodias, o receberam sobre o  
Throno das nuvens, & sobre os Choros  
dos Serafins, entre exercitos de Anjos, &  
de Espiritos Bemaventurados, que o cer-  
crão, & levàrão por toda a parte, enchi-  
do o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra  
de maravilha, até que sendo recebido nos  
braços do Eterno Padre, se sentou à sua  
mão direita, onde repartindo também

os assentos eternos pelos Santos, que le-  
vou consigo, forão gloriosamente occu-  
padas muitas daquellas cadeiras, que per-  
dèram por ingratos, & soberbos os Espi-  
ritos condenados.

Aqui me parecerà, que achandome  
com a Virgem Santissima, & cõ os Apo-  
stolos, estou com elles absorto, & arreba-  
tado, contemplando a grande Glória de  
Deos, a grande Bemaventurança daquel-  
les Espiritos, a fermosura da Patria Ce-  
lestial, a claridade, o resplendor, que ne-  
nhuma noite escurece, & que o dia eter-  
no alumea, onde hindo semel pelos ares o  
Espirito, & o coraçam em seguimento do  
meu Deos, gastarey a hora, enlevandome  
naquelle Occeano de glorias, naquelle  
pêgo de delicias, naquelle mar de Bema-  
venturanças.

Serà o fruto desta hora, exercitarme o  
mais de tempo naquelle pasmo Celestial,  
naquelle admiraçao suavissima, que ande  
como embebido na contéplacã da Glo-  
ria, na superior Jerusalém, feito Cidadão  
dos Ceos, pela conversão do Espírito, q  
toda

toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por Deserto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espírito Santo o cuidar na Glória, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos: & esquecido do Mundo.

## COMPLETAS.

**C**hristo Vidarey, como estando no Cenaculo os Discípulos, cõ a Virgem Santissima, preparados já de muitos dias na Oraçam, & no Iejum, & tam unidos de anor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabião com igualdade, & sem preferencias, nam querendo a Virgem myor lugar, por ser Mão de Deos, nem Sm Pedro, por ser cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Vando do Snhor, nem San-Tiago, por ser seu Parte, mas antes fazendose todos bom lugar, com que pela união nenhum queria

DE MANA

ter mais que o mesmo: Desceo sobre elles o Espírito Santo, derramandoe em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheios de celestial sciencia, & de chamas Espirituas, pelo annunciar suas maravilhas, a eninar sua Fé, & a comunicar os thefouros do Ceo, desejando que por toda a terra se ateassem as Celestes chamas.

Aqui meditarey, como só no Cetaculo, figura do Altar do Sacramento, aparece que recebem o Divino Espírito Santo, os que com ardentes suspiros, & com Oraçam pura o esperaram; exercitano-se nam só no amor de Deos com alegam da mente, mas na charidade do proximo, & no amor da fraternidade, con que todos cabião em hum lugar, & mestravam só huma fé, huma esperança, & huns espiritos, sem se lhe dar das autheridades do Seculo, & das preferencias do Mundo; onde por nam perdermos a superioridade, & preferirmos a todos, vimos a perder tudo o que Deos nos dà pelo desprezo, perdendo tambem a todos, quer

quem dezestimamos pela soberania, por cuja causa parece mentira, & he engano tudo que nós temos por servos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamus com as palavras, que saõ ar, devendo ser fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, & para Deos; pois só entam receberemos aquelle fogo do Divino Espírito, có que correndo pelo Mundo a acender o gênero humano, nem o Sol nos possa offender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as angustias, nem os gostos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que isto veim a significar dar o Senhor o seu Espírito em linguas de fogo, & nam polo nas bocas dos Apostolos, senam sobre suas cabeças; mostrando, que o amor de Deos nam havia de estar na boca, onde só ha palavras, mas na cabeça, onde o Entendimento falla, a Vontade obra, & a Memoria conserva.

Será o fruto desta hora, aquella chave com que se fecha, & guarda em duas

pa-

palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do Proximo; para que não havemos de querer menos, que para nós, amando a todos como a nós mesmos, & a Deos sobre tudo, fazendo neste modo por não receber em vazio o Espírito do Senhor, por ter entendimēto na cabeça, & não em a lingua, podo na cabeça seus benefícios; & dentro n alma seu Espírito, có q não só se escreva sua Ley em novos coraçoés, mas fazédo escrevella no livro de todo o Universo có rubricas de sangue, com chamas de fogo, & movimento d' Alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a tua Gloria o nosso fim.

### Summa.

**O** Melhor de tudo serà, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvello, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a cōstácia cō q nos havemos de pôr a todas as tribu-

temulaçõens, na prudencia com que nos havemos de medir, & com a que elle quer na Fè que devemos guardar lhe, & na paz que devemos ter na intenção com que o obrigamos, na contemplaçam com que ainda he Ceo no amor do proximo, & de Deos, que ainda em sy he Glória.

Se não tiver mais que huma hora, cuidarey, que minha Alma he Ceo, onde a vontade he Serafim, que se occupa em amar a Deos; o Entendimento Cherubim, que nelle se está admirando; a Memoria Throno, que sempre lhe está assistindo; os Sentidos Anjos, que sempre lhe estão ministrando; as entradas, & o coração, Santos, que sempre o estão louvando, & considerando a pureza, com q os Anjos estão no Ceo, a fermoçura do Ceo, a Glória da Bemaventurança, onde os Celestes Espiritos se estão revendo no meu Deos; Vendo que elle me fez Ceo este dia, em que quiz vir estar comigo, farey por viver como se o fora, por servilho como se fora Anjo, por amallo como Serafim, por assistir lhe como Throno,

ño, por louvá-lo como Cherubim, ando todo o dia passando dentro de mim mesmo naquella altíssima presença, esforçandome a toda a hora para fazer o q diz Sam Paulo: Sendo a nossa conversação toda no Ceo; em Deos, & em sua Muy Santissima, em os Anjos com os Santos entre aquelles jardins suavíssimos, naquelles suavíssimos, & celestiaes Paços, onde o Senhor do Mundo assiste, onde toda a Gloria se acha, & onde dentro de nós mesmos podemos ter os Ceos abertos, se fechando nós para o Mundo os olhos da Fé, & olharmos com a vista da Alma aquella luz, & claridade incomparável, & infinita, se imitando aos Ceos nossas Almas, nem tem por dentro deita luz nuvens de erros, que os encubram, manchas de culpas, que os afeem, sombras de offensa, que os eclipsem.

r

**FIM DA SEMANA.**

Quem

*Quem não poder ter Oração, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora se encorrenda.*

*Segunda feyra. O Senhor no Horto.*

**Matinas.** Conhecimento de nossa vocação, ou amor da solidão.

**Laudes.** Memoria de nossas culpas.

**Prima.** Vigilancia para não cahir.

**Terça.** Fortaleza para não desmayar.

**Sexta.** Resignação na vontade de Deos.

**Noa.** Esperança nas tribulações.

**Vesporas.** Amor de Deos por sua Bondade.

**Completas.** Odio aos vícios por sua maldade.

*Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.*

**Matinas.** A Honestidade.

**Laudes.** Brandura de coração.

**Prima.** Desengano da vaidade humana.

**Terça.** Cuidado da honra de Deos.

**Sexta.** Perpetua memoria de Deos.

**Noa.** Temor de Deos.

**Vesporas.** Amor à Oração.

**Completas.** Fervor na Oração.

*Quarta feyra. O Ecce Homo.*

Matinas. A mortificação.

Laudes. Saber examinar a Cruz, se he  
boa, se má.

Prima. A Perseverança.

Terça. Lagrimas d'Alma, & do Corpo.

Sexta. Memoria do Iuizo.

Noa. Memoria da Payxão.

Vesporas. Memoria da Morte.

Completas. Desejo da Perfeição.

*Quinta feyra. O Senhor com a Cruz  
às costas.*

Matinas. O Desejo da Cruz.

Laudes. Mudança da Vida.

Prima. Mansidão do Espírito.

Terça. Agradecimento a Deos.

Sexta. Desprezo do Mundo.

Noa. Considerar em Deos.

Vesporas. Valor Espiritual.

Completas. Accusação de nós mesmos.

*Sexta feyra. O Senhor crucificado.*

Matinas. A Humildade.

Laudes. A Obediencia.

Prima. A Charidade.

Terça. A altissima Pobreza.

Sex-

Sexta. A modestia nas palavras.

Noa. Movimento de Amor.

Vesporas. Desejos dos Sacramentos.

Completas. Contrição.

*Sabbado. O Senhor no Sepulchro.*

Matinas. A Castidade.

Laudes. Communhão Real, ou em Espírito.

Prima. Amor de Deos.

Terça. Deixaçāo de nós mesmos.

Sexta. Confiança em Deos.

Noa. Cautella contra o Demonio.

Vesporas. Recolhimento interior.

Completas. Iejum do Espírito, & do corpo.

*Domingo. O Senhor Resuscitado.*

Matinas. O desvello no Amor de Deos.

Laudes. Não resistir a Deos.

Prima. Constancia nas adversidades do Espírito.

Terça. Prudencia Espiritual.

Sexta. A paz do Espírito.

Noa. A recta intenção.

Vesporas. A contemplação da Gloria.

Completas. Fogo do Amor de Deos, & do Proximo.

*Quem*

*Quem disto se não agradar, pôde, se quiser, ter estoutra Meditação.*

*A Segunda feyra.* Meditarà no Senhor como Amigo; & bastarà, que no seu coração ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deus, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foi nosso, pois chegou a pôr por nos a vida; pois nos falla no coração, como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, & se pôz por nós em huma Cruz, nam perdoando aos Anjos mãos; pois nos convida aos Ceos, & nos vejo a livrar do Inferno; & se dà a sy mesmo no Sacramento. E tantas outras couças mais, que ensinarà melhor o Espírito.

*A Terça feyra.* Se meditarà no Senhor, como Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, fendo a Casa, em que o recebemos, tam vil, tam pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade cõ que

que se move a estar commosco em huma  
cavana de palhinhas, & cheia de lodo, &  
de immundicias, indigna de sua presen-  
ça. Quem não quer meditar nisto; basta-  
rà, que no seu coração ande dizendo a to-  
da a hora: *Hospede de meu coração, enri-  
queceyme esta casinha, pois sois Senhor de  
todo o Mundo.* E se tiver tempo, cuide co-  
mo foi nosso Hospede na Encarnação, no  
Presepio, no Templo, na Cruz, no  
Sepulchro, & no Sacramento: & o mais  
que ensinar o Espírito.

*A quarta feyra.* Se meditará no Se-  
nhor como Rey; & bastará, que a toda a  
hora se lhe repita dentro n'Alma: *Meu  
Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeyme  
merces a minha Alma, pois sois meu Rey,  
& meu bem todo.* Se houver tempo de  
cósiderar, veremos como reynou na Cruz,  
pois o seu Throno foi a Cruz, o seu Rey-  
no a mortificaçam, sem a qual ninguem  
subirà a versc nos Reynos dos Cels, pe-  
çamos lhe aqui muitas vezes, que venha  
anos o seu Reyno, & que nos faça amat  
a Cruz, para que sempre reyne em nós,

*Semana*  
& se façá a sua vontade.

*A quinta feyra.* Se meditarà no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coração: *Meu Deos, Esposo de minha Alma, trazeyme sépre atrás de vós, ou meteyvos dentro de mim, & dayme aquellas vestiduras, cõ q as Esposas vos recebem.* Se houver tempo de meditar, cuidarà de quantos modos se desposa o Senhor com nosco na Natureza, & na Graça, no Espírito, & nos Sacramentos. Cuidar-se-ha quanto importa nam se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantarés, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

*A sexta feyra.* Se meditarà no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nus das coisas deste mundo, & quam fora hão de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo; & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. *Quem nam puder considerar,*  
ba-

bastará que lhe diga na Alma: *Meu Deus, meu Mestre, & meu Bem todo, se vós me quizerdes fazer vossa verdadeiro Discípulo, he certo q̄ só vós podeis.* Se tiver Meditação, considere como sempre foi nosso Mestre, & nosso Exemplo, na pobreza com que nasceu, na verdade com que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exerceitou, & na obediencia com que morreu.

*Ao Sabbado.* Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizendo o nosso Espírito: *Meu Deus, meu Pay meu Bem todo, não seja escravo do Demonio, quem vós fizestes vossa Filho.* Se houver tempo, meditar-se-há com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança, & fazermos por não perder o morgado da Glória pelos bens falsos da terra, por não morar no mundo cō os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este mundo.

*Ao Domingo.* Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os An-

jos, com os Santos, & Serafins servir-se  
ainda neste mundo, se quer servir com  
peccadores tam vis, & baixos pela culpa.  
Se nam tiver tépo, ou nam o houver para  
cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu  
Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno  
sou eu de servirvos, pois os que vos servê-  
saõ Santos, mas se vòs quizerdes, meu  
Deos, só vòs me podeis fazer hum muito  
grande servo vosso.* Se puder considerar,  
meditaremos a Grandeza, o Imperio, a  
Magestade, & os mais supremos attribu-  
tos de hum Deos, que he Senhor univer-  
sal, nam só da Terra, mas dos Ceos, dos E-  
lementos, & criaturas, & de tudo o mais  
que ha no Mundo; & admirandonos sem-  
pre nelle, estando suspensos, & parados  
veremos que favor nos faz em se querer  
servir de nós.

F I M.

E so-

E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura, ou representação, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre Sam Francisco, Santa Theresa, Santa Coleta, & outros muitos Santos, & Mestres desta Espiritual Sciencia) tudo se acha no Padre Nosso, & tudo por elle se alcança, ainda que este se não rezar, na forma que aqui se escreve, colhaõse delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escritura deste Papel, de que o Padre Nosso serà melhor, se se obrar como se diz.



que favore faz em se querer  
este lincej





# VOZES O CEO,

E  
MORES DA TERRA.  
em cinco Discursos:

Pelo Veneravel Padre  
ANTONIODAS CHAGAS

VOZ DO CEO I.

*Ex. 10 natus de muliere, brevi vivens  
tempore, repletur multis miserijs. Iob. 1. 4.*

## TREMOR I. DA TERRA.

**O** Homem nascido da fragilidade  
(dizia Iob) vivendo breve tempo,  
K iij

se enche de muitas misérias; como nasce, como flor se murcha, como sombra apparece, & dezaparece como sombra; quer sempre ser o mesmo, & nunca está em o mesmo estado: Gera-se em podridão, nasce em peccado, vive em miseria, morre em angustia; desde o começar a nascer ao acabar, tudo são misérias na vida, tudo são mudanças no Homem: tudo são misérias na vida, porque o ventre he trevas, o berço prantos, a minimece ignorancia, a mocidade engano, a adolescencia vicio, a madura idade ambição, & a velhice enfermidade: Tudo são mudanças no Homem, porque hoje moço, à manhã velho, agora alegre, depois triste, já são, já enfermo; hum dia irado, outro dia sofrido; hum tempo ditozo, outro mal afortunado; hora arrependido, hora peccador; nunca pára em hum estado; Ladeim sim de tantas mudanças; Sol q tantas vezes se eclipsa, Estrella q tantas vezes erra, Mar que tantas vezes se muda, Protheo que tantas vezes toma forma; todo o Mundo junto o não tem.

Lhe h̄bre todas estas misérias, se gastou mal o tempo da vida, que Deos lhe deu para tratar da salvação, tem morte para cada hora, juizo final para logo, Mundo para nunca mais, Inferno para sempre.

He gerado o Homem em podridão, para que desde as mantilhas do ventre aprenda a ter hum nojo de sy mesmo, h̄á desengano dos outros, & hum disfâbr, & desprezo de tudo aquillo que estima a vâa profanidade: porque se o melhor extremo da vida humana h̄e hum asco da consideração, & da mesma natureza, que serà, & que serà áquelle extremo ultimo desta evidente corrupção, que se resolve em cinzas mortaes, & em guzanos vivos? Se pois assim começão os homens da melhor geração; se o Grande, o Príncipe, o Monarca não tem melhores principios que estes, porque estes saõ a materia, & fundamento do ser humano; que na tam nesciam éte desvanecido, que faça caso de huma vida, cujos principios saõ desenganos de conservar se, pois saõ os começos de corromper se? Nasce em peccado o

Ho-

Homem, para que vendose escravo da culpa, que herdou com a natureza, abata a devoção daquellea soberba, que quer ter jurisdição sobre as outras escravas, como se nascera em graça, & sayba que nasce cativo, & sogeito à coufa mais vil, & abominavel que pôde haver no Mundo, q isto he o Peccado, tam odioso a Deos, tam pescimo, & detestavel, como quem não foi criatura de Deos, mas feitura dos peyores homens. E convém que saybão isto os melhores homens do Mundo, para que considerem, que não pôdem ter domínio sobre os outros homens, se primeiro se não sogeitarem ao imperio recto da rezão, & resgatandose juntamente pela Graça de todas as outras escravidoeis, em que os meteu o vicio, quando usou da rezão que devia, almanhecendo lhe com a luz do Ceo, se ficou às escuras cõ as sombras da zerra. Vive em miseria o Homem, porque nada tem no discurso da vida, que não seja huma perpetua miseria, ou huma necessidade continua; o que se tem por regallo, o que se julga bizarria, o que

o lige parece deleite, & o que se estima por felicidade, saõ grádes miserias da vida, & grandes necessidades do Homem. Para sustentar a vida, he necessario comer, & beber, por bizarria o vestir, por deleite o dormir, por felicidade o negociar neste, ou naquelle estado; sem advertir o Homem, que todos estes seus bens saõ necessidades, & miserias; pois vemos que a natureza faminta, sequiosa, nua, affligida, & trabalhada, pede ao Homem, como por esmola, o sustento, o vestido, o sono, & a diligencia, com que se tem cuidado della. E desta advertencia nasce a mayor miseria de todas, que he chegar a ignorancia humana a ter, & amar por summa felicidade a sua mesma miseria, sem ver que o comer foi a occasiam do peccado, o vestir insignia da penitencia, o dormir figura da morte, & o negociar castigo da culpa. Que miseria pois pode haver mayor, que chegar o esquecimento da profana vaidade a fazer negocio do castigo de culpas, delicia da figura da morte, galla, & ostentação das insignias da

da penitencia, regallo, & gosto da o-  
fião do peccado.

Devia o comer, & beber ser sómente para sustento, & não para regallo; devia ser o vestir, & o calçar, não para enfeitar-nos, mas só para cobrirnos: devia ser o dormir para descanso, & não para deleite: devia ser o negociar para o necessário, & não para o superfluo. Devia ser menos o negociar, porque se he para mais que o que basta para passar a vida, he ambição, & não providencia. Devia ser menos o dormir, porque sendo demasiado, he vicio, & não necessidade. Devia ser outro o vestir, porque sendo o que se vfa, he vaidade, & não modestia. Devia ser menos o comer, & beber, porque sendo mais do necessário, he gulla, & não temperança. Se o comer he muito, não só he estrago das virtudes, mas tâbem da vida, se o vestir he yão, não só he queixa da modestia, mas da natureza; se o dormir he demasiado, não só he nocivo à salvação, mas tambem à saude. Se o negociar he superfluo, não só he arriscado para a consciencia,

mas para a pessoa. Eis aqui como tudo é miseria, & digno de lastima; ainda assim nesta miseria vive o homem tam esquecido da Eterna Vida, como se vivera já Bemaventurado.

Finalmente morre em angustia, porque o cercão de toda a parte na hora da morte todas as misérias que teve, todos os peccados que fez, & todos os males que tem, & todas as cousas que vê. Se olha para o Céo, vê o bem de que andou fugindo, toda a vida: se olha para a Terra, vê a sua sepultura: se olha para o fogo, vê o seu castigo, ou no Inferno, ou no Purgatorio. A mesma vida o deixa, despedindo-se num suspiro; a morte o afalta, arrancandolhe a alma pouco a pouco; o ar o afoga, tomadolhe a respiração: o Céo o atemoriza, hindolhe negando a luz; a terra o quer comer, abrindolhe a cova; o Inferno o quer engulir, engolindo nas entradas: & sobre tudo isto ve a Deus irado, cheio de justiça, & não de misericordia: o Demônio accusador, & já não amigo: os Anjos testemunhas, mais que

que adyogados: os Santos expectados, mais que padrinhos, faz huma cõiancia triste, horrenda, & temorosa, que he outro genero de morte muito mais terribel.

Morre em fim miseravelmente o Homem, & se dalli não vay condenado para os Infernos, ainda tem castigo no Purgatorio; se foi condenado, não tem remedio, vay padecer para sempre fogo perduravel, penas eternas, confusaõ infinita, & eternidades escuras, de pranto sem termo, de tormentos sem cabo, de desesperação sem fim: & que sabendo isto o Homem, que tem juizo, haja de gastar a vida na vaidade, & não no desengano; haja de amar a miseria da vida, & não a felicidade da alma: haja de buscar a perdição, & não o remedio: haja de fugir da penitencia, & não da abstinação! Oh miseria! Oh desventura mayor que todas as da vida! Tal he a cegueira mundana, q̄ não ha coufa que aos Homens pareça mais contraria para a sua vida, que o tratar da salvação; he necessario, que se enfadem,

se aborreção da vida, & que a Alma se lhe oculta de amarguras, para que se cheguem a Deos, & lhe peção misericordia: & cuidão, que fallão contra sy, se fallão em salvarse, ainda que estejão vivendo na mayor miseria de todo o mundo.

Eu fallarey contra mim (dizia Job no meyo de suas misérias) & fallando na amargura de minha Alma, direy a Deos, que não queira condenarme? *Dimittam aduersus me eloquium meum, loquar in amaritudine animæ meæ, dicam Deo, noli me condemnare.* Notaveis palavras, por certo! Se Job falla por sy sómente a Deos, que mais lhe havia de pedir, que a salvação, dizendolhe, que o não condenasse: logo como diz, que fallava contra sy? Se as primeiras palavras, que diz depois de fazer este proposito, saõ, que Deos o não codene? Oh mortaes! Andava Job aborrecido da vida, desejava a acabar a vida, destruilla, como diz Santo Thomas; se pois para a destruir havia de suppor algum contrario seu, que coufa havia Job de desejar, senão a salvação: *Noli me cõdem-*

demnare. Se não ha cousa que pareça maior contraria a esta miseravel vida, que tratar da salvação, pedindo a Deos misericordia. Não tratais, mortaes, da salvação, não fazeis penitencia, porque nam aborreceis a vida. Onde se deixa ver, que em quanto gostaes da vida, & das suas miserias, a perdição he a vossa gloria, a salvação o vosso aborrecimento. Eis aqui a ultima das miserias, a que chega a cegueira dos vossos vicios, para que no Juizo de Deos sejais condenados, & reprovados por toda a Eternidade, se com tempo não fizeres penitencia das vossas culpas.

(:?:)

VOZ

## VOZ DO CEO II.

*Quid est Homo, & quæ est gartia illius?*  
Eccles. 18.

### TREMOR II.

**Q**ue cousa he o Homem? pergunta o Ecclesiastico: que tem o homem de ieu, para que se persuada a que he alguma cousa. O Homem mortal (dizo mesmo Salamão) he huma empolla de agua; porque assim como a empolla não he mais que huma inchação, & já que se vê nas ondas apenas aparente quando desvanecida; assim o Homem peccador, com huma potica de vaidade, que he o ar, que lhe entra, mal represesta o leve engano de suas aparencias, quando desfaz a fragil pompa de sua obstinação aeria, ou sua presunção caduca. He como o vaso

de barro, ou seja velho, ou novo, jo perigo tem de quebrar em chegar do a cahir. Assim o Homem, ou seja moço, ou velho, igualmente pôde morrer. E ainda em qualquer mal, he como a Estrella do Mar; porque assim como estas ao parecer saõ Estrellas, não sendo na qualidade mais que humas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo; assim o Homem, se he justo, he huma sombra, & huma semelhança de Deos, nada por sy proprio, & nada pela culpa, pois por ella a sombra se vay, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique.

He como sombra o Homem, porque assim como a sombra que vay fugindo, vay dezaparecendo, sem deyxar algum final de sy; assim o Homem, que vay vivendo, vay acabando, tem deixar algum vestigio daquella vida; apenas nos representa em leve vagado de sombra, quando morre como de accidente em breve efímera de nada. He como a escuma do Mar, que se ergue viçosamente sobre as suas aguas, & qualquer onda a derruba, & des-

granece. \*He hum bocejo da terra, que sobe apòr para morrer em fumos de hú fumo, que o ar espalha, huma folha que o vento leva; fogo que se converte em cinza, que se desfaz em pò, porque se muda em todo o lodo, que se torna em terra. E que fendo isto, & muito peior que isto o Homem mortal, & miseravel, & sogeito a maiores misérias, & desventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa: & haja de fazer muito caso de quem he, não vivendo em graça. O justo não se sabe resolver, se he digno de odio, se de amor, & ensobrecerse o pò, & cinza, fendo o termo ultimo da vida, & da abominação.

Ah Senhor! (dizia a Deus David) trazey as gentes a juizo, & saybão que saõ Homens: *Constitue Legislatorem super eos, sciant gêtes quoniam homines sunt.* Porém se os peccadores de ~~nenhuma~~ outra coufa se jaetão tanto, como de ferem Homens, como he necessário, que venha sobre elles hum dia do Juizo, para que se conheção? Não fora melhor dizer o Pro-

feta: conhecção os humanos, que fá  
dras na dureza, brutos no apetite, arvores  
na elevação; pois abominava nelles a so-  
berba, a obstinação, & a demasia? O  
mortaes, excellente mente disse David.  
Definio Job que cousa era o Homem, &  
disse, que era huma pouca de podridão:  
*Homo putredo.* Queria David, que os Ho-  
mens conhecessem que erão, huma po-  
ridão que vive, huma immundicia que  
se doura, huma corrupção que se preza.  
Se os Homens se tiverão por Arvores, ain-  
da que os condenara a sua elevação, po-  
déra enganállos, & darem algum fruto.  
Se se conhecérão por Feras, quando os  
malquistára a fereza, a brutalidade os  
desculpára. Se se considerárao Pedras, a  
duração os confiara, ainda que a dureza  
os reprehendéra. Pois porque nem a du-  
ração os cófie, nem a brutalidade os des-  
culpe, nem darem algum fruto os engane;  
saibão, que saó podridão, & não pedras;  
conhecção que saó immundicia, & nam  
brutos; vejão que saó corrupção, & não  
arvores. E conhecção finalmente os mor-  
taes,

que não saó gente, pois saó Homés, porque sendo Homens, saó huma podridão corrupta, huma immundicia nojenta, & huma corrupção asquerosa, que foi nada ha pouco tempo, que està sendo pouco mais de nada, que serà coufa nenhuma. Hontem hum favor do possivel, hoje hum perigo do futuro, & à manhã hum medo do presente: hum pôde ser antes que fossem, hum não serão agora que estão: sendo hum forão acabando de ser; & se saó mais alguma coufa, nada saó mais qua hum lodo que vive, huma lama que lustra, huma terra que anda, húa vaidade que corre, huma mentira que falla, hum engano que dura, & húa presunção que mente.

De que pois vos gloriais, Homens miseraveis? Que cuidais que sois? Quem presumis que sereis? pois sabey, & acabay de crer, que em todo o Mundo ~~nao~~ pode haver coufa mais vil, quanto ao ser terreno, q esse ser que tendes, & de q tanto vos prezais. Toda essa fabrica vivente, toda essa

apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa desvanecida, he cousta tam vil, tam baixa, & miseravel; que nem depois da morte pôde ser peior, nem mais vil, do que he mayor gloria, na mayor presunçao, & na mayor felicidade da vida.

Peccou Adam, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vagados para o derrubar na culpa, querendo pôrlhe por terra aquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava com presunçoes de Divino, disselhe hum dia: Homem miseravel, lembrete que es pô, & que em pô te has de tornar. Mas se Deos quer abater os brios a Adam, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser, por castigo da culpa; se o quer atemorizar com a memoria da morte, figuraada no pô, & cinza, que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendolhe, que ha de ser na morte o mesmo que está sendo em vida? *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Não era meyo mais efficaz para

ta confundillo, & para estremecello, dizer se, que se lembrasle, que cedo seria pô, & cinza, ainda que de presente era Homem? Não mortaes: se Deos distera só ao Homem, que havia de ser pô, & que o não era já, deralhe hum desengano para tempo futuro, mas não lhe tirara a vaidade do seu engano presente. Via Deos, que do engano presente nascia todo o mal do Homem, pois com nenhuma cousa se engana tanto, como com o que era; & para que visse quanto se enganava com a sua ignorancia, ou com a sua vaidade, não só lhe disse, que havia de ser pô, quando o castigasse a morte, disselhe, que isso mesmo estava sendo, quando o enganava a vida. Mas se Deos fez o Homem do pô da terra, se o Homem vivendo he pô, que castigo lhe dì Deos em o desfazer em pô? Se na morte o desfaz, se na morte o castiga, como o não desfaz, diminuindolhe o ser; como o não castiga, fazendoo mais vil? Oh mortaes! não achou Deos nenhuma cousa peior, em q podesse desfazer ao Homem, que aquell-

la mesma de que o fez, não teve outra  
mais vil, com que o castigar, que  
dendo tornar a ser aquillo que era; por isso  
não podia pôrlhe mayor afrota no rosto,  
que dizerlhe, que ainda havia de ser o  
mesmo que estava fendo.

Fez Deos ao Homem do pô da ter-  
ra, como lè o Hebreu: *De pulvere*: fello  
de hum vilissimo, como diz Chrysostomo;  
& vilissimo de hum superlativo, que  
affirma daquillo, que he vilo mais que  
pôde ser; pois não só he vil, mas sobre  
mais que vileste pô, como materia pri-  
ma, dc que Deos formou o Homem; da  
materia prima,diz Santo Augustinho, que  
he o ser mais vil que se pôde considerar.  
Se pois o Homem não podia ser peior  
cousa, nem mais vil do que era, q̄ mayor  
castigo podia darlhe Deos, que fazello  
ser o que tinha sido, quando acabasse de  
ser o que estava fendo.

~~Dezengahay~~ vos mortaes, que nada  
podeis ser peior, nada podeis ser que seja  
mais vil, que esse mesmo de que tanto vos  
prezais; pois atè parece que quâdo Deos  
vos

vos quer aniquilar, parece tambem que vos pode ennobrecer, mas nem peiorar vos. Fez Deos da luz o dia, do Ceo as Estrellas, do Mar os Peixes, da Agua as Aves, da Terra os bichos, & animaes, & as plantas; mas ao Homem de hum pò vilissimo, que ou nos cega, ou nos suja tam baixo, & tam miseravel, que fogeitandose a tudo o que fazem delle, sempre anda cheio de immundicias, & de perseguiçoes: se se levanta o vento, o leva pelos ares, & depois o derruba; se se não move, todos o atropellão Isto sois Homens miseraveis; & disto fez Deos o primeiro Homem, para que ven do se mais vil por este principio que todas as outras criaturas, buscassem no seu conhecimento o seu desengano, & achassè na sua vileza a sua humildade. Não só nisto, mas em outros muitos doens fez mais caso a natureza das hervas, das plantas, das aves, & das feras, que dos humanos, pois os brutos os excedem na força, as feras na saude, os Cervos na vida, os Linces na vista, os Abutres no cheiro, as Aves na li-

ligeireza, as Flores na fermoura, as Ar-  
vores na pompa, & as Hervâs na vintu-  
des, & em outras infinitas cousas, que fo-  
ra hum nunca acabar começar a dizellas.  
Por isso queria Deos, que o Homem se  
conhecesse pela coufa mais vil que havia  
no Mundo, para que não se attribuindo a  
sy os favores do Ceo, vendo que lhe não  
era devido nenhum respeito, antes ten-  
dose por indigno das merces de Deos, as-  
sentasse sobre esta humildade aquelle be-  
neficio, com que antes de peccar o fez se-  
nhor de tudo, & aquella misericordia cõ  
que o vejo a ver depois de haver pecca-  
do.

Mas não cuidão os Homens, que  
são pô, cuidão que são Deoses: aquelle  
engano, que o Demonio fez a Adam no  
Paraíso, faz no mundo todos os dias aos  
outros homens, como cuidão muito de  
sy, ~~nada~~ cuidão na morte, nada cuidão  
em Deos, nada cuidão na morte, porque  
vivem, como senão houvera morte; na-  
da cuidão em Deos, porque vivem como  
se não houvera Deos; ainda que a morte  
os

os desengana todos os dias, ainda que Deos os avisa todas as horas, como nam olhão para o pò, que he memoria da morte, como não olhão para o sepulchro, que he o espelho da vida ; o pò ainda que lhe dè nos olhos, deixaos mais cegos ; o sepulchro, ainda que lho ponhão à vista, fica a perder de vista. Oh se os Homens olhàrão algum dia para o pò da morte? Se os Homens fizerão algum dia espelho do sepulchro! que depressa se elquecerão do que parecem! q se finalmente conhecérão bem o que erão, não se terião por Homens, quando muito parecerlhefria, que erão huns bichos vis da terra, & húa pouca de podridão.

Senhor (dizia a Deos David) eu não sou Homem, sou hum bicho da terra, huma afronta dos Homens, & hum escarneo do Povo: *Ego sum vermis, & non homo, &c.* Porém se David era ~~hum~~ dos maiores Reys da terra, o mayor Homem dos seus tempos, o gabo dos outros Homens, a valentia do Mundo, & a occupação da Fama; como já bicho, & não Homem,

mem, como escarneo, & não gabo, como  
afronta, & não credito? Oh m  
Chegou David às consideraçõés da mor-  
te, como elle logo diz, por meyo do pò,  
& cinza: *In pulverem mortis deduxisti*  
*me.* Chegou ao Sepulchro, como explica  
Iansenio: *Idest proximus sum sepulchro:*  
fez memorial do pò, & cinza; fez espelho  
do sepulchro, & como vio nelle, que to-  
do o parecer de Homens, & toda a afei-  
ção de Homens, se havia de mudar em  
guzanos, & bichos fedorentos, já não he  
o que parecia, já parece só o que he: *Ego*  
*sum vermis, & non homo* Porque consi-  
derandose pela morte feito em pò, &  
cinza, pelo pò, & cinza na sepultura via,  
que nella não ficava do Homem outra  
cosa, mais que aquillo que nasce da po-  
dridão; & isto são bichos, & guzanos, co-  
mo dizia Iob: *Homo putredo, & filius ho-*  
*minis vermis.*

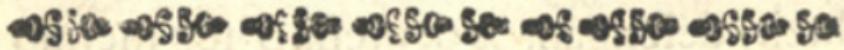
Isto vê quem olha para o seu sepul-  
chro, porém ainda vê mais quem olha  
para Deos: quem faz espelho do seu se-  
pulchro, temse por hum bicho da terra,  
jul-

ju, se pó, & cinza, conhece, que he podido, mas quem tem a Deos por espelho, ainda vê mais, porque vê que he nada. E a rezão he, porque olhando para Deos, vê-se a sy, & vê q̄ he couſa nenhūa. He Deos como hum espelho para os que andamos nesta vida de peregrinos, segundo disſe Sam Paulo, & neste espelho só nos haviamos de ver, & rever todos os momentos. Vioſe a elle David, que trazia sempre os olhos em Deos: *Oculi mei semper ad Dominum.* E logo vio que era nada, como elle mesmo disſe: *Et substātia mea tamquam nihilum ante te.* Senhor, nada sou diante de vós. Porém se David via, & se revia em Deos, como vendo tāto, via que era nada? Ora ollhay: quē olha para o espelho, vê-se; quem o nam olha, não se vê. Vê-se quem o olha, porque em olhando para Deos, vê a sua imagem, & vê, que fendo a Imagem de Deos, nada lhe fica mais que aquelle puro nada sobre quem se foz esta imagem; por iſſo conhece que he nada. Quem não olha para o seu espelho, que he Deos, não se

pôde ver a sy, & daqui nasce, que como  
acha tantos doens de Deos em sy, ~~que~~ sa-  
ber de quem saõ, nem donde lhe vierão,  
desconhece a Deos, desvanecese a sy, cui-  
da que tudo he seu, dissipao como pro-  
prio, atè que na ultima hora o paga co-  
mo alheio.

Se pois, peccadores, hum Homem  
justo como David, quanto ao ser mortal,  
& caduco, se tem por hum guzano olhâ-  
do para o sepulchro; & quanto ao ser im-  
mortal, tem para sy que he nada, olhando  
para Deos. Em que conta se devem ter  
aqueles peccadores, que sendo por sy  
nada, pela culpa saõ huns sepulchros vi-  
vos de humas almas mortas? Se quereis  
conhecer quem sois, quanto ao ser terre-  
no, olhay para o sepulchro: se quereis  
ver o que sois quanto ao ser mortal, olhay  
para Deos, vede que de não olhar para  
Deos nasce o caso que fazeis de vòs: ve-  
de, que de não ver o sepulchro, nasce o  
caso que fazeis da vida. A vida sem  
memoria da morte, he huma morte d'alma:  
vòs sem memoria de Deos, sois hum in-  
ferno

tempo da vida; da morte d'alma facilmente se caminha para a morte da vida: do inferno da vida facilmente se vay para o inferno d'alma. A morte da vida pôde ser cada hora, a morte d'alma ha de ser para sempre. Se pois não tendes mais q̄ huma vida, nem mais que huma alma, como não receais huma morte, que se apresla na culpa, como não temeis hum Inferno, que na culpa se ganha? Oh miseria da vida! Oh perdição d'alma! Oh ignorancia do nada! Oh soberba do pò, & cinza!



## VOZ DO CEO III.

*Homo, sicut fanum dies ejus, tanquam flos agri sic efflorebit. Psal. 102.*

### TREMOR III.

**C**ompára David como feno a vida do Homeim, que isto saõ os seus dias,

dias, para que vendo os Homens na  
brika, & fragilidade do feno a frag  
ilidade da sua vida, achem o dezengano de  
sua vaidade no mesmo fogo, onde a sua  
vaidade achava o seu engano. E daqui  
passem a considerar, que se os desenga  
não aquellas mesmas cousas, que os costu  
mão desvanecer, que farão aquellas, que  
os devem desenganar, humilhar, & ad  
vertir? Engana aos Homens, & desvane  
ceos a flor de sua idade, & a verdura de  
seus annos, dandolhe a presumir, q̄ quem  
começa a florecer, muito tē para durar, q̄  
quem começa a reverdecer, muito tē para  
luzir: desengana os depressa o seu mesmo  
engano; pois na vida do feno, que rever  
dece, na duração da flor, que mais pom  
posa nasce, vem os homens a vida, q̄ tam  
depressa acaba, vem a pompa, & a idade,  
quam pouco espaço dura: para que sou  
brense os Homens, mandou Deus ao  
Profeta Izaias, que chamasse ao seu Po  
vo, & perguntandolhe o Profeta, que ha  
via de clamar? Vay (lhe respondeo o  
Senhor) & chama aos Homens, que se  
não

ão enganem, porque toda a carne he fe-  
no, ~~toda~~ a sua gloria como flor do cam-  
po, recoufe o feno, cahio a flor, & aca-  
bouse a gloria num breve instante; por-  
que o mesmo Espírito do Senhor, q̄ num  
assopro lhe inspirou a vida tâbē lha tirou  
noutro assopro, & foi a causa, não fazerem  
os Homens aquillo para q̄ Deos os fez

Eis aqui o que saó os Homens mais  
prezados de quem saó, & os maiores  
Homés do Mundo, hum feno vilissimo,  
que das hervas nasce, na terra cresce, no  
ar florece, & pelos ares morre. Eis aqui o  
que he a vida dos Homens, húa flor tam  
fragil, que o frio a seca, o Sol a murcha, o  
vento a arrebata, os brutos a pizão, & os  
bichos a comem, sem que lhe valhão  
o privilegio da fermosura, a authoridade  
da pompa, & a verdura da fragancia, pa-  
ra que o tempo lhe perdoe, o vento a res-  
peite, & o Sol a não castigue. Chamão os  
Homens flor da idade à ~~Primavera~~ da  
vida, & com rezão lhe chamão flor, por-  
que toda a duração dos annos desta vida  
caduca, toda a repetição das Primaveras  
M da

da mais florida idade, não só tem a fragilidade de flor no mais tenro da idade, mas apenas tem a idade de huma flor na maior duração da vida.

Fallando Iob na vida do Homem, disse que erão breves os seus dias; dizendo David os dias da vida humana, comparaos ao feno, & com a sua flor: porém se a vida da flor he tam breve, & a do feno tam caduca, que ainda não dura hum breve dia: Se a idade de húa flor não chega a fazer hum dia, como dizia San. Tiago, com que rezão se contão os dias da vida do Homem pelos instantes de húa flor, que morre quando nasce o Sol? *Exortus est Sol cum ardore, &c.* Oh mortaes! todos os annos da vida do Homem se cotaõ por hum só dia; porque não valé mais de hum só dia os mais compridos, & os melhores annos da vida do Homem. Hoje sou de cento & vinte annos (dizia Moysés ao seu Povo, despedindo-se dele) não posso passar daqui: *Centum viginti annorum sum hodie, non possum ultra iugredi, & ingredi.* Mas se os cento & vinte

Vinte annos erão passados, se o hoje não diz mais de hum dia, se hum dia não inclue cento & vinte annos, como Moysés fallando pelo tempo presente do verbo *Sum*, diz que em aquelle dia era de cerito & vinte annos? A rezão he, que o tempo da vida não se conta pelo que se tem senão pelo que se vive: o mais que no Mundo se vive he hum só dia, como dizia Quintiliano: *Tota vita hominis unus est dies.* O mais tarde que no Mundo se morre, he cada dia, como dizia São Paulo: *Quotidie morior.* Se pois Moysés tinha feitos os annos da vida, por onde havia de contar todos os seus annos, mais que por hum só dia: *Hodie.*

Não tendes, oh mortaes! mais que hum dia de vida em todos os vossos annos, ainda que tenhais muitos annos; a parte que tendes de vida, he brevissima, todo o outro espaço, que se passa, he tempo, que se conta, não tempo q se vive, nem vida que se tem, porque não passa do dia de hoje o maior espaço do tempo, & a maior duração da vida. Esta he a rezão

porque faz mais quem faz hum dia, & quem faz muitos annos; passão os annos, mas ficavos final dos annos, ficavos a idade, ficavos a ruina, ficavos o numero, a idade para final do que passou por vós; a ruina para memoria dos danos que vos fez, o numero para memoria da conta que fazeis delles. Passão os dias, & nada vos fica delles, mais que a certeza de que passarão, & desaparecerão como flor do feno, como sombra do sonho. Em fim podeis fazer annos, só dias não podeis fazer: & a rezão he, porque a mais perfeita idade que pôde haver na vida, o dia q começa, nesse mesmo dia acaba, no mesmo dia em que nasce, nesse mesmo dia morre.

Averiguando Genebrardo o dia da morte de Moysés, sobre as suas palavras a sima ditas, diz assim: *Particula hodie declarat Moysen septimo die Adar fuisse natum, & eodem fuisse mortuum.* A particula, *Hodie*, declara, que Moysés ao septimo dia de Fevereiro nascera, & nesse mesmo dia morrera. Se pois Moysés tinha

nhá vivido tantos dias, que fizerão os  
seus mas cento & vinte annos perfeitos  
como diz Genebrardo, que no mesmo,  
dia em que nasceo, nesse mesmo acabou?  
Esse he (oh mortaes!) o mysterio, po-  
derse dizer dos cento & vinte annos, que  
começarão, & acabarão no mesmo dia.  
Servir hú só dia não sómête para se cötar  
por elle a mais longa idade, mas tambem  
para se affirmar delle, que sendo o pri-  
meiro dia da vida, fora o ultimo da mor-  
te.

Tanto no ultimo dia se poem a vida lo-  
go que começa, tam presente está quan-  
do acaba ao que começou, que parece  
que toca de fim a fim: os mais apartados  
extremos da nossa mortalidade, os polos  
mais contrarios, as metas mais distantes,  
& os termos mais oppoitos, q̄ ha na mor-  
te, & na vida. Se pois de Moysés, que vi-  
veo cento & vinte annos, se diz, que na-  
sceo, & morreo no mesmo dia, que val  
mais que hum só dia o mayor computo  
dos dias, & o mayor numero dos annos?  
Se a mais perfeita idade, no mesmo dia

em que começa, nesse mesmo acaba, por que não acabão de desenganar os mortaes, de que a vida he feno, & a sua gloria flor do feno: Viveo Moysés cento & vinte annos, & parece que não viveo mais que meyo dia, pois no mesmo dia nasceo, & no mesmo dia acabou; foi este dia, dia de sua vida, & dia de sua morte, sendo tão piqueno dia, q era de Fevereiro.

Parece que de bom concerto, levan-  
do cada qual seu quinhão, havia de sahir  
a morte com ametade, se com outro tan-  
to sahisse a vida: porém que muito he  
isto, se assim como a Escritura chamou  
dias ao tempo da vida: *Dies hominis*: tâ-  
bem chamou dias ao tempo da morte:  
*Ecce proprie sunt dies mortis*. O tempo  
da morte, não he mais que aquelle instan-  
te breve, em que se divide a alma do cor-  
po. & ainda assim té nome de dias na Es-  
critura, onde tudo tem mysterio, & nada  
he ~~superfluo~~. Que muito he logo, que  
tambem se chamem dias hum instante q  
a vida dura, não sendo mais que hum  
breve instante? Não dura (oh mortaes!)

a vida mais que hum breve instante, por-  
que ~~ao~~ dura mais que hum agora. E  
nisto he a vida do Homem semelhante ao  
feno, que hum só instante dura. Do fe-  
no diz Iansenio, que subitamente morre:  
do mesmo diz Belarmino, que ao pri-  
meiro rayo do Sol, como que se lhe ca-  
hira hum rayo, cahe amortecido, & que  
por isso não duvidarão alguns de o com-  
pararem ao Homem.

Tam fragil he a vida dos mortaes, que  
bê cósiderada, assim como a vida da flor, q  
não he mais q de hú mométo, assim a vi-  
da dos Homens não he mais q hú ponto;  
porque não he mais que hum só agora.  
Là o dizia Job, fallando com Deos no  
meyo de suas misérias (que só nellas nos  
lembramos de Deos) & dizialhe assim:  
*Cunctis diebus, quibus nunc milito, expe-  
cto, donec veniat immutatio mea.* Senhor,  
toda esta vida com que agora pelejo, vou  
esperando minha resurreição: assim bê ex-  
poem Santo Thomas: *Quasi dicat, tota  
vitâ milito.* Se pois Job peleja toda a vi-  
da, como se declara por hum agora? Se

hum só agora contende, como diz, que  
anda em guerra toda a sua vida. Oh  
mortaes! & como havia de declarar Tob  
a brevidade da vida, senão chamandolhe  
hum agora *Nunc*. Com que havia de su-  
stentar a sua esperança, *Expecto*, senão  
com o alivio, & consideração, de que não  
era mais que hum agora todos os dias da  
vida: *Cunctis diebus*.

Nem o Homem, nem a flor tem mais  
que hum só agora dentro das clausulas  
de hum dia! O q̄ viveſtes pela manhãa,  
já lá vay; o que haveis de viver à tarde se  
lá chegardes, inda não chegou; o mesmo  
que eltais vivendo tābem se vay passan-  
do: & nem os antes, nem os depois po-  
deis contar de vida; porque huns se fo-  
rão, & não vos deixarão nada, mais que  
a saudade de passados, ou a mágoa de per-  
didos: outros ainda não vierão, nem vos  
dão nada, mais que huma aancia de pre-  
sente, & huma esperança de futuro: só  
os agoras, que em quanto eu o digo tam-  
bem se passão, tendes successivamente  
cada momento, mas com tamanha fuga.

cidade, que em vos chegando, se vão, & em os sentindo vos fogem, & em os vendo, vos deixão. Em fim, he flor a vida quando florece mais o Homem: *Sicut flos agri, sic efflorebit.*

Porém reparay, que o não comparou David com a flor dos jardins, se não com a flor do campo; & a rezão he, porque a flor dos jardins sobre a caricia do rego, sobre o mimo do resguardo com que tratão della, ainda depois de cortada, que he o mesmo que morta, trazemna nas palmas, & pomna sobre a cabeça em final de estimação. A flor do campo, por fermosa que seja, por ostentosa que nasça, ninguem faz caso della, antes em aquella breve vida com que amanhece, alli mesmo onde cresce, & lustra com mayor pompa, alli a cortão, & enxovalhão, & a metem por baixo dos pés, como por desprezo. Eisaqui exque he em commun a vida do Homem, hum feno que seca, & huma flor que se murcha. E ainda assim he tal a cegueira humana, que tendo o mayor desengano na sua

sua mesma vida, he engano que não se a-  
caba, perigo que se estima, & ~~en~~ queci-  
mento que dura.

## VOZ DO CEO IV.

*In imagine pertransit Homō, Psal. 38.*

### TREMOR IV.

**P**Assada a vida pelos mortaes, como  
a imagem pelo espelho, que sem dei-  
xar nellē algum vestigio da figura que re-  
presentava, desaparece, & passa como  
sombra, ou como sonhō, que nem por so-  
nhos, nem por sombras segunda vez nos  
apparece. He imagem hum bosquejo  
vaz, & huma representação fantastica,  
sem nenhuma outra entidade, que ser hū  
arremedo do que nos finge, hum fingi-  
mento do que nos mostra, & huns longes  
do que nos retrata. E assim como a som-  
bra

bra na parede tem apparencias da pessoa de quem he sombra, & tomada ás mãos, he nada: assim como a imagem no espe- lho, parece que se vê, & he engano, & affiguração; assim a vida no Homem he apparencia que lustra, mas pouco mais de nada, he visão alegre, mas causa de riso, que nasce representação, dura fingimento, & acaba mentira.

Isto deu a entender David quando disse, q os mortaes passavão em imagem, como se diffiera, que o Homem era huma imagem, huma figura q passa, & huma sombra que anda; ou como causa imaginaria, que não tem ser algum mais que aquelle que lhe fingem as nossas fantesias. Finalmen- te à maneira de huma sombra vãa, que he figura daquelle que representa, mas não a mesma causa. Passa o Homem apres- sadamente na figura desta vida, que he sombra da Vida Eterna, correndo sem pa- rar, até chegar à morte. Corre, & não se sente, voa, & não se enxerga, desaparece, & não se cuida. Como correio da posta que não descança: como rio inclinado ao mar,

mar, que nunca sossega: como pedra que desce ao centro, & só nelle pàra: como Nao, que não lente o curso, com que ie engolfa pelos mares: como ave, que em breve espaço vence as distancias, que voa: como setta, que num momento se junta aos pontos, a que tira: tam arrebatado voa, tam surdamente passa, tam velozmēte corre, que parece hum vo-o da morte a mesma duração da vida: o mesmo he começar a ser, que correr logo a acabar; os dias que a vão crescendo, a vão diminuindo: & aquillo mais se consome, que mais tempo vay durando.

Por isto dizia Sam Gregorio, que a noſſa metma vida era cada dia hum passar da vida; porque em quanto no curlo da vida presente se passava da mininice à mocidade, da mocidade à velhice, da velhice à morte, a mesma vida com os ſeus proprios augmētos ſe precipitava na ſua declinação, & ſe chegava ao ſeu fim. Vay a vida ſempre a correr, porque o ſeu hir devagar (diz Rufino) he hir cada momento correndo para a morte, & o ſeu passar

passar depressa, acabar a vida: he hum  
morrer por momentos como dizia Quin-  
taliano, & por muy escassos momentos.  
E como he sombra a vida, tam fraca cou-  
sa he, que tendo as condicoens da som-  
bra, qualquer outra a derruba. Vay sem-  
pre descahindo a vida para a morte, quan-  
to vāo declinando as sombras para o Oc-  
cidente: olhareis para a sombra do dia,  
& parecervosha, que he huma grande  
coufa pois occupa os montes, estendese  
pelos valles, desce pelos outeiros, assom-  
bra o mar, & cobre o mais da terra: chega  
a sombra da noite, derrubaa, & a faz lo-  
go desaparecer, sem ficar rastro, ou final  
do que tinha sido: Assim amanhece no  
mundo a sombra da vida humana, vay  
crescendo ao nosso parecer, & dominan-  
do todo o Mundo, chega a sombra da  
morte, & derrubandoa num mar de tre-  
vas, nāo deixa final algum daquelle ap-  
parencia vāa, com que os mortaes se en-  
ganāo, só deixa aquelles riscos, ou bor-  
roens, com que a morte se debuxa.

Mas quando a vida nāo fosse som-  
bra,

bra, mas fosse Sol; quando a vida não fosse folha, mas fosse flor; quando a vida não fosse reflexo, mas fosse Estrella, em q̄ ficarião os mortaes de melhor condição? Olhay para o Sol, mortaes, & vede que rico de resplandores em berço de ouro amanhece; porem vede que desluzido lá sobre a tarde se sepulta aquelle grande lusimento, que dourava as nuvens, lustrava os mares, alegrava a terra, & authorizava o Ceo. Como vos não faz grande espanto ver que não dura hum breve dia? Assim a Estrella mais lustrosa, apenas resplandece, quando se eclipsa; assim a flor mais magestosa, mal se abre, quando se seca.

Se pois isto succede às flores, que são joyas da Primavera; se isto acontece às Estrellas, que são diamantes do Ceo; se disto não escapa o Sol, que he Principe das luzes, que duração mayor espera, quē se foi Sol, não vive hum dia; quem se foi flor, dura húa tarde? quem se he Estrella, brilha húa hora? O Sol cada dia corre a ver o seu sepulclaro, nem os ardores do

Meyo

Meyo dia, nem o verde no seu auge, nem o fazer sombra a tudo, o pode obrigar a que se detenha, sem que se incline ao seu Occaso; elle mesmo se corta os lutos para a sua Eça, fazendo crescer as sombras para o seu tumulo. As Estrellas, vendo q hão de cahir no dia do Juizo, tambem cahem todas as manhãas no seu desengano: se nas cegueiras da noite ostentão lusimentos, oh que depresta ao chorar da Aurora escondem os resplandores! O mesmo he rirse a manhãa de as ver resplandecer com luzes alheias, q correrẽse elles de sua luzente vaidade, & desaparecerem da vista. A flor em quanto vive, alli mesmo onde nasce tambem se enterra, se para o Ceo mostra a caduca pompa de sua fragilidade verde, como quem a confessà na terra, enterra ao mesmo tempo as presunçocns de sua gentileza vãa, como quem a desengana: quem a aparta da terra onde está enterrada, tiralhe a vida, diminuelhe a duração, & enxovalhalhe a gentileza: quem a deixa estar com as raizes da humildade na sua sepultura sem a tirar

a tirar dalli, lhe dilata a vida, lhe poupa  
a gentileza, lhe augmenta a duração.

Éis aqui o que havia de fazer a vida  
dos mortaes, já que como flor quer viver,  
como Estrella alumiar, como Sol luzir;  
mas de o não fazer assim, se deixa ver,  
que a flor serve melhor a Deos, pois cada  
dia se desengana: q a Estrella serve melhor  
a Deos, pois cada dia se esconde; q o Sol  
serve melhor a Deos, pois cada dia se se-  
pulta. Conhecey pois, mortaes, a vossa  
fragilidade, vede quaó brevemente se pas-  
sa o tempo da vida; mas vede que não basta  
consideral-lo, se desta consideração não  
colherdes o dezengano por fruto.

Daquelles peccadores, que forão aos  
Infernos, conta a Sabedoria, que conside-  
rando as misérias da vida, dizião deste  
modo: De nada nascemos, daqui a pouco  
seremos como se não fôramos; a nossa res-  
piração he hú pouco de fumo, as nossas  
palavras húma faisca, que nos move o co-  
ração, & apagada esta, seremos pò, &  
cinza; derramar-se-ha o espirito como le-  
ve ar, & passa a nossa vida como vestigio  
da

da nuvem, & se dezatarà como nevoa  
afugentada dos rayos do Sol, & de seu  
calor aggravada: o noslò nome se sepul-  
tarà no esquecimento dos tempos, &  
ninguem terà lembrança das nossas obras:  
o tempo da nossa vida serà como passa-  
gem de sombra, não tornaremos ao mun-  
do, depois da nossa morte, porque tem-  
termos prescriptos a nossa mortalidade, &  
do outro mundo ninguem torna para este.

Poderà dizer mais (oh Peccadores!)  
hum Prègador Evangelico, que tratara  
de grangear almas para Deos, prègando  
desenganos da vida? Parece, que não dis-  
sera mais. Pois isso dizião no mundo os q  
forão ao Inferno. Porém porque forão  
ao Inferno os que dizião isto? Sabeis  
porque? Porque destas coufas, de que ha-  
vião tirar o desengano por fruto com a  
emenda da pessoa, tirava a sua ignoran-  
cia por consequencia a relaxação da vi-  
da. Oh mortaes! não ha mayor final pa-  
ra serdes ignorantes, & de hirdes aos In-  
fernoss, que depois de conhecerdes as mi-  
serias da vida, quererdes que tenhão per-

194 *Vozes do Céu,*  
manécia para vossos vicios aquellas mes-  
mas coufas, que saó huma continua ~~mu-~~  
dança para o vossa desengano.

Havendo acabado de considerar estes Peccadores as miserias da vida, diz o Texto Santo, que differão huns para os outros: Visto ser isto assim, aproveitemos do mundo, levemonos boa vida, não se nos passe a flor do tempo: *Venite ergo, & fruamur bonis, non prætereat nos flos temporis.* Mas se a flor he a mesma fragilidade, para q̄ sendo figura do Homem o desengane: *Sicut flos agri.* Se o tempo he huma perpetua mudança, que ora em muletas coxeia, ora em azas voa, para que delle ninguem fie. Se como dizão estes mesmos homens, as flores se havião de murchar: *Coronemus nos rosis antequam marcescant.* Se como elles mesmos affirmavão, o seu tempo se hia passando, era húa passagem de sombra, que não tem propria sustancia: *Transitus umbræ tempus nostrum.* Como querem agora, que a sombra não passe, que o tempo não voe, que a flor se não murche? Oh

mor-

mortaes! erão nescios, erão ignorantes, como elles mesmos cõfessárão depois de cítar no Inferno: *Nos infensati viâ Domini ignoravimus.* Sendo pois ignorâtes, & havendose de condenar, que final havião de dar de sy na vida, senão querer que permanecesse para seus vicios, o mesmo que era huma continua mudança pera seu desengano: dezenganavaos o tempo voando, a flor perecendo, & a sombra fugindo. Mostravalhe a flor, que nascèra só para não durar: Mostravalhe o tempo, que não tinha azas mais que para desaparecer: Mostrava'he a sombra, que não tinha apparencias, mais que para se transpôr: & estas mesmas cousas, que havião estremecerlhe a vaidade, com o advertimento lhe emmudecião mais o apetite para a relaxação. Tam longe estavão de cahir na rezão, que ao mesmo tempo que conhecião isto, queria a sua ignorâcia que a sombra fosse permanente, que o tempo se fizesse eternidade, que a flor se tornasse perpetua: *Non prætereat nos flos temporis.*

Que mayor ignorancia podia haver,  
que esperar permanencias da flor, do tem-  
po que passa, se as não podião esperar da  
flor do campo que fica? Que mayor ma-  
licia, que querer que parasse o tépo, que  
os desenganava voando, para que elles  
entretanto por todos os seus vicios fossem  
correndo? E em fim que mayor prever-  
sidade, que fazer infentivo de seu distra-  
himento todas aquellas coufas, que erão  
hum despertador para a sua emenda? Vin-  
de (dizião elles) & não fique flor no mû-  
ndo, campo, ou prado, na terra fruto, nos  
mares peixe, nos ventos ave, que não sir-  
va de deleite à nossa lascivia, & não re-  
conheça as jurisdiçõens da nossa liberdade:  
*Venite ergo, & nullū gratum sit, quod*  
*nō pertranseat luxuria nostra.* Parecevos  
q̄ era bom fim, para q̄ querião que o tépo  
fizesse impossiveis? a flor maravilhas, o  
tépo milagres? Parecevos, que era boa a  
consequencia daquellas premissas? Pois  
nenhuma outra coufa tirarão daquelle  
conhecimento, nem de ver que a vida era  
flor, o tempo sombra, & os homens terra,  
mais

mais que a relaxação da vida, & o estrago da consciencia, o pouco temor, & devacidade total de seus vicios, até que num ponto descêrão aos Infernos, como dizia Job: *Ducunt in bonis omnes dies suos, in prosperitate peragunt, & in puncto ad inferna descendunt.* Santo Thomás na exposição deste lugar diz, que este Inferno se ha de entender pela morte. Que misterio terá, que a morte dos preversos se declare pelo Inferno? Oh mortaes! nenhum outro misterio tem, que ser hum Inferno a morte dos Peccadores; num ponto morrem, num ponto vão para os Infernos, porque nelles he huma mesma coufa o chegarem a morrer, que chegarem a se condenar, chegar às portas da morte, que chegar às portas do Inferno, perder a vida, que perder a alma; perder o mundo, que perder o Ceo; sahir da vida, que entrar no carcere.

Oh mortaes! não deve ser o estado dos homens quanto ha de ser a vida, senão qual deve ser a morte; não se ha de olhar para a quantidade dos annos, senão

para a qual idade das virtudes: asaz vida tem quem por pouco que viva, vive para a rezão: pouco vive quē por muito que viva, vive para o apetite: o numero dos annos he mais huma cifra, que não val nada em lhe tirando a unidade do amor de Deos, que he todo o seu fundamento. Se pois sois imagem de Deos, que isto importa a rezão, como diz Santo Thomàs; se sombras suas sois, que isto importa aquella semelhança, a que o Senhor vos fez, como nem por sombras quereis ter semelhanças com Deos, de quē sois imagens. Ha de ser possível, que a sombra de huma arvore ha de andar ao redor dela, a sombra do Sol o ha de seguir, as sombras dos montes não os hão de deixar, só a sombra de Deos, se o Homem, que he sombra de Deos, pois he imagem sua, ha de deixar a Deos, não ha de seguir a Christo, nem ha de andar ao redor delle, & isto sendo Deos Arvore da Vida, Sol da Graça, & Monte de Glorias? Oh lastima! oh desventura! A sombra se se parece com aquillo de que he sombra, a mes-

mèfma coufa parece: o homem se se parece com Deos, de quem he imagem, parece o mesmo Deos. Se pois perder esta figura, & esta semelhança, que ha de parecer o Homem? Serà bruto, parecerà Demonio, & hirà para as eternas sombras com os Anjos das trevas, onde pagará num para sempre de penas, o haver desprezado a Deos por hum 'tudo nada de culpa.

## VOZ DO CEO V.

*Homo nascitur ad laborem, & avis ad volatum. Iob. 5.*

## TREMOR V.

**N**asce o Homem para o trabalho,  
como a ave para o vôo: ou seja cõ  
as mãos, ou seja com o entendimento, em  
quanto estiver sobre a terra. Iha de traba-  
lhar

lhar o Homem: trabalha chorando em nascendo, porque não pôde servindo, ou considerando; tam pobre ficou a natureza humana depois da culpa, que quem não ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que não chega a alcançallo, sem merecello com as lagrimas, que saó suor do coração. Esta pensão da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro Homem do mundo a roçar espinhas, & abrolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miseravelmente. Aquelle mesmo Homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da Glória, teve a Deos por Pay, os Anjos por Amigos, o Paraíso por Palacio, o Mundo por Imperio, & por Vassallos seus todas as outras Criaturas. E não parando aqui a sua miseria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nafcco o Senhor. Nenhuma outra criatura, salvo se atrahida pela industria, ou arrastrada da violencia se sobmetesse à fome, & à necessidade. E a rezão he, porque na mesma desobediécia, com que o Ho-

o Homem perdeu os frutos da Graça, res-  
bellandose ao seu Creador, facudirão a-  
creaturas todas o jugo interior da obedié-  
cia, com que servião ao Homem. Mo-  
stroulhe a Providencia, que a Ave não  
fia, o Peixe não semèa, a Fera agreste não  
lavra, as Arvores não trabalhão, & as  
Flores não cultivão: & que ainda assim  
tem para a vida o necessario, & às vezes o  
sobejo, sem rasgar a terra com o arado,  
ferir os campos com a enxada, cruzar os  
mares, descompòr os rios, nem descobrir  
aqueles segredos da terra, onde o ouro,  
& a prata, & as outras classes de metaes  
metidos como num sepulchro, parece  
que pedem ao Homem, que os não desen-  
terrem, pois a pezar de todas as riquezas  
que pòdem darlhe as minas, tambem o  
hão de enterrar dentro de pouco tempo,  
onde não lhe pòde valer o ouro, para que  
se não converta em bichos, & em podri-  
dão

Voando em fim a Ave pela Região  
dos ventos, nadando o Peixe pelas ondas,  
vagando as Feras pelos campos, parece  
que

que como à sinte da vaidade humana, ou dandolhe doutrina muda, se lhe mostrão que não nascérão para outra cousa, que para viver descançadamente. Cantando, recreandose, & apascentandose ao mesmo tempo que o Homem chora, que se afflige, & que sente a falta do que aos animaes não falta, do que às Aves sobeja, do que aos Peixes enfastia; & quando estas querem recolherse, & abrigarse dos desabrigos da noite, sem haver erguido edificio, se solicitaré algum reparo para o sossego, & menos para o sono, achão nas lapas do mar alcobas, nas covas dos montes leitos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, onde a planta, que lhe offereceo toldos para passar a calma, lhe arma pavilhão verde para lhe dar abrigos, onde as covas, que para o nascimento lhe offerecerão berço, para o descanço lhe dão alvergue: onde as lapas, que para os riscos lhe offerecerão refugio, para a quietação lhe dão encosto: & onde finalmente a Providencia superior, sendo ministra do agazalho, lhe té pre-

prevenido o repouso.

Naturalmente vive a Toupeira nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo seu alimento; vive no seu cazullo o guzaninho vil, & sobre vestirse de sedas, là o sustenta a Providencia: vivem os outros bichos immundos sem se bolirem de hum lugar, & ahi onde os poz a natureza lhe acode com o necessario a Divina Bó-dade. A herba mais humilde, a planta mais vil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais sobrelevado, sem fazerem diligencia alguma para sustentar aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo que lhe basta. De todos o Ceo, & a Terra té cuidado, com todos se desentranha suavemente, só ao Homem não acode com a mesma próptidão, sem q̄ primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligēcia.

Nisto, & em tudo mais quanto à porção terrena, quiz Deos mostrar aos Homens humanos, que erão muito mais misérvaleis que as outras criaturas: pois nascendo as Feras do campo, nam só vestida

das, mas armadas, as Aves do Ceo adornadas de plumas, os Peixes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Estrellas do Firmamento cheias de resplandores, só o Homem appareceo nù nos Orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos q̄ o cobrisse, & abrigassem, atē, q̄ pudesse buscar cō q̄ se cobrisse. Mostrouse a natureza mais liberal cō as hervas agrestes q̄ cō os humanos: mayores ventagés lhe deu neste privilegio, do que deu nam sómente aos Homens de mayor esfera, mas ainda aos de superior Gerarchia

Olhay o Lirio do campo (dizia Christo) & vede se Salamão na sua maior gloria se pôde vestir como elle; nam trabalha, nem fia para vestirle, & veste tanto melhor que o mayor Rey da terra; quanto he jmelhor (como dizia Santo Hilario) a verdade que a mentira? Em fim vestio Deos fermosamente as Flores, robustamente as Arvores, alegremente os Campos, para q̄ue podendo fazer mayor gala de sua natureza, que os mayores homens

mens, lhe lembrassem a necessidade com que nascia, aquelles mesmos a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais izentos da miseria, ou da necessidade: todos em fim sem trabalhar tem o que hão mister; só o Homem não tem o que ha mister, senão trabalhando com o animo, ou com a pessoa: & a rezão he, porque nenhūa creatura offendeo a Deos mais que o Homem; antes fazem todas melhor que o Homem aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos para que o louvasssem, & isto fazem a todo tempo todas as criaturas, excepto as racionaes. Estão sempre louvando a Deos todas as criaturas, porque todas a todo tempo saõ hum espetaculo fermoſo, & húa confissão louvavel, ainda que muda, das obras do seu Criador; pois nellas, como em vestigio da Divina Grandeza, como em copia do seu immenso Original, como em espelho, ainda que escuro, daquelle Claridade eterna, como em lamina, bem que toſca, da Divina fermosura, parece que quando se nos manifestão por obras de Deos,

Deos, nos convidão à admiração de suas maravilhas, se olhandoas com a consideração, com que se devem contemplar, sabemos estender o discurso, & o entendimento, por quanto a terra mostra, por quanto o mar descobre, por quanto o ar ostenta, por quanto o Ceo debuxa.

Isto fazem as criaturas mais rudes, aquellas que com almas de terra, & com espiritos de vento broncamente nascem, brutalmente sentem, & vegetando vivem: por isso não trabalhão por castigo, como faz o Homem, porque não trabalha que louva a Deos. Não fazem outro tanto os Homens, porque trabalhando pela vaidade, não pela virtude, fogem daquelle jugo, com que se descança, por buscar aquelle descânço, em que se afadiga. Donde se vê, que faltando o Homem em seguir o fim para que foi criado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que huma planta, que hum bruto, & que huma pedra; pois qualquer destas naturalmente não falta ao seu ultimo fim, & por isto nem trabalha

Vha o Homem, nem trabalha como deve, nam descança, porque nam louva a Deos, nam trabalha como deve, porque não serve a Deos: serve aos Ido-los de sua vaidade, de sua inclinação, tra-balha por offendre a Deos, mais que os bons para amar a Deos. Cançase por des-cançar na culpa, como se fora na Glória: desvelase pela sua perdição, mais que os justos pela sua salvação; & poem mayor cuidado em se hir aos Infernos; que os outros ao Ceo.

Oh miseria! oh desaventura! digna de chorar se com lagrimas de sangue, digna de escrever se com letras de ferro, digna de chamar se com folegos de bronze! Basta peccadores, que se não ha de hir hum Homem aos Infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canceira do corpo, & a afflição do ani-mo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possivel, que por Soes, & por chuvas, por almas, & por frios, por ventos, & por neves ha de hum Homem andar buscando a sua perdição, & ha de ser necessario para

para chegar hum Homem a ser condenado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu sentido, todo o seu trabalho, & toda a sua fadiga, & que sobre tudo isto se não contente o Demonio, se lhe não comprais o Inferno com o vosso dinheiro; & se sobre tudo isto não fazeis muito caso, & muita vaidade da vossa condenação, na estimação que fazeis da culpa, no gosto com que vos senhoriais na maldade; tantos passos em fim para vos condenar; tanto trabalho para vos perder, tam pouco para vos salvar; tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arrastão para a morte eterna! Tanto descuido, & tanto esquecimento dos bens eternos, & permanentes, que vos atrahem, & levão suavemente para a eterna Glória, para a eterna vida!

Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais? Vede que se trabalhades pelos bens do Ceo, tereis brevemente mais do que quereis: Vede, que se vos cançardes toda a vida pelos bens

seu trabalho? Oh peccadores! não havia alli Deos, como diz o Texto: *Mane autem factus fletit Iesus in littero.* Tudo erão sombras, figura da culpa; esclareceu a manhã, symbolo da Graça, então apareceu Deos, então se lançarão as redes para a mão direita, & só entam se fizeram bons lanços, pois se encheu a barca da Igreja dos seus escolhidos.

Desenganaivos mortaes, que ainda que sejais Discipulos de Christo, ainda que sejais Varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, & da eloquencia humana, ainda que trabalheis toda a vida, se vos cançardes pela gloria temporal, & nam pela eterna, se se não vir que està Deos onde trabalhais, se não tomardes seus conselhos, deitando as redes para a mão direita, tudo vos ha de sahir esquerdo, nada haveis de colher, nada haveis de aproveitar: os peixes coaram a malha, por mais meuda que seja, quanto mais finas forem, mais depressa as quebrarão, pois valem mais, por mais fortes, ainda que grosseiras, que por finas,

nas sendo fracas. E em fim de yoslavaa  
fadiga nam colhereis mais que vento nas  
redes, frio na vida, afflicçam no animo,  
& agua de tribulaçam na barca, ate que  
Deos vos amanheça.

**F I M.**



O



# FAISCAS DO AMOR DIVINO,

Vertidas de hum Pedernal humano.

*Offerecidas a hum Crucifixo,*

Pelo Veneravel Padre  
FR. ANTONIO DAS CHAGAS,

Missionario Apostolico, da Ordem de  
Sam Francifco.

Dedicatoria a Christo Crucificado.

**A** Quem? A quem senão a vós (meu  
Deos) se hão de voltar, & offerecer  
estes pedaços da minha alma, q̄ cõ a luz da  
O iij vossa

vossa Graça achei perdidos pelo mundo?  
 A quem, se não a vós estas cinzas do meu  
 coração, q̄ tiradas do Fogo Eterno sobre  
 esse Altar da vossa Cruz, do meu coração  
 saõ holocaustos, d̄ meu engano, saõ momé-  
 tos? A vós sómente (meu Senhor) q̄ sois  
 todas as minhas couſas: como tornão ao  
 mar os rios, se reduzem estas minhas la-  
 grimas, q̄ filhas saõ desse Occeano. Este  
 he o travalho matutino, q̄ na concha do  
 vosso peito se torna em perolas preciosas;  
 estes os ultimos despojos, com que das ba-  
 talhas do mundo trago as insignias da vi-  
 ñoria para Tropheo das vossas Aras:  
 Estas as Taboas do naufragio, q̄ escapadas  
 do mar do seculo para memoria do mi-  
 lagre, no vosso Téptio depêduro. Esta he a  
 Casa da Oração, nde esse auxilio me deu  
 Alma, onde a minha Alma se fez Ceo,  
 onde h̄ua morte se fez vida (pequena paga  
 meu Senhor) h̄ua Faisca por h̄u Ceo, h̄ua  
 lagrima por h̄ua vida, h̄u só gemido por  
 h̄ua Alma. Bem sei (meu Deos, & meu  
 Senhor) serão noutra mayor culpa os su-  
 mos deste holocausto, & desta offerta a  
 ni-

ninharia; porem que victimas se esperam  
de hum coraçam: am pobre, q̄ sendo o mū-  
dotudo nada, nam teve mais que ser do  
mundo: Mas se a vossa misericordia me  
fez de vós tam bem aceito, q̄ muito he q̄  
eu já presumá, que os meus nadas sam bē  
vistas? Nam o hais vós os sacrifícios, se-  
nam atençam, que se offerece, & nesta  
ninguem bem mais que eu, pois tenho a  
vós comigo. Hoje nam só vossas pieda-  
des han de ser quem ha de aceitar estes  
trocos da minha dor, q̄ dos cadaveres da  
culpa por ser triūphos, saõ destroços: Mas  
também quē ha de rever estes ralhos da  
minha penna, que com a tinta de meus o-  
lhos escreuera as minhas culpas no pa-  
pel de meu coraçam? Revejaõ pois vossas  
pidades este papel, que de joelhos consagro  
hoje a vossos pés, ponhase nelle a vossa  
emenda, donde se tirem os meus erros, pa-  
ra q̄ nelles me naõ cegue, & me veja sem-  
pre nella. Primicias saõ de hūa vontade,  
q̄ nunca pide verso livre, senão depois  
que a tendes preza, que reviver onde mor-  
re, para se morrer onde se vive. Se ain-

da parecem flores os prantos desta minha pena, quem auvida, que dos Altares saõ as primeiras boninas? Nê eu (meu Deos) tenho outros cravos, que pôr hoje em vossas mãos: se por duras estas rezõens parecem mais que pedras, eu já hoje nam posso outras para jeyas de vosso peito. E se por ondas precipitadas, eu já não tenho outras correntes, que deite agora a vossos pés. E se eu podera fazer tanto, que vos podera fazer sempre de cada Estrella do Ceo mundos, de cada oução da terra mares, de cada areya do mat Ceos, & de todos multiplicados, vos fizera tâbê (meu Deos) das pedrinhas dos montes Aras, dos troncos dos bosques Templos, dos ramos das arvores Coros, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçõens, dos argueiros da terra olhos, das berlinhas do campo almas, & das flores do prado vidas. Se vestindo me de todas juntas podera voar a esses Ceos, & lá cõ todos os seus Espiritos todo me cobrira de azas, todo me fizera Thronos num sépre abraço d'alma, nam houvera dia, nem hora,

ra, que com todos vos não amara, nem vivera momento, ou atomo, q̄ os nam occupara com vosco; nem estivera instante, ou ponto, que com vosco me não unira. Façam pois vossas benignidades (meu Deos, & Senhor) que se edifiquem em minha Alma os muros de Ierusalem; cayão da antiga Babilonia aquellas torres presumidas, de quem foi a base o mesmo vento, & fundamento a mesma areya. Postrados jam os Colossoſ, já derrubadas as Eſtatuas, & em fim os Idolos caídos com as armas do desengano, com os castigos da rezão, com os golpes do escarmento, Feri agora (meu Senhor) & rasgai, meu Deos, & meu Bé todo, com as armas de vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso Amor, as entradas deste penedo tam rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos; pois nam sómente dos meus olhos poderão assim nascer rios, mas tābem do meu coraçãoorrer h̄u mar de lavaredas. Tomay posse de huma Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o titulo; nem confintais (meu Deos, & Redemptor) que deixe hoje o meu engano o direito

direito da vossa Graça pelo avesso da minha culpa; a justiça do vosso Sangue pela trapassa deste mundo. Não quero eu melhor Cömenda, que verme como o vosso Habito; & nem para tomallo hoje a peito tirarey ouiras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados; nem farey melhores provanças, que as experien- cias dos meus vícios. Aqui postrado a vossos pés, nos incendios do vosso Amor peço que arda este Papel, não peço que me defendais, rogo vos sim, que me emendeis. E se por meu, parecer mal, sejais bendi- to Iesus, que assim fareis hoje, que o mun- do se não engane mais comigo; se sentirem do que ha nelle, louvado sejais (meu Se- nhor) & conheçam todos, que sendo eu o mesmo erro, consentida vossa Bondade, q em mim se louvem vossas obras. Lou- vemoos todas as Criaturas, & eu por to- da a Eternidade.

GOL.

# GOLPE I.

*Desolatione desolata est omnis terra;  
quia nullus est, qui recognitet corde. Ier. 12.*

## LAGRIMA I.

**T**odo o mundo se perde por falta de consideração; assim o chora o Espírito Santo pela boca de Ieremias, que depois que as chamas forão lagrimas, que muito que as linguas fossem olhos? E necessário foi, que como linguas declarassem o que choravão, pois já não vião com os olhos, que sentissem o que dizão, Chorava o Espírito Santo, chorava também o Profeta, ver que os caminhos de Sião se tinhão feito mattos bravos, & chios só de agrestes sylvas, eram solidoés, & desertos, sem haver quem os habitasse, né quizesse já passar por elles, quan-

quando a Terra de Babilonia toda serras, & penedos, despenhadeiros, & asperezas a todos se fazia estrada, hindo por ella todo o Mundo. Por isto era necessario, que o pranto não só fosse mágoas, mas que fosse tambem rezoens, por ver se quē lhe dava os ouvidos, lhe poria melhor os olhos. Esta foi tambem a razão porque David no Psalmo 98. quando chorava, não pedia a Deos os seus olhos, só lhe queria seus ouvidos. *Exaudi orationem, meam, auribus percipe verba oris mei.* Tão trocados andão os objectos de todos os sentidos humanos, que parecia conueniencia equivocaremse os officios, pois quem lhe dava os ouvidos, lhe punha melhor os olhos: mas não he esta ainda a rezão: he porque o mundo andava cego, & não tinha olhos para ver, quanto mais para chorar. Estes olhos nas Escrituras se entendem pelo entendimento; o mesmo David no lo affirma, dizendo em muitos dos seus Psalmos: Consideray cō voslos olhos. E o nosso Lyra no lo explica, dizendo, quem saõ estes olhos:

*Oculi*

Oculi interiores animæ, vox eorum gemitus, & oratio. Estes saõ os seus discursos, saõ suas vozes os gemidos, sua eloquêcia a oração, Como pois ao Povo de Deos faltava este entendimento, & vivia sem considerar, andava cego, às escuras, sem atinar o seu caminho, sem ver os seus despenhadeiros, a Cidade de Deos se fez ermos, as vias de Sion desertos, & o mundo todo Babilonia. Oh se os homens considerarão, que forão nada ha pouco tempo, & que estão sendo pouco mais de nada, & que hão de ser causa nenhuma! Se virão com algum cuidado, que aquillo, que foi, já não he, & que o que ha de ser, ainda não chegou, & que o que está sendo, vay passando; hontem menos que huma sombra, hoje sómente hum pò unido, & à manhãa cinza, & corrupçam. Quê da rezão do seu juizo não faria olhos ao discurso? Quem das trevas do seu engano, não sahiria à luz da verdade? Quem das Remoras da sua culpa, não faria as azas da emenda? Virá o juizo, & a razão, que o que na vida himos crescendo, he

he o que vay diminuindo; que os seus bens se vão acabando, tudo o que duram em hir sendo: & assim nos himos consumindo, quanto mais tempo himos durando. Cada instante de nossa vida fora hú memorial para a morte, lembrandonos os que já passáraõ; cada lembrança da morte hum despertador para a vida, mostrandonos quantas se perdérão. Conhecerá a mesma vaidade, que não ficando do nosso tempo mais que a memoria de haver sido, ou a mágoa de haver passado, naquillo mesmo que duramos, a cada ponto perecemos: *Per exigua festinantis diei momenta præmorimur.* Tam veloz, & tam arrebatado he o curso da humana vida, que não havendo mais que hum passo desde o berço à sepultura, pôde servir nos de tropeço hum pé mal posto a cada passo, não havendo mais que hum só folego entre o Inferno, & entre o Mundo: o mesmo ar que nos alenta, nos pôde tirar a respiração. Passará em fim esta vida, como vestigio de nuvem, ou qual nevoa que se desfaz; dezatar se no sha o Espírito, como

torna o porto todo riscos; para a praya da Eternidade os encaminha o Norte d'Alma, & elles nas ondas dos peccados para o Inferno vão apique. Hum só vislumbre da Fortuna, que como vidro resplandece, os cega, até quando se quebra; hum resplendor do luzimento, que como vella se consome, ou como exhalação se gasta, mais os ascende, do que os alumia: huma adulação do aplauso, que como ar se desvanece, com os encher de vento, os incha: humas delicias mentiroosas, que como pirolas se dourão, com lhe amargar, as idolatrão; humas honras imaginadas, que só tem dezar de fantezias, com ser chimeras, as aprovão: & humas venturas fabulosas, que ameação como Cometas, até com a vida se comprão. Oh Homens vaós, que vos engana? Gente cega, que vos obriga? Quem vos arroja, & vos despenha, vos leva, & vos atrahe? Por ventura são as riquezas? Isto deu a terra a huma mina. São acafo as grandes pompas? Isto deu o vento a húa nuvem. He por ventura o ter mais vida? Isto deu a hum

a hum tronco a montanha He acaso a  
 valentia? Isso deu o monte a huma Fera.  
 He a altura do grande estado? Isso deu o  
 vento a húa grimpa. Por dita saó as fer-  
 mosuras? Isso deu o campo a huma flor.  
 Que vos enlouquece, o deitar plumas?  
 Isso deu a natureza a huma Ave. Que  
 vos ufana, o vestir sedas? Isso deu o bos-  
 que a hum guzano. Que vos persuade, o  
 comer mais? Isso concede o tempo a hú  
 bruto, Como pois chega a ser possivel, q  
 seja a vossa idolatria a vossa ambição,  
 vossa cegueira, aquillo de que gosta hum  
 bruto, aquillo em que se cria hum bicho,  
 isso com que não escapa húa Ave, aquillo  
 que não preza húa flor, essoutro em que  
 não dura huma grimpa; o mais com que  
 foge huma Fera, & tudo o mais que em  
 fim pouco estima o tronco, a Nuvem, a  
 Mina? Se as riquezas todas saó terra, se  
 as pompas saó hum pouco de ar, a vida  
 pouco mais que folha; a valentia accão  
 de Feras; a mayor altura, mudança; a bel-  
 leza, filha das hervas; as plumas, sempre  
 leviandade; as sedas, tumulo de bichos;

& o comer gosto dos brutos? Para que quereis parecer minas, se assim sois pedras de escandalo? Porque fazeis por serdes nuvens, se isso he causa que leva o vento? Porque folgais de serdes Feras, se isso he fugir de ser humanos? Porque estimais o viver como Arvores, se se cortão as que não dão fruto? Porque dezemais parecer Grimpas, se a cada instante o ar as muda? Porque morreis por viver Flores, se cada dia hum Sol as seca? Porque vos prezais andar como Aves, se saõ pennas seus enfeites? Porque tratais de ser Guzanos, se os seus vestidos saõ mortalhas? Porque gostais de serdes brutos, se isso he negardes que sois homens? Oh venenos idolatrados! Oh fabulas sempre bem quistas! Que facilmente vos deixara, quem vossa origem descobriria? Que aegremente vos pizara, quem por dentro vos conhecera? Mas, que se ha de fazer hoje, a quem podendo ser maravilha por privilegio da rezão, se faz aggravo de desatinos por condição da vaidade, ou abuso da natureza,

# GOLPE III.

*Væ tibi Corozain, vae tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sydone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, optim in cilicio, & cinere pænitentiam egissent. Matt. 11.*

## LAGRIMA III.

**O**H que dura conta hão de dar aquelles, a quem Deos dà mais auxilios que a outros, aonde aproveitarão, & nem com isto se moverão! Que castigo rigoroso terão dos Ceos, & dos Infernos, aquelles que fogem dos braços de Deos para as cadeas dos Demonios; que desprezão as eternas Glorias pelas penas da Eternidade? Que resisté aquelles impulsos com que Deos bate aos corações? Que se retardão no caminho, có que a Bondade imensa os chama? E q

se perdem no porto, depois de atravessa-  
rem os mares. Nada succede no mundo,  
que não seja hum grito perpetuo, com q̄  
Deos Nosso Senhor avisa, & falla, que  
não seja hum despertador mudo, cō que  
o Senhor nos desperta, nos estremece, &  
nos acorda. As Aves, que acordão cantá-  
do, nos ensinão a louvar a Deos: as Fon-  
tes que correm ao centro, o como have-  
mos de buscallo, as luzes que nos livram  
das sombras, o que faz a Graça nas cul-  
pas: a noite que entristece a terra, o como  
deixa o vicio huma alma: os males que  
vemos no mundo, nós mostrão a sua mi-  
seria; as felicidades, & gostos, nos figu-  
rão os bens do Ceo; as vidas dos māos  
com os seus fins, nos fazé afastar dos seus  
passos; a morte dos bons com a sua glo-  
ria, nos faz seguir o seu exemplo. Nos  
dias tempestuosos, se representa o fim do  
mundo. Com as noites tristes, & escuras  
se nos retrata o Inferno. Tudo parece  
nos ensina, & tudo tambem nos repre-  
hende, pois ainda em nós não aprende-  
mos o que expermentamos. E nada

sim pôde bastar, para que nos saibamos mover: prezos pelos laços enganosos, & & nos nós cegos repetidos de tão varias profanidades dormimos no leito da culpa, como se não houvera morte. Estamos na casa do vicio, como senão houvesse Inferno, & vivemos com o Demônio, como se não houvera Deos. Onde está aquella diferença, que nos distingue dos brutos? Onde mora aquella rezão, q nos iguala com os Anjos? E onde a vida dos Christãos, que nos chega a fazer Deoses? Não se despedaça a continencia com os golpes de seus delitos? Não se esmorece o mundo com a sua vista abominável? Não foge o sangue a hum peccador com sua vida aborrecivel? Como nos não admiramos, de que muitos por se perder, facão mais do que nós por salvarnos? Que sirvão tantos ao Demônio com mais extremos, que nós a Deos! Se Deos for o interessado, & nós os independentes; se elle nos pedira algum mal nosso, & não nos offerecerá o Ceo, parece q tiverão desculpa as froxidocns do nosso en-

engano. Mas ainda assim não tiverão, porque elle sempre fora amavel, & mais que tudo apetecivel. Pedimoslhe horas, dâmos creditos; pedimoslhe males, dâmos bens; queremos gostos, faznos mimos; buscamos nôda, dâmos tudo; & nada disto ha de bastar para o buscar, para o querer, para o servir, para o amar! Por ventura nos nôs fazemos? Nôs nos sustentamos, & animamos? Obras saõ de suas mãos, emprégos de sua bondade, & perdão da sua justiça. Qual he disto a satisfação, & qual o agradecimento? Reduzir tudo ao nosso engano, & prevertello em sua offensa! Por ventura para os vícios, & torpezas cuidaremos nos criou, quando elle tem mão nos nossos castigos? Cuidaremos, que se descuida por húa hora, por hum instante, que he o que dura a maior vida, nos expomos cada ponto aos danos da eterna morte, por hum ponto em que lhe fazemos eternidades de despezos? Será bem, que o percamos, & cayamos na sua ira por toda a mêsma Eternidade? Quem nos diz, que não será

hoje, daqui a pouco, ou logo agora, se não concorrer com o que vivemos? Quê nos dá o com que duramos; pois por hú pensamento leve, que mais afflige, do que recreia, por huma só palavra ociosa, que logo o ar, & vento a leva, por hum acto que peccamos, o que hum breve instante apenas dura: He rezão que se offendia a hú Deos? He acerto que se perca o Céo? He bem que se agrade ao Demonio? Como não olhamos, & vemos, que fugin-dolhe, nos confundimos, & aggravando-o, nos offendemos, que peccando, o crucificamos. Que mal nos fez, se nos criou? Que nos offende, se nos ama? Em q nos agrava, se nos sofre? Como pois por ser servos de Satanás, nos negamos de Filhos de Deos? Como nos armamos contra elle, seguindo as bandeiras do Demonio! Como em fim só por servir a este, queremos que Deos nos sirva a nós! Oh doudice sempre precipitada! Oh dezatino nunca chorado! Oh perdição precipitada! Oh cegueira do entendimento! Oh obstinação da malicia!

GOL-

• • • • • • • • • • • • • • • •

## GOLPE IV.

*Derelinquat impius viā suam, & rever-  
tatur ad Dominum, quoniam multis  
est ad ignoscendum. Isai. 59.*

## LAGRIMA IV.

**S**E o mal nälce de não cuidar, o considerar he o remedio: *Meditay os dias antigos, contempley os dias eternos* dizia o Profeta Davi<sup>c</sup>, por isto em outra parte: *Ascendeuseme o coração*; porque a meditação toda he fogo. Cuidem pois os homens o que he o mundo, & o que saõ os homens; o mundo inimigo de Deos, os homens inimigos de sy, deixem as vias da perdição, tornemse os homés a Deos, que he a sua vida; viremse, porque tudo está num virar; fação alguma coufa os homens, & não queirão que Deos faça tudo.

tudo. Todos os passos ,& fadigas, que  
ha de custar este Thesouro, dentro de sy  
mesmos se dão; caminhando pelo enten-  
dimento, & trocendo pela vontade; para  
que o prado crie flores, para a terra pro-  
duzir minas, ha necessario com o Sol cō-  
correr a terra, & o prado. Não goza as  
riquezas da India, quem não navega o  
Oceano; nem ganha as palmas do Triú-  
fo, quem foge aos golpes do conflicto.  
Não se cubrão sempre os Não queros,  
com os sobcapas dos Não possos; por-  
que ha de vestir as desculpas do mesmo tra-  
ge da malicia. Não guardemos para a  
manhãa, o que ainda ha tarde, sendo hoje;  
porque como saõ os nossos Logos da na-  
tureza dos Depois, quasi sempre nos pas-  
sa o tempo nos passatemplos do outro dia,  
Não seja sempre nas tençoens do Mun-  
do tudo porpòr desenganos, & tudo não  
cumprir promessas: tudo estes Logos de  
futuro, & tudo huns nuncas de presen-  
te, pois vemos que para screm estes Nú-  
cas da condiçao daquelles Sempres, Ain-  
da ha sempre em nós, o Daqui a pouco  
sem-

sempre he Nunca. O resistir a Deos cada dia, enganar a Deos cada hora, que castigos, que desempranos não terão da ira de Deos? Se por vermos, que nos dá avisos, damos confiança aos peccados; se por usar de misericordias tomão licença as nossas culpas: se pois o Já, he tarde, quem não dirá, que o Amanhãa vem longe? Não são misericordias, que se dilatão offendidas, já são espécies de castigos que outros mais crueis ameaçam. Não sei como há quem se deite a dormir com o seu peccado, sem se acordar do seu perigo! Oh convertamnos a Deos muito de todo o coração: seja Deos nos nossos corações o definitivo dos venenos, com que morremos pela culpa. Preciso he, que em nós se funde o que Deos mesmo edifica, & elle he quem levanta a fabrica, fazendo nos sahir da terra, nós somos quem poem o fundamento, humilhando nos as suas obras. Ninguem cuide tanto de sy, que imagine que Deos o ha de mister, que para amallo nos criou; que fazemos, que o não amamos, fugindo de quanto o offendem.

230  
fendemos? O primeiro passo para o Ceo,  
não he outro que o primeiro passo, com  
que nos afastamos do mundo; porque  
afastar das criaturas, he o mesmo que che-  
gar a Deos, escada pòdem elles ser para  
subir ao que elle he, quanto mais se todo  
o mundo metermos debaixo, mais perto  
de Deos ficaremos. Por estes degraos nos  
sobe a luz a ver o Sol no Meyo dia; por  
estes quando se desce, se cerca a noite dê-  
trô na alma. Levese a rastos a vontade a  
ver o que diz a memoria; peite a rezão  
o entendimento, para que converta a vó-  
tade; não pareça que anda vadio entre os  
humanos o discurso: nem seja a praça pa-  
ra hum cego a Monarchia do alvedrio;  
não se queixe a Misericordia, de que nos  
deixe então a Graça, nem se irrite mais a  
justiça de que do perdão cresceu a culpa.

GOL-

## GOLPE V.

*Milvius in Cælo cognovit tempus suum:  
iuriatur, & hirūeo, & ciconia custodie-  
runt tempus adventus sui: populus au-  
tum meus non cognovit judicium Do-  
mini. Ierem. 8.*

## LAGRIMA V.

**A**S Aves, as criaturas mais leves, as que não tem rezão, & juízo, sabem aproveitarse do tempo, conhecendo o que elle pede; muitas vezes fugindo ao mar, onde tenhão seu sustento, buscão nas prayas seu abrigo, onde antevem as tempestades. Os Homens, a quem Deos entregou o imperio das criaturas; a qué deu mais a conhecer o discurso do tempo, como se não tiverão rezão, como se não tiverão discurso, todo o tépo queré dar ao seculo, & nenhū à Eternidade. Os cãpos ver-

nhecimento proprio, & Deos.

### III.

A Morte em toda a parte pôde succeder, em todas as occasioens tem occasião, em todo o lugar pôde ser, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, passeando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em toda a parte se pôde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasioens, & accoens excepto nas de pecado. E ainda que não seja mais, digamos em todas a parte interiormente:

*Meu Deos, do meu coração, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vós creio, em vós espero, a vós adoro, & amo sobre todas as coisas.*

### IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bê pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

### V.

A omissa: *He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma.*

Assim

Assim tambem não he para a Alma, o que  
não he para amar a Deos.

## VI.

He, que a morte he amargosa para os  
mãos, & doce para os bons: Assim o Amor  
de Deos he amargo para os apetites, &  
doce para a razão, & affectos que nam sao  
mãos. VII.

E muito principal he, que quem morre,  
jà não pôde tratar dos bens desta vida, seb  
não dos eternos, se morre bem: Assim  
quem quer bem a Deos, não trata dos bens  
desta vida, só se lembra dos eternos.

## VIII.

He, que a Morte mata só por matar,  
não tira interesse nenhum de que morrão  
o Papa, o Príncipe, a Donzella, o Grande,  
o Piqueno: Assim o Amor de Deos ha  
de ser por amallo, sem interesse desta vi-  
da, charidade perfeita, & nô de tudo o que  
não he Deos.

## IX.

He, que o Homem nasce para morrer:  
Assim também o Homem nasce para a-  
mar a Deos.

He,

## X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitandose em todas as virtudes, que forem possiveis.

## XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor a Deos de todos deve ter alivio.

## XII.

He, que na Morte se acabão brevemente as penas: Assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabão.

## XIII.

He, que a muito se atreve, que se atreve à morte; por isto saõ louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se oferece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficultades, & impossiveis lhe hão de parecer faceis.

## XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do Mundo; Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

Mui-

**XV.**

Muito para notar he, que diz o Espírito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccará mais: *Memorare Novissimam tuam, & in eternum non peccabis:* Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

**XVI.**

He, que a morte muda os segeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o q̄ lhe fazem: Assim o Amor muda as criaturas, de modo que como mortas não sentem o que sentião, antes quem antes de amara Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Dcos he outro, já não sente, ama, & am a ao mão tra- to, &c. por isto a Iustificação se chama Conversaō, que he mudar em outro.

**XVII.**

He, que a Morte não tem mais q̄ hum contrario, que he a Vida: Assim o Amor de Deos, não tem mais que hum inimi- go, que he o Peccado, que he o seu de- strui-

struidor; todos os mais inimigos Carné, Mundo, & Demonio, em tanto saõ inimigos d'Alma, em quanto occasião de peccados, mas vencidos todos elles, serão para crescer o Amor.

## XVIII.

De hum morto não sahem mais que guzanos, que lhe roem as entranhas: Assim de huma Alma enamorada de Deos sahe o bicho guzano da Consciencia, que a roe com a memoria, & contrição das passadas culpas, com a dor dos descuidos presentes, que a estão sempre mordendo, & atanazando.

## XIX.

A morte deixa huma Alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: Assim o Amor deixa huma Alma só, dizendo que não quer mais que a Deos, vestindo-se para isso de suas boas obras.

## XX.

He, que hum morto logo dá cheiro de sy em quanto o não enterrão: Assim que amia a Deos, logo cheira a seu Amor, & não o pôde encobrir, até se meter numa covar. He,

## XXI.

He, que a Morte he ley que se poza todos, não se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori:* Os Reys, os Príncipes, os Nobres, os Plebèos, enfermos, nescios, & fabios estão sogertos às Leys da Morte: Assim tambem estão todos sogertos às Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor Iesv Christo.

## XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propositos de nunca mais peccar: Assim quando chega o Amor, devemos fazer hum firmo proposito de nunca mais offendere a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.

SI.



# SINAES DO PERFEITO AMOR DE DEOS.

## I.

**P**rimero final do Amor de Deos: He cuidar sempre no que se ama, & quanta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agustinho: *Mensura Amoris, memoria est.* Senão cuidamos muito em Deos, não o amamos muito, & he impossivel, que folguemos de meter em o coração, o q não trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força com que o Amor entra por dentro d'Alma, não permite, q esteja ociosa a memoria.

## II.

He gostarmos de fallar em Deos amiudo, vem-lhe o coração à boca; he o Amor

Amor como o azeite, que logo revê por fóra; por fóra ha de dar sinaes do que está dentro, como o Sol na nuve, & na cheminè o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos, não ha quem não se alegre, gabandolhe, ou fallandolhe no que ama; hum suave sobre-salto causa nas Almas, que tem entregue o seu coração a meu Senhor Iesv Christo: Deos he setta, em se bolindo na setta, de que hum está atravessado, logo dà sinal de que a sente.

IV.

Se os desejos de Deos se poem por obra: A arvore que não dà fruto, mà atvore: Nao que vem da India vazia, triste Nao: Iardim que não tem huma flor, mào Iardim: Alma que deseja fazer por Deos grandes cousas, & não faz nada, miseravel Alma.

V.

Se visita a miudo os Templos dedicados a Deos: se he Religiosa, veja se visita muitas vezes o Santissimo Sacramento,

R

ain-

ainda que seja com hûm Padre Nossa, & huma Ave Maria, & se amá o Coro, & os santos exercicios, & se reza com reverencia, & devoçao o Officio Divino.

### VII.

Se dà esmolas aos necessitados por charidade, & não por vangloria; se có suas Oraçoes, disciplinas, bom exemplo, & bons conselhos ajuda os proximos.

### VIII.

Se se não agasta com os trabalhos, & sofre com paciencia, & alegria as necessidades, doenças, afrontas, & miserias, que Deos permitte para nossa prova; porque ao ouro de nossas Almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a união Divina.

### VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigação segundo nossos estados.

### IX.

Se arrefece em nós o Amor, que antes tínhamos ao Mundo; porque se este não esfria, he sinal que o Amor de Deos nam

se

se acende, não ha tal Amor, não se pode servir a dous Senhores, nem com huns meímos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos comeca, he final certo, que o do Mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negregura; se a negregura do Amor do Mundo reyna, ainda não ha brandura.

## X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostolamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espiritu-  
aes; ou se aborrece atar o Espírito, ou a Vontade, à obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governe-se por elle.

## XI.

Se folga de darse ao retiro, & ao silen-  
cio, para que estando só retirado do Mun-  
do, converse, & falle com Deos: quem se  
não retira de criaturas, & de deleites, & de  
peccados, não chega à união com Deos.

## XII.

Se tem Oração continua, & se em tu-  
do o que faz dezeja contentar a Deos, &

faz por não sahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intenção, & de consciencia, chegandose a miudo à Sagrada Communhão.

### XIII.

Se folgamos, & nos alegramos, de que todos amem, louvem, queirão, estimem, & obedeção a Deos.

### XIV.

Se fazemos quanto em nós he por estender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Iesv Christo; cançandonos o possível porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as Almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o Imperio do Demonio, de que devemos ser publicos, & capitaes inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

EX-



# EXERCICIO

## DE MORTIFICAC, AM PARA toda a Semana.

*A Segunda feira.*

**M**ortificar os sentidos dos olhos, não olhando de advertencia para criatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista, seja memorial da interior modestia, & recolhimento da Alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem se está em pé, se assentado, de que cor, ou de que feiçam, ou onde morava, antes que fizesse o Mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se pôde medir? O que he infinito, como se pôde alcançar? O

R iij

que

que he incomprehensivel, como se pôde comprehendêr? Basta conhacerse a Deos debaixo da rezão do Bonissimo, Sapien-  
tissimo, Fermoſíſſimo, Clementíſſimo, Liberaliſſimo, Pay, Amigo, Esposo de  
nossas Almas, Rey de todo o Universo. Sò quando estiver em parte que possa o-  
lhar para o Ceo, pôde erguer os olhos, porque como dizia S. Theresa: Olhar ao  
Ceo, faz recolher os sentidos. E se olha-  
mos para o Ceo ( como dizia Santo Ignacio ) vil couſa nos parece a Terra. Este  
dia se tomaram trinta & tres golpes de dis-  
ciplina, à honra dos trinta & tres annos de  
meu Senhor Iesv Christo, na união do q̄  
padeceu na Coluna. E examine à noite,  
como guardou este sentido: & reze aos  
olhos de Christo hum Padre nosso, & huma  
Ave Maria, em satisfação dos defeitos  
que nisto teve, & em accão de graças. E  
assim farà todos os dias à noite, conforme  
a mortificação. E visitará o Santíſſimo  
Sacramento huma vez.

*Terça feira.*

Mortificarà os ouvidos, principalmen-  
te

te em fugir das conversaçoens perigosas, dezejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude, traga cilicio duas horas. E se poder, visite o Santissimo Sacramento, ainda q̄ não seja mais que com hum Padre Nossô, & húa Ave Maria.

*Quarta feira.*

Mortifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificação no sustento, & totalmente pelo que for regallo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Disciplinese à noite por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na forma asima dita.

*Quinta feira.*

Mortifique o sentido do Olfato, fugin-  
do de todas as coufas de cheiro, & por  
algum espaço, buscando algum tormen-  
to deste sentido: quando não tenha em  
que se mortificar, exercite se este dia em  
actos de humildade, & penitencia,fazen-  
do por não cheirarlhe mal nenhuma pa-  
lavra, nem afronta que lhe façam. Faça

vinte & quatro actos do Amor de Deos, dizendo: *Meu Deos, da minha Alma da minha vida, & do meu coraçam, antes morrer, que peccar, antes no Inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

*Sexta feira.*

Mortifique o sentido do Tacto, pondo pela manhaá cilicio até o jantar, se tiver saude; à noite disciplina por espaço de hum Miserere. Não se toque, nem se coce de advertencia. Não se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Iejue, se puder, a pão, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dor de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor Iesv Christo Crucificado.

*Sabbado.*

Faça por guardar silencio todo o dia, buscando lugares sós, & solitarios, onde esteja só, em presença, ou memoria de Deos; & não falle de advertencia, mais que responder o que se lhe pergunta: visite as vezes que puder o Santissimo Sacramento. E tome se residencia este dia,

como

como guardou os sentidos toda a Semana: reze huma Ave Maria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

*Domingo.*

Mortifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vós Deos meu, pois nada mais que Deos.* E faça q nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se detenha cousa, que não seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituas sentidos em sua lembrança todo aquelle dia, em actos de Fé, Esperança, & Charidade. Visite cinco vezes o Santiſimo Sacramento. E se for dia de Communhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, pôde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteràm na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contriçam, & de Amor, deitese. & a primeira couſa que disser em accordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offereçalhe logo à sua Gloria, & Honra, as obras que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.

EX-



# EXERCICIO BREVE PARA A SANTA ORAC,AM.

**A** Oração consta de cinco partes, Preparação, Lição, Meditação, Petição, & Accção de graças.

Posto de giolhos, diante de algúia Imagem devota, ou onde quer que for, benzase, & beije o chão, & faça este Acto de Contrição.

*Meu Senhor Iesu Christo, Deus, & Homem verdadeiro, Criador, & Redemptor meu Pequei, fiz mal, cahi como peccador. Por serdes infinitamente Bom, me peço de todo o coração haver voso offendido, proponho firmemente com vossa Graça, emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Paixão me perdoeis minhas culpas. Senhor,*

*nhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.*

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoçao das Chagas de meu Senhor Iesv Christo, sirva para composição de lugar: Representar hum Deserto solitario, em o qual em cinco Penhas ingremes estão cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tenção de viver solitaria (isto he apartadas das criaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & q se determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparada: O Deserto he meu Senhor Iesv Christo, que não ha quem queira morar nelle, & assim está desemparado do Mundo.

As Ermidas saõ suas Divinas Chagas; estão em Penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida à Alma nestas Chagas Santissimas: & por isto

isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considerar isto, dirá de todo o coração: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvi a viver com vosco, apartado por vossa Amor de todas as criaturas. Escolhi para morada de minha Alma este Deserto, & por casa vissas Santissimas Chagas. Eis me aqui meu Deus, se me quereis, aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditaçam, fará primeiro a Oraçam seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Iesv Christo, que sem eu o merecer, me tiraste do nada que antes era; & depois por vossa Bondade imensa me fizestes sahir do pègo do Mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberba, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo Inferno de meus peccados. Peçovos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me livrastes da perdição, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me não deixeis cahir nelles, & fazei com que todas as minhas obras, pensa-

pentamentos, & palavras, se dirijão a vos-  
sa mayor gloria, & honra puramente;  
porque vòs sois digno de ser summamen-  
te amado, louvado, & obedecido: & por-  
que assim quereis que eu o queira, & o fa-  
ça, & por todos os tempos dos tempos.  
**Amen.**

Feita esta Oração, feche os olhos, &  
representese neste Deserto, isto he dentro  
de Christo; & tome huma Chaga para ca-  
da dia. Nella medite quem he aquelle  
Deserto, isto he quem he Deos, immenso,  
infinito, eterno, incomprehensivel, que  
padeceu. Confidere os tormentos, & a-  
gonias do Horto, da Coluna, ou da Co-  
roaçam de Espinhos, ou da Rua da Amar-  
gura, ou do Calvario; ou principalmente  
a dor que padeceria naquella Chaga, em  
que se mete a Alma.

E se for na do Lado; confidere o  
Amor, com que aquelle coraçam Divino  
se expoz a todo o tormento, & que ainda  
depois de morte deu agua, para nos la-  
varmos, & sangue para nos redimir. Fa-  
ça por estar abraçando aquelle amor osi-  
fino

simo coração; considere com que paciencia, com que charidade, com que desejo de nossa salvação padeceu.

E medite principalmente por quem, por nós Peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores Sagrados, que se hum só houvera no Mundo, viera a padecer só por elle; & conforme a tenção do Espírito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditação, pedirà a Nosso Senhor, o mais necessário para sua salvação, & para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, & os bens Espirituaes, ou temporaes, necessários para a vida, ou para a salvação, & bens de seus próximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Vltimamente darà graças a Deos desse superior beneficio, que delle recebeo; porque o ter Oração, he dom particular do Espírito Santo, & final de Predestinado. Desejarà meterse em todas as Criaturas do Ceo, & da Terra; para que com todas o louve, & ame; desejando fazer hum amor do que lhe tem todas para mais

mais ardente mente amar, & servir a Deos. Desejarà meterse em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; & em Deos Espírito Santo, para se unir melhor com elles.

Feito isto, farà muito por conservar todo o dia a memoria de Deos, & naquella Chaga em que andar, como se estivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, hore, estude, & faça quanto fizer, isto he, com lembrança sua; & o que nam fizera, andara, ou dislera à vista de Christo, não faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

ORA.



# ORA C, A M

**PARA ALCANÇAR ARDEN-**  
temente o Amor de Deos.

**M**eu Deos, ou vós me quereis, ou me não quereis; se me não quereis, hei de queixar-me de vós (meu Deos) aos Ceos; & à terra, pois me criastes para me engeitar. E se me quereis, meu Deos, eis-me aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois (meu Deos) quando ha de ser isto (meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com o vosso Amor me estale o coraçam? Quando (meu Iesvs) ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhaveis suspiros, & com abraçados fervores se ha de acender a minha alma,

ma, & abrazar a minha vontade em vosso  
Divino Amor? Quando (meu Deos)  
quando, Senhor, quando, meu Iesvs, com  
abrazada sede das eternas doçuras, & da  
vida Eterna, & Celeste, hão de andar as  
minhas ancias em lagrimas, & gemidos  
por estes ares, gritando ao Ceo, & fugin-  
do à Terra? Seja, meu Deos, seja, meu  
Senhor, seja, meu Iesvs, seja isto hoje, &  
nam à manhā; seja agora, meu Iesvs, &  
nam daqui a pouco; seja logo, meu Deos,  
& não ao depois; seja já, meu Senhor, &  
nam logo Aqui me tendes, meu Senhor,  
& meu Iesvs, nam seja mais tarde isto;  
rompase este penedo em fontes de lagri-  
mas por vosso amor, & por minhas cul-  
pas. Desfaçaõe meus olhos em pranto,  
meu coração em suspiros, minhas entra-  
nhas em doridas mágoas por meus pec-  
cados, & acezo todo em meu Deos, em  
chamas de Espírito, & em celestes lavare-  
d.s, acabe já de consumir, & abrazar  
esta árvore sem fruto, esta terra toda espi-  
nhos, & esta Alma de penhasco para vos,  
meu Deos, sempre dura, & para o Mún-

do tam branda; para os vicios tam viva,  
& para vossa Graça tam morta. Oh meu  
Deos, & meu Senhor, se em mim houve-  
ra, meu Iesvs, toda aquella reverencia,  
com que vos servem, & louvão todos os  
Anjos do Ceo, & Iustos da Terra, essa  
fora, meu Deos, a minha gloria! E se eu  
só vos pudéra ter tanto amor como os Se-  
rafins do Ceo, essa fora a minha delicia.  
E se vos pudéra receber com outra tanta  
pureza como a Virgem Maria vossa Máy,  
essa fora a minha ventura. Se pudéra  
estenderme por todas as criaturas do Mú-  
ndo, & amarvos juntamente em cada húa,  
como todas juntas vos amão, essa fora a  
minha alegria. Se pudéra amarvos, meu  
Deos, que fossé ao Ceo, & roubasse o q̄  
quizesse, a todos deixaria a Gloria, mas  
o Amor não lho deixaria, porque todo  
me pareceria pouco para vos amar. E se  
de todos os coraçoens do Mundo, pudé-  
ra fazer hum só, só a vós, meu Deos, &  
Senhor, o déra. E se de cada aréa do  
mar, & de cada Estrella do Ceo, & de ca-  
da flor da terra, & de cada letra dos livros,

&amp; de

& de cada pena das aves, & de cada pello das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabello das gentes, pudera fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condiçoes, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como eu tezejo em cada hum: todos, meu Deos, voles dera, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & não parara nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vós sois, vos adorara por meu Deos, & andara fazendo Ceos, & Almas, criando vidas, & espíritos, erguendo Templos & levantando Altares, em q, meu Iesvs, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vós sois deixara de o ter, porque vós o fosseis; contendome, meu Deos, com que algúia hora, vendome a vossos Divinos pés, puzefleis em mim vossos Santissimos Olhos, com algum sinal de amor, & boa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu Iesvs, & meu Esposo, por tantas rezoens digno de ser amado, querido, & desejado; Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eterno

no Bel, meu, & meu Iesvs de minha Alma, já que não posso fazer isto, deseje eu sempre isto, & façase finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilissima, torpissima, & indignissima criatura vosfa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vossa, por todos os sempres dos tempres. Amen Iesvs.

# F I M.

Deunos Christo, Senhor nosso, o modo, & forma de orar, quādo nos ensinou o Padre Noso: E por iſſo encomendo segunda vez, como fica dito a fol. 149. que o nosso coutinuo exercicio seja o meditar, & orar por esta admiravel, & excellente Oraçāo; porque nella se encerrāo as principaes couſas, que podemos pdeir a Deos. E para que cada hum de nós medite, & ore com acerto, & proveyto de sua Alma, o poderà fazer na forma seguinte; ou conforme seu Espírito melhor lhe ensinar, & o dispozer.


**A ADMIRAVEL ORAC,AM  
DO  
PADRE NOSSO,  
MEDITADA, E ILLVSTRADA**

**Pelo Veneravel Padre  
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,**

**Da Ordem Seraphica, & Missionario  
Apostolico.**

*Padre Noso.*

**Q**UE antes de eu ser; & Antes dos seculos huma Eternidade me amastes; pois nam sendo eu causa alguma, mais que huma causa a vós possivel, ab eterno me estaveis vendo, para me estar sempre obrigando. Criastes a machina

S iij

do

*A admiravel Oraçam do  
do Mundo, o Ceo para a Patria dos ho-  
mens, para peregrinaçam a Terra: onde  
pondome de antemão tantos grandes En-  
tendimentos, que me servissem para guia;  
para Exemplo tantas virtudes; tantos bés  
para obrigaçam; & tantos males para avi-  
zo, sem interesse algum vosso, sem mere-  
cimento algum meu me tirastes dos abis-  
mos do nada, donde podereis tirar outras  
tantas criaturas possiveis à vossa Omni-  
potencia, que muito melhor vos servirão.  
Ou podendome fazer hum tronco bru-  
to, hum bruto, hum barbaro, hum Here-  
ge, hum Mouro, hum Turco, ou hum  
Demonio, me fizestes à vossa imagem,  
me criastes na vossa Igreja, regenerado  
no Bautismo, redemido com vosso San-  
gue.*

*A penas comecei a ter vida, quando  
podendo vós tirarma, por ver quam mal  
havia de empregalla, ma conlervastes com  
o Ceo, & a Terra, dandome Anjos, que  
me guardassem, homens, que me favore-  
cesssem, & elementos, que me servissem.  
E correndo eu deinde a mininice às mais*

cegas profanidades, gastando mais da mocidade em precipícios, & ~~egueiras~~ pondo (como se não houvera Deos, Inferno, Ceo, Iuizo, & Morte) a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do Inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razam experimentam: dos perigos, infortunios, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & choraram; não contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nós cegos do deleite eram laços da liberdade: quando detido destas Remoras dava à vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto se dava aos enganos o discurso, entam mostrastes, vós, em mim, que me quereis para vós.

Oh Deos immenso, & soberano, oh Pay, amigo, & Senhor meu, que fendo

eu, qual ~~Em~~pre fui, que he o peior que posso ser, quizestes vos, que ainda no Mundo mostrasse, que era cousa vossa! Esquecido, meu Criador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme da vossa Graça, chaman-dome à vossa casa com aquele amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrando-me sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje o Mestre, que me ensina, sois a Verdade, que me guia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensino-me a vossa piedade, enche-raõme os vossos favores; & arrancando-me de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandom-me do coraçam aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adora-do; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Criador.

Qu

Que estás nos Ceos.

**E** Levandomo o Entendimento em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas, sam breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este Mundo he pouca copia: & em fim, de cujas maravilhas nam ha pintura, nem retrato, me fizestes tam altamente fallaryos com o coraçam, ou asfistirvos com o espirito nesse trono de Magestade, onde os Anjos vos adoram, os Seraphins em vós se abrazão, & os Cherutins cm vós se admiram: onde com o Sol sem eclipse fazéis dos Ceos o dia eterno: onde sempre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo fermosura: onde na praya deleitosa da dilatada Eternidade, aos que escapam do mar da culpa, nam só sois porto, mas abrigo, nam só refugio, mas descansço.

Em cujos campos revestidos da sempre

preverdade amenidade, não tem o Inverno  
jurisdição, nem movimento as Primave-  
ras: em cujas doces suavidades prezõ o  
juizo, & o discurso, tudo para a alma he  
melodìa, & para o espirito sossego: On-  
de elevados os sentidos em húas bellezas  
nunca vistas, em húa harmonia incompa-  
ravel, em huns gostos sempre soberanos,  
em huns cheiros não imaginados, em  
humas glorias já mais sabidas, suavemen-  
te se arrebatam, & quietamente se suspen-  
dem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao  
coraçam me estais dizendo: Homem ce-  
go, pois me não olhas: Servo infiel, pois  
me nam serves: Ingrato filho, pois me  
fojes: Sempre mudo, pois me nam fal-  
las: Surdo sempre, pois nam me escutas:  
Se este he o centro, & o lugar, onde os Iu-  
stos ham de viver, se esta a Cidade, se este  
o Reyno, onde os bons me hão de assistir,  
porque nam vives com o espirito, onde  
nam pôdes com os olhos? Porque nam  
vens com os suspiros, onde com a vista  
nam pôdes? Se nasceste para salvarte, se

he

he o teu fim a Vida Eterna, & te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? Onde perdes o desejo? E aonde trazes o cuidado? Vás mendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimar titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vaós do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Nam dizem bem taes pensamentos, com quem se quer chamar meu filho.

Divinos hám de ser os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vás fugindo? Se te estou sempre aaciando, porque me estás sempre offendendo? Se sam minhas inspiraçoes muda doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçam fazes hoje emenda da porfia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para não vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para não chegares aos meus braços?

Hum

384 *A admiravel Oraçam do  
Hunguavaó, & encantamento nessas  
baixas profanidades? Gostosamente, te  
embaraças? Eternamente te confundes?  
Tu es o altivo de cuidados? Tu quem  
tém nobres pensamentos? E tu o de gran-  
des espiritos? Como pois sofres, que te  
arrastem essas rêmoras da pobreza? Co-  
mo consentes, que te pizem essas escra-  
videoens da culpa? Como nam, se assim to-  
digo, olhas, & nam vês, qual serà a Corte  
de Deos, se assim te elevas na dos homés?  
Se na via dos peregrinos te agrada tanto  
a estrada do Mundo, que farà na Patria  
dos Anjos, & Lugar dos Bemaventura-  
dos? Se là no estado do seculo julgas taes  
os Palacios da culpa, no circulo da Eter-  
nidade quaes seràm os premios da Glo-  
ris? Se no que dei para morada de mil re-  
probos, & precitos, achas taes gostos, &  
deleites, no que escolhi para Palacio de  
meu poder, & Magestade, quaes te pare-  
ce seràm as suavidades, & delicias?*

*Como pois sendo filho meu, queres  
ser escravo do Demonio? Como ló por  
servillo a elle, te poens, & tomas armas  
con-*

contra mim? Que mal te fiz, por te cricei?  
 Em que te ofendo, se te amo? Em que  
 te agravo, se te sofro? Tam pezada he  
 a minha Cruz, que o mesmo Christo a  
 nam levasse? Tam insofrivel o meu jugo,  
 nissimo los muitos o nam trouxessem? E

Mas co este caminho, que muitos mil  
 ondo huguissem? Como has de vir ao  
 Ceo, se nam veio Christo sem ella? Co-  
 mo sem jugo a meu rebanho, se quem o  
 engeita, nam he meu? E como à Gloria  
 sem caminho, se quem o deixa, vay ao  
 Inferno?

Pois convertete, filho meu, que se  
 chorando tua culpa me pedires miseri-  
 cordia, se doendote de aggravarme, me  
 buscares de coraçam, aqui com os braços  
 abertos acharás a minha piedade, & aqui  
 com os olhos cerrados encontrarás o meu  
 amor.

No desprezo dos bens do Mundo te-  
 rás, o que elle mais estima: no cuidado,  
 com que me busques, o repouso dos que  
 fossegam. Nos suspiros, com que me cha-  
 mes, as iuavidades dos que me gozam:

Em

~~Ex~~ nos males o regalo, nas repugnâcias o dezejo, na castidade o teu recreio, hum thesouro na pobreza, na resignaçam o teu gosto, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu que te tanta gloria ainda no Mundo ~~za~~? Co amor, que vos abraça, & hum escram, q se vos postra, levantaime ao Ceo o Entendimento, unime a vós esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversaçam, só nelle busque a minha Patria, & em vós só tenha o meu Bem todo: Com o que vendose a minha alma como estrangeira cà na terra, muy de passagem pelo Mundo use dos meyos para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na nossa Gloria

*Santificado seja o teu nome.*

**N**A minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dando-vos todas as criaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra ou-

outro trono de Seraphins; onde estando  
sem nos mover, onde voando sem parar,  
todos ardendo em vosso amor, vos diga-  
mos continuamente: *Altissimo, Santissi-  
mo, Imminentissimo, Sapientissimo, & Bo-  
nissimo Criador, Pay, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nós, meu Senhor,  
sendo huns bichinhos vís da terra, hum  
pouco de lodo animado, & pouco mais  
que hum pò unido, para que a essa Mage-  
stade, a quem se postra o Ceo, & a Terra,  
cuidemos, que louvamos, & santifica-  
mos? Quem sou eu, & quem sois vós,  
immenso Deos, & Senhor meu, para atre-  
verme a vos louvar, se nunca sey mais  
que offendervos? Se os Seraphins, se os  
Cherubins tem por baixos, & limitados  
os altos Hymnos, que vos cantam, como  
ha de ouzar hum peccador fazer de lin-  
gua tam preversa, instrumento que vos  
louve, se do louvor, que se vos deve, sam  
pouca voz todas as criaturas, & todo o  
Mundo pouca lingua? Como eu, vilissi-  
ma criatura, vos tomarei na minha bo-  
ca, que tantas vezes vos foi profana? Mas  
quem,

meu Deos, & meu Senhor, me ha-  
de dar á mim voz, & lingua para louvar-  
vos, como devo, para agradarvos, como  
cuido? Que Ceo, que Mundo, que cria-  
tura pôde ser capaz instrumento, onde  
caibão solemnizadas vossas glorias, & ma-  
ravilhas? Se os Anjos, de vós se admiram  
com hum excesso, a que eu nam posso  
chegar? E se esses mesmos vos estam lou-  
vando com tam superior charidade, que  
vence todo o meu desejo? Do Mundo  
todo as criaturas com huns silencios elo-  
quentes, que eu como nescio nam alcan-  
ço, me reprehendem na minha froxidam  
em vosso amor? Pois q farei, meu Cri-  
ador, eu que sey, que os vossos louvores  
nam sam como os do Mundo? Nam falla-  
rei, porque sou nescio? Nam amarei, por-  
que sou tibio? Nam cuidarei, porque sou  
mão? Pois nam serà assim, meu Deos, que  
aqui debaixo das heryinhas, dos arguei-  
ros, & dos ouçoens com o coraçam muy  
postrado, com a alma, & maos erguidas,  
com os olhos postos no Ceo, & com a ve-  
neraçam por terra, muy humilde, & muy  
ele

elevado em vossa vista, meu Senhor vos  
louarei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvarvosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dê a satisfaçam. Fallarvosham minhas entrainhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim vos satisfaça aquelles ays, que dei ao vento. Adorarvoshey com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois vo los aggravem tantas vezes, por huma escaça vista de olhos. Metervoshey no coraçam; metendome muito por dentro, sempre que me meta com vosco, ou que queirais estar comigo. E em fim, todos os meus sentidos, meus espíritos, & potencias vos louvarão, pondose em vós; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo tam fóra de meus sentidos. E meus espíritos, & potencias vos louvarão pondose em vós; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amarvos, & o juizo em querervos. Acabe pois esta minha vida preversa com tantos generos

*A admiravel Oraçam do  
deus deus: Torne, meu Criador, ao cen-  
tro, donde sahio; ao principio, donde naf-  
ceo; à origem, donde emànou. Nam  
mais nas violencias de hum erro tam ce-  
gamente idolatrado traga as cadeas, como  
enfeite, & ame as vaidades, como glo-  
ria. Busquem os olhos o seu lume, & os  
sentidos o seu objecto, o espirito a sua vi-  
da, o seu thesouro o coraçam. E pois não  
posso, quanto devo; ao menos, Deos, &  
Senhor meu, amevos sempre, quanto pos-  
so.*

*E se eu mil almas possuira, se mil co-  
raçoes tivera, se mil caminhos descobri-  
ra, se mil modos imaginara, se mil mun-  
dos comprehendera, todos, por todos, &  
com todos me empregara, & entregara  
em vos servir, & juntamente me desvela-  
ra em vos amar. Mas pois, meu Deos, va-  
lho tam pouco, & tam pouco val tudo  
em mim, por mim vos louve o CEO, a ter-  
ra, os elementos, as criaturas, os Anjos, os  
Bemaventurados, & toda a Machina do  
Mundo; em cujas maravilhas grandes,  
generos, formas, fermosuras, & perfei-*

coens me estou revendo, & admiringando  
vossa grande, & immensa fermosura,  
Immensidade incomprehensivel, incom-  
paravel Magestade, Omnipotencia sober-  
ana, inefayel Sabedoria, infinita Mis-  
ericordia, & admiravel Infinidade. Mas  
para que eu melhor vos louye.

*Venha a n̄s o teu Reyno.*

**Q**ue sem vós virdes, meu Senhor,  
como poderey eu buscarvos? Sem  
me ensinar o vosso espirito, q̄ louyores sei  
eu rendervos? Sem que o vosso amor me  
dè azas, quem bastará para moverme?  
Sem que me chegue o vosso auxilio, que  
forças pôdem segurarme? Quando a mi-  
nha fragilidade cahe de sy cada momen-  
to; & quando tantos inimigos cada ins-  
tante me acometem, & me cercam por  
toda a parte: Venham pois, Rey meu,  
venham vossas misericordias. Permiti,  
que sempre a minha alma por vós suspi-  
re, por vós clame, & de vós se valha, &  
se socorra, com vosco se arme, & se de-  
fenda,

192 admiravel Oraçam do  
fenda. Pois se sem vós não sou nada, se  
inda com vosco sou tam pouco, de que i-  
pulos mais que dos meus esperarei os me-  
us estragos? De que Imperios mais que  
dos voslos alcançarei os meus socorros?  
Debil he a praça de huma alma, fraco o  
presidio dos sentidos, baixo o muro da  
natureza, leve o conselho do juizo, cego  
o governo da vontade: como pois, Deos  
meu, & Senhor meu, sem me ajudares  
nos assaltos, bastarei para as defensas?  
Como me haverei nas batalhas, sem vós  
me dares as vitorias?

Nam ignoro eu, que a vontade por  
vós se deve pôr em campo. Nam duvi-  
do eu, que o alvidrão ha de tomar por  
vós as armas. Nem desconheço, que de-  
vo tremolar voslas bandeiras. Pois sem  
que eu lide nos conflictos, nam me dareis  
vós o triunfo? Mas como hey eu de fiar  
de mim os vencimentos destes vís costu-  
mes, & destes riscos, se mil vezes tendo-  
vos por mim, eu mesmo fui o meu estra-  
go? Venham pois desse Santo Espírito  
quelles rayos soberanos, que alumiem,  
&

& desvaneçam as sombras da minha  
 ignorâcia: que rompam, & despedacem as  
 nuvens de minha ignorâcia: & que em  
 fim, rasguem, & consumam as trevas de  
 minha culpa. Acedase nas suas chamas,  
 arda nas suas lavaredas, purifique nos  
 seus incendios, a vista, a alma, o coraçam,  
 de quem se deseja mais puro, para que  
 aos votos seja vítima, para ser arca aos sa-  
 crifícios, para ser templo à adoraçam Pois  
 assim venha esse vosso Reyno, & nos Im-  
 perios desta vida assim tudo vos obedeça,  
 que sendo Cidade de Deos esta confuza  
 Babylonias, os sentidos vos façam Corte,  
 a alma se vos faça Paço, & o coraçam vos  
 seja leito, com tanto gosto de servirvos,  
 & adorarvos, por meu Rey, por meu  
 Deos, & por meu Senhor, que só para isto  
 estime muito, para este ministerio ser  
 Anjo, para este amor ser Seraphim, para  
 a essa Magestade ser trono. Vinde pois,  
 vinde, meu Senhor: pois bem que pare-  
 ça ouzadia, querer que vós a mim ve-  
 nhais, porque bem sabeis, que sem vós  
 virdes, nām poderei verme comvosco.

224 A admiravel Oraçam do  
Rei o he, Sol Divino, que arrebatem  
vosso ardorez este vapor da terra humida,  
& que elevem vossas efficacias o pe-  
zo grave deste espirito, sempre para vos  
tam pezado. Mova o curso de vosso mo-  
bil todo o vagar destas esferas. E em sim,  
dezatem vossos rayos os caramelos de sta  
culpa; para que correndome muito de  
mane moverse esta frieza, me mova muito  
o vosso amor, para ir correndo a servir  
vos.

*Seja feita a tua vontade.*

**E** De tal sorte se faça em mim, q ven-  
cidas as repugnacias, com que se  
oppoem à natureza em huma perpetua  
negaçam do proprio amor, & de sy mes-  
ma, em huma continua indifferença para  
o que for vossa vontade: Tudo o que em  
mim foi liberdade, pareça resignaçam:  
tudo o que foi contradicam, se faça em  
mim conformidade: tam inseparavelmen-  
te me veja sempre unido a vossa gosto,  
tam prezo sempre, & tam atado, que sem  
poderem apartarme deste suave abraço  
d'alma

d'álma os poderes de todo o Mundo  
 fortes & arte do Demonio, nem o amor  
 cego de mim mesmo: Firme me oppo-  
 nha a seus combates, como tronco, que  
 sobre os montes resiste immóvel às tor-  
 mentas; & triunfe de seus assaltos como  
 penha que sobre as ondas se tem constan-  
 te contra os mares em huma firmeza inal-  
 teravel. Em huma constancia invencivel  
 viva tam prompto a obedecervos; tam  
 dezejoso de agradecer vos, & tam destinado  
 a servirvos, que recebendo os bens, & os  
 males com gosto igual a todo o tempo,  
 nesta melodia de espirito, & nesta doce  
 consonancia de meu sentido, o coraçam  
 goze daquella serenidade, com que a mi-  
 nha alma se suspenda, & com aquella hu-  
 milde elevaçam, com que meu amor se  
 vos una. Façase em fim vossa vontade.

*Assim na terra como no Ceu.*

**P**ois se nos Ceos, todos se amão, por-  
 que em sy vos amam a vós; & se vos  
 amam sobre tudo; esses, que assim mais se

296 *A admiravel Ordçam do*  
~~Enão~~ por que ha de condenar a terra aquila,  
la, que faz o Ceo? Porque ham de fugir  
os homens de parecerse com os ~~homens~~ os?  
Por ventura a vossa vontade he querer, q  
elles se condenem? Pertendeis vós mais  
que salvarnos? Solicitais mais que atra-  
hirmos? Sendo gloria a resignação, fendo  
o gosto a conformidade, nam morrerei  
por estes gostos, que ainda no seculo sam  
gloria? E fendo a culpa em sy tormen-  
to, matarmehey por aquelles gostos, que  
sam Inferno, ainda no Mundo? Que faó  
sem vós os bens da terra, de os do Ceo  
sem vós sam nada? Della que posso eu de-  
zejar, que vós com vosco me nam deis? E  
delle, que posso eu querer, que vós com  
vosco me nam entregueis? E delle que  
posso eu apetecer, q vos sem vós me nam  
concedais? Para alcançar a uniam, que  
me faz hum, meu Deos, comvosco, que  
meio ha mais efficaz, que fazer a vossa  
vontade? Por isso os Ceos sam vossa Pa-  
tria, porque nelles perfeitamente vos che-  
gamos a obedecer? Por isso nelles os An-  
jos, os Seraphins, & os Cherubins vos có-  
tem-

templam rosto a rosto; porque hum  
dem, nam, querer mais que o que he vos-  
ia vontade. Por isto os Ceos sam o lugar,  
em que vos vem os Escolhidos; porque  
o serem là huns comvosco, lhes fez tudo  
Bemaventurança.

Fazei pois, meu Criador, que nam  
querendo toda a terra, mais que aquillo  
que quer o Ceo, nam fazendo menos os  
homens, queraquillo que fazem os An-  
jos, conheçam, que para serem Ceo lhe  
falta só a obediencia: Que para ter no  
Mundo a Gloria, lhe falta só a conformi-  
dade: E para Bemaventurados, lhe resta  
só andar unidos com o que for vossa von-  
tade. E assim, meu Pay, & meu Senhor,  
nam só em mim, que fui, & sou o mais  
preverso dos nascidos, & o mais ingrato  
dos homens, se glorifique o voso nome,  
& se faça vossa vontade: Porém em to-  
das as criaturas, do mar, & da terra, & do  
Universo; para que havendo em todo o  
Mundo hum só Pastor, & hum só Reba-  
nho, assim vos amem, & vos louvem, as-  
sim vos sirvam, & obedeçam, que a terra  
pa-

do Ceo, & o mesmo Ceo se acha na terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, noto a fragilidade faz, que caincemos no caminho.

*O Pão nosso de cada dia Espiritual nos dá hoje.*

**D**ai-nos a todos o sustento, nam que sobeja para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as criaturas estam postos, meu Criador, nessa Bondade, & Providencia, de quem esperam o alimento. Vossa misericórdia libera-nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como exprei de vossa Bondade me pode faltar a Providencia, quando espero confiado, & conheço agradecido? Se das entradas da terra trazeis à mais humilde hervinha o fucco, ou humor, de que se sustenta? Se nos penhascos, & nos montes os dias aos aspides, & às viboras, aos basiliscos, & às serpentes? Se os lirios da terra, que nam lavram, se as aves do Ceo, que não fiam, se os peixes do mar,

mar, que nam semeam, não ha dia  
 quando não desla liberal mão, o com que vi-  
 lam? Se vós às feras intrataveis, se vós  
 aos brutos mais terriveis, ou ministrais,  
 ou consentis, que os elementos os susten-  
 tem, como faltareis aos humanos, que  
 a vós recorrem como a Pay, que vos pe-  
 dem como a Senhor, & que vos rogam  
 como a seu Deos?

Acudi pois, meu Criador, com este  
 Pam, aos que nam tem mais celeiro, que  
 a vossa Providencia. E daime o Paô ce-  
 lestial de vossa Graca, & vosso Amor.  
 Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos  
 commungue cada hora em o Sacramento,  
 ou em Espírito; porque culpas de cada  
 hora, cada hora pedem remedio. Seja  
 esta a minha porção, o meu manjar, & o  
 meu regalo; & com tacs lagrimas o bus-  
 que, com tantas ancias o suspire, com tan-  
 ta reverencia o receba, & o coma com  
 tanto gosto, que indose a alma trás vós,  
 ou transformandovos comigo, em vós me  
 enleve cada instante, com vosco me una  
 cada hora, & por vós morra toda a vida.

*E perdoanos nossas dividas.*

**P**erdeainos nossos peccados, ainda que o nam mereçamos; pois também, sem que o merecessemos, nos criastes, & remistes. Vzai, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa Clemencia appella da vossa Iustiça. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, errei, cegueime, & offendivos: merecedor sou, meu Iesv, do mayor Inferno, & castigo, que pôde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peior de todo o Mundo, tenam dezagradarvos a vós? Porém que hey de esperar de vós, sendo meu Pay, & meu Bem todo, senam que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçam, nam tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja Bondade incompreensivel posta na cara de meus vicios me atormenta, com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vós, meu Deos,

&amp;

& meu Senhor, quando nam  
is em vós, só por elle creis dignissimo  
de ate no Inferno fer amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, que  
tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia,  
que me atormenta pezarozo, & me des-  
pedaça arrependido. Vejome cheio de  
maldades, de delitos, & peccados, & to-  
dos parecem, que me atrahem aos mais  
profundos precipicios, fugindo da vossa  
presença, como se ella fora o meu dano,  
querendo huma falsa humildade apartar-  
me de vossos olhos, onde he mais feia a  
minha culpa. Tem-me mão o Entendi-  
mento, a quem vós sempre dais a mão,  
gritando a rezão dentro n'alma, que ma-  
goadá se vos postra, & compungida vos  
procura. Porém de quem me hey de va-  
ler, ou para onde hey de fugir? Se me es-  
condo da vossa ira, metido no centro da  
terra, là encontro vossa presença? Se  
busco as entranhas do mar, para que me  
encubram de vós, là me assombram vossos  
castigos? E se occupo a região das nu-  
vens, là olho a vossa Magestade? Se fui-  
to.

302 *Ímbito dos Ceos, là vejo avossa  
habitaçam? Se desço à sombra dos Bis-  
mos, là me prende avossa Iustiça? E en-  
fim, se corro todo o Mundo, em todo a-  
cho vosso Imperio?*

Pois a quem, Pay, & Senhor meu,  
buscarei eu, para ampararme? A quem,  
meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu,  
para acudirme? Por ventura ferà ao Mun-  
do, que tratou sempre de enganarme? Aos  
homens, & às criaturas, que intentam  
sempre confundirme? A carne, o vicio,  
& o Demonio, que comvosco querem  
descomporme? Ao mar, ao vento, ao fo-  
go, & à terra, que dezejam soverterme?  
Todos olho, meu Criador, & a todos ve-  
jo contra mim, depois que esquecido de  
mim, & atrevendome contra vós ouzei  
viver hum só momento, sem que deitado,  
& postrado a vossos pés, confessasse mi-  
nhá culpa, & pedisse misericordia? Quem  
tenho eu, meu Redemptor, que acudisse  
nunca por mim, senam só a vossa Bonda-  
de? Quem fez já mais as minhas partes  
para nam vervos contra mim, mais q esse  
amor,

amor, essa piedade, que por mim se oz  
ez huma Cruz? Todos os seus mereci-  
mentos, que eu nunca soube merecer, vos  
ponha diante dos olhos. Se olhades às  
minhas maldades, como hei de olhar-  
vos, meu Senhor? Como chegarei eu a  
vós, se vos virardes contra mim? Se me  
negardes o perdão, quem haverá que pos-  
sa darmo? Se me não olhades benigno,  
que valerá o arrependerme? Se entrares  
comigo em juizo, quem poderá justificar-  
me?

Se pois quereis, que eu me nam per-  
ca, se desejais, que eu me converta, &  
salve, se medida vossa misericordia pare-  
ce pouco a minha culpa, nam me conde-  
neis, meu Senhor, perdoai-me, Pay, &  
Deos meu, que aqui no altar de vossa  
Cruz todo escondido nessas Chagas, ve-  
nho, meu Pay, a offerecervos o sacrificio  
destas lagrimas, & os holocaustos destes  
suspiros, com hum coração muy magoa-  
do de havervos a vós ofiendido, com húa  
alma muito dorida de havervos a vós ag-  
gravado: com huns olhos muy aggrava-  
dos.

dos de apartar de vós meus olhos. Per-  
doaime, pois, meus peccados, & os  
os mais peccadores.

*A ssim como nós perdoamos aos nossos  
devedores.*

**E**U perdoou, meu Criador, a todos  
quantos me offendèram; & quizera,  
que na minha alma se acharam todas as do  
Mundo, para de todas fazer huma, para  
que tudo fora hum, & para que em tudo  
vos amara. E nam sómente lhe perdoou;  
mas quizera, que todos elles se perdoarão  
huns aos outros, as offensas que fizeram.  
Perdoai lhe vós, meu Senhor, porque não  
sabem, o que fazem. Não lhe sirva a el-  
les de dano, o exercitar a paciencia; nem  
baste para os condenar, dar a outros em  
que merecer. E que rezam tereis, meu  
Deos, para nam perdoares aos peiores, se  
achaistes rezam nas vossas misericordias,  
para perdoarme a mim o peior de todos?  
A mim, o escandalo do Mundo? A mim,  
veneno dos humanos? A mim, hum mon-  
stro de delitos? Cuja vida foi tão de bru-  
tos:

tos: Cuja alma foi tam de bronz : Cujo coração foi tam de pedra, que ainda hoje aos ~~divinos~~ rayos, & quasi sempre aos vos-  
tos olhos he fera, que naó se amanca, he metal, que nam se derrete, he penedo, que nam se parte. Porque os deixareis, quando vos deixão? Porque os dezem-  
parareis, quando vos fogem? Porque os castigareis, quando vos aggravão? Se me nam aggravais amim, que quando me buscais, vos fujo, que quando me cha-  
mais, vos deixo, que quando me venceis, vos resisto?

Que achastes vòs em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutriñas? Que bons exemplos? Que serviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? E emfim, que accão, que fosse meritoria? Que obra, que nam fosse ingratidão? Que erro, que nam fosse delito? Este foi o peior que este : & este sou eu o peior de todos, servo inutil, & sem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem preverso, & com mil vi-

306 *A admiravel Oraçam do*  
cios; peleido, & marmore, & não servò.  
Que com razam cuido, que sou odio ~~des~~  
Anjos, & dos Santos, abominaçam dos  
nascidos, aborrecimento dos Cèos, & fas-  
tio de todo o Mundo.

Se pois, meu Pay, & meu Senhor,  
fendo eu peior que isto tudo, ainda maior  
que tudo foi a vossa misericordia: Co-  
mo por todos os preversos, como por to-  
dos os peiores vos nam pedirei perdam?  
Se as vossas entranhas, meu Deos, fendo  
todas misericordia, nam pòdem sofrerse  
hum instante, que nam acudam aos ge-  
midos, que huma alma dà dentro na cul-  
pa? Serà possivel meu Senhor, que ve-  
jais vòs huma só lagrima de hum coraçam  
arrependido, sem que venhais correndo  
a ella, mais do que corre pera vos? So-  
frervosha o coraçam, ver entre os lobos  
infernais a vossa ovelhinha perdida, sem  
que ao balido menos brando, sem que ao  
clamor menos dorido, a nam defendais do  
seu dano, & a não ponhais aos vossos hó-  
bros.

Nam viestes vòs qua ao mundo a sal-  
var

Vai os peccadores? Pois nam os rãos, mas  
 enfermos necessitam da medicina. Lo-  
 go, meu Pay, & meu Senhor, razam ten-  
 des de perdoar, & a tenho eu de vos pedir,  
 pois entre o Mundo, & entre vòs me fi-  
 zestes seu medianeiro. Faça já paz o Céo,  
 & a terra: Obedeçase à Ley da Graça, & a-  
 cabese o Reyno da culpa para esse coração  
 naó ver nas campanhas do peccado tantos  
 cadaveres do vicio; achar nos imperios da  
 morte tanta jurisdiçam nas almas; pòr nos  
 carceres dos Infernos tantos prezioneiros  
 do Demonio; & ver nas batalhas do Mû-  
 do tam poucos trofeos da razam, tam pou-  
 cos triunfos da Graça.

*É nam nos deixeis cahir em tentação.*

**P**orque ninguem, meu Creador, co-  
 mo vòs sabe as nossas forças. E se  
 me haveis de levantar sofrendo a injuria,  
 que vòs faço, para que he deixarme ca-  
 hir, vendo a minha fragilidade, & sa-  
 bendo o pouco, que presto? Mas oh meu

*A admiravel Oraçam do  
Deos, & quantas vezes para cahir bem na  
razão, sendo o meu mal haver cahido o  
conhecello me foy util? Como ~~me~~ co-  
nhecéra eu, como vira bem o que sou, se  
sem temer o que estou sendo, me nam  
leembrara do que hey sido? Como serei,  
qual vòs quereis, ou qual ao menos me he  
possivel, se me nam lembrar, que fui na-  
da? Se me nam conhecer, que sou terra?  
E se nam vir, que serei cinza?*

Aquelles cegos precipicios, com que  
me puz de vòs tam longe na escura re-  
gião do vicio, nos remotos climas da cul-  
pa, que saó senão despertadores, com que  
hojé me ponho à luta para nam tornar a  
cahir, & para nam tornar a peccar? Que  
saó hoje, lenam huns medos, que faz a  
razão à vontade com os desterrros de seu  
Bem, & com os vultos de seu Mal.

Aqui parece, que as memorias nos es-  
tragos do coraçam pintam as Troias, &  
Carthagos, que tem as almas dentro em  
sy, quando em sy tem seus delitos. Aqui  
parece, que ainda fumam as ruinas da  
perdição a ser da vida dezenganos, & das

vai-

vaidades escarmentos. Aqui parece, que  
nada mostraó aquelle engano venerado,  
aqueilla fabrica mentida do falso bem,  
que idolatramos, do certo mal, que em  
nós metemos. Sirvão para isso, meu  
Deos, & Creador, os avizos do mal: Sir-  
vam me para prevenir os futuros, pois ne-  
ste meu Entendimento senam acham ou-  
tros avizos. Prèguem me os vicios, & os  
enganos, em o pouco que saó de dura, &  
em os castigos, que tem, pois nam quiz  
ouvir a razão, & os dezenganos, que me  
dava Ensinem me os mesmos peccados  
a torpeza, que tem consigo, pois nam es-  
cutei às virtudes a graça, com que me a-  
trahião. Arrastem-me a ver os seus fins  
as vaidades, & ambiçoens, pois nam bas-  
tou o exemplo alheio a meterme na alma a  
razão. E emfim, leveme a ver meu erro o  
mesmo erro, em que cahiu; para que desta  
grande queda, a dor me sirva de lembran-  
ça, & a memoria de medicina.

Porém fazei, que em vossos braços  
me aperte, & una de maneira, que nunca  
mais, meu Redemptor, perca de vista os

310 *A aamirável Oraçam do*  
vossos olhos sahindo de vossa presençā;  
nunca mais me aparte de mim , fugind  
de vossa lembrança ; nem com a minha  
perdiçam queira comprar a vossa injuria.  
Se achei graça nos vossos olhos tornem-  
me a ver benignamente. E aceitandome  
hum coraçam , que ao vosso peito resti-  
tuo, nam desprezando huma vontade,  
que ponho já nas vossas mãos; antes er-  
guendo o meu espirito , seja de ambos;  
meu , pera vo lo offerecer, vosso, para o  
melhorar. Se atègora cahi em culpas;  
vós podeis fazer, meu Senhor, com que  
hoje vos caya em graça. Se atèqui me  
precipitei; vós podeis erguerme daqui.  
E se ainda nam estou erguido, deixaime,  
meu Deos , humilhado. Daime humil-  
dade, meu Senhor ; pois nam se segura o  
edificio com a pedra, que o coroa, senam  
com a que o sustenta. Menos mal me faz  
todo o Mundo, menos a Carne, & o De-  
monio, que este amor proprio, que mil  
vezes he o meu mal , & o meu estrago.  
Vistase este de humildade, & amortalhe-  
se no desprezo destas chimeras fabulosas,

com

com que se doura o seu perigo: metase debaixo dos pés de todo o Mundo, & criatura, & conheçase por peior de tudo o mão que ha neste seculo; para que debaixo dos pés nam se me erga o precipicio, & sempre diante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

*Mas liurainos de todo o mal. Amen.*

**F**azendonos já conhecer, que nam ha mais mal que offendervos, nem outro bem mais, que servirvos. Esta seja a minha ambição, a minha honra, o meu recreio; & tudo o mais, o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Huma leve venialdade, hum pensamento indiferente, & huma só palavra ociosa sejam horror dos meus sentidos, aslombro do meu dezengano, & medos do meu escarmento. Naó faça a alma pouco caso disto, q parece pouco, quádo qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vós parece muito.

*Ande a minha alma, meu Senhor,*  
**V**iiij

tam limpa na vossa presençā destas man-  
chas, & destas nodoas, viva tam puro  
coraçam sem estas sombras, & fealdades,  
que se namorem vossos olhos, senam da  
sua fermosura, ao menos da sua pureza,  
quando nam das suas perfeiçōens, ao me-  
nos dos seus recatos. Sede para isto meu  
espelho, em cujo lume, & claridade se acla-  
re o lume dos meus olhos, & se concerte a  
minha vida, enfeitando as minhas acçōens  
com a vista do vosso exemplo, para que eu  
assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu,  
nam dos males, que sente o Mundo; isto  
saó, as tribulaçōens, enfermidades, & fa-  
digas, com que se afflige a natureza, com  
que às vezes gosta a Graça, porque com  
ellas se acrissolla: mas daquelles males  
do espirito, que com apparencia de bens,  
saó precipicio da ignorancia, com q̄ per-  
demos a humildade, & nos desvanece a  
ruina, porque no primeiro perigo pode-  
mos ser como soldados, aquem fez dano  
daremlhe azas, pois forçandoas para voar,  
não emfim para cahir.

Hum sonhar que temos virtudes, hūas  
 m~~u~~ltidas humildades hipocrezia da vāa-  
 gloria, hum nam fugir às estimaçãoens, &  
 hum nam entrar dentro de nós, & naō co-  
 nhecer miudamente, que tudo o que he  
 bom, que he de Deos; que tudo o que he  
 mão, he só nosso: hum pôr o thesouro na  
 estrada, para que o roube quem o vê;  
 hū julgarnos muito seguros no meio das  
 ondas do seculo, não recear o temporal, q  
 de hum azincho se occasiona; porque o  
 Cèo se nos mostra claro; & antes de estar  
 certo no porto, nam temer as Sirtes,  
 & os mares, nam he sómente achaque da  
 alma, mas he a peste das virtudes, & o sin-  
 tōma maior do espirito: de que eu peço q  
 me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu  
 Senhor.

Que tenho eu bom, que vossa nam  
 seja? Que acho eu em mim destas rique-  
 zas, de tantos beneficios vossos, que este-  
 ja em mim, mais que em deposito, para  
 que vós possais tirallo todas as vezes que  
 vos parecer? indigno sou, meu Creador,  
 de q inda assim vossos thesouros se fiem  
 de

de quem tam mal os guardou. Porém nunca vós permitais, que eu desconheça o que em mim ha; ou me levante com o vosso. Vós me destes o Entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu Senhor, que nam recebesse de vós? Por ventura o pô, & cinza vangloriarseha do nada, que he só mente o que tem de seu? Prezarleha hum vil bichinho daquelle nam ser, que só teve, em quanto nam quizestes que fosse? E jaçtarseha o peccador da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh nam permitais, meu Senhor, que com tam cegas confianças se offendara vossos beneficios! Abaixe as vellas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razam, encolhase sempre a humildade, & nam se louve nunca a Graça destas traiçoens da natureza. Temavos sempre muito a vós, quem se teme tanto de sy, & nam se ame a sy em nada, quem vos ama a vós sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens boas

5  
boas nam se me passie todo o tempo; pois  
a prova de algumas dellas pôde ensinar me  
no custoso, quam outro sou do que imagi-  
no. Nem vós queirais, que as suavidades,  
& aquelles doces sentimentos, que às ve-  
zes tem, quem vos assiste, sejão Serèas en-  
ganosas, que me elevem no meu perigo:  
Antes, meu Deos, me dai a Cruz com que  
puder; & conheça eu, que ma dais, para q  
a estime como joya, para que a abrace co-  
-prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, te-  
nha eu entrada com volco, subindo-me  
muito por ella, pois ella he a Taboa em  
que me escapo dos naufragios do mar do  
mundo; pois he a Escada, porque subo ao  
voso celestial Palacio: E he també a Cha-  
ve dourada do voso melhor apozéto. Su-  
ba por ella até o centro, onde só acho a mi-  
nha origem, & abra có ella em voso peito  
as portas dessé Coraçam, onde só tenho o  
meu bem todo, & onde vivo o meti amor  
por todos os sempres.

E se, meu Pay, este desejo; se meu  
Senhor, esta humildade; se, meu Deos,  
esta,

*A admiravel Oraçam do*  
esta Oraçam he conforme à vosla vontade; para que sempre assim vos baneque, para que sempre assim me postre, para que sempre isto vos peça, digaó os Céos, & a Terra: Amen.

F I M.



mc

M

